



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ENSINO DE LÍNGUA E  
LITERATURA**

**NILO MARINHO PEREIRA JUNIOR**

**A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PROFESSOR SEVERINO FRANCISCO E  
SUAS AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA NA UFT.**

**ARAGUAÍNA (TO)**

**2019**

NILO MARINHO PEREIRA JUNIOR

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PROFESSOR SEVERINO FRANCISCO E  
SUAS AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA NA UFT.

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Letras: ensino de  
Língua e Literatura, como requisito  
parcial à obtenção do grau de Mestre em  
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria da Silva  
Medeiros

ARAGUAÍNA (TO)

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

P436b Pereira Junior, Nilo Marinho.

A Biblioteca Universitária "Prof. Severino Francisco" e suas ações de incentivo à Leitura na UFT. / Nilo Marinho Pereira Junior. – Araguaina, TO, 2019.

139 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaina - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2019.

Orientadora : Valéria da Silva Medeiros

1. Leitura Literária. 2. Biblioteca Universitária. 3. Incentivo à Leitura. 4. Políticas Públicas de Leitura. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

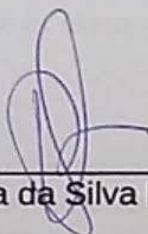
NILO MARINHO PEREIRA JUNIOR

**A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA "PROFESSOR SEVERINO FRANCISCO"  
E SUAS AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA NA UFT**

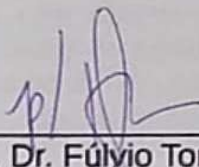
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, Mestrado em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre sob orientação da Profa. Dra. Valéria da Silva Medeiros.

Aprovada em: 28, 08, 2019

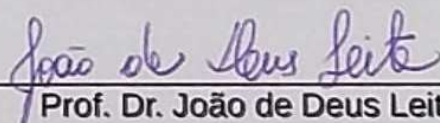
BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Valéria da Silva Medeiros (Orientadora)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Fúlvio Torres Flores (UNIVASF)  
Participação por videoconferência



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João de Deus Leite (UFT)

*O bem de um livro reside em ser lido. Um livro é feito de signos que falam de outros signos, os quais por sua vez falam das coisas. Sem um olho que o leia, um livro é portador de signos que não produzem conceitos, e, portanto, é mudo. Esta biblioteca nasceu talvez para salvar os livros que contém... (Umberto Eco, O Nome da Rosa)*

*...a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (Antônio Cândido, O Direito à Literatura)*

*Mas, assim mesmo, amo a biblioteca e, se não vou lá, leio-lhe sempre as notícias. A estatística dos seus leitores é sempre provocadora de interrogações. (Lima Barreto, A Biblioteca)*

*Aos meus avós José Nonato Fonseca (in memoriam)  
e Branca Aurora; à minha mãe Sônia Fonseca, à  
minha tia Leia Fonseca e ao meu irmão José  
Augusto, por todo o amor nas horas certas e  
incertas.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiro ao meu Deus Uno e Trino que sempre me amou e fortaleceu, especialmente neste desafio, caminhando ao meu lado como na estrada de Emaús.

À minha mãe Sônia, à minha tia Leia e ao meu irmão Augusto, por serem meus maiores incentivadores e por serem meu porto seguro sempre.

Aos meus tios José Nonato Filho (in memorian) e Vivaldo Fonseca que muito contribuíram com minha formação de vida.

Às minhas queridas Domingas Quaresma (minha madrinha), Maria Quintero, Ana Cláudia e Jéssica Quaresma pela torcida por minha vitória.

À professora doutora Valéria Medeiros, orientadora deste trabalho.

Aos professores João de Deus e Fúlvio Flores, pela disponibilidade nas bancas de qualificação e defesa, especialmente, pelas brilhantes observações que contribuíram para finalização deste trabalho.

Aos professores do PPGL que contribuíram com minha formação durante o percurso do mestrado. De forma especial, aos professores Eliana Testa, Luiz Roberto Peel, Luiza Helena, Márcio Melo e Francisco Edviges, que, com palavras, com textos e com preocupações, demonstraram carinho durante essa caminhada.

À UFT, que, por meio do programa Quali+, possibilitou a realização deste mestrado.

Aos amigos Leomar, Edileuza e Núbia, que estiveram presentes nestes momentos de luta e, muitas vezes, compartilharam dos sorrisos e das lágrimas.

Aos amigos Leontina Nascimento, Simone Diniz, Kátia Cidalina, Gracelyne Oliveira, André Ricardo, Cristiane Alves, Jeime Alves e Adriana Alves, que acompanharam o processo doloroso para entrar no programa e deram muita força para continuar.

Aos amigos Andréia de Carvalho, Cleriene Feitosa, Doriédson Alves, Edlon Correa, Elen Correa, Ester Arero, Janikelly Lima, Jonas e Fabrícia Santos, Gesiane Costa, Gisele Maria, Gustavo Martins e Leilane Leal, José Amilson, Karol Sousa, Larissa Araújo, Letícia Araújo, Lisonete Lira, Mirian Deboni e Rafael Almeida, que sempre torceram por mim, sempre tinham uma palavra de carinho ou apenas ouviram meus desabafos, pelos sorrisos e pelas descontrações que tornaram o caminhar mais suave.

As biblioursetes Néia Silva, Rita, Priscila, Nilzete, Kátia, Lúcia, Suzana, Kilvya, Mariana e Li Barros, pelas gargalhadas, parcerias e carinho compartilhado.

Aos bibliotecários do SISBIB e amigos Emanuele Eralda, Núbia Nascimento, Edson e Atilena Oliveira, Roseane Pires, que, mesmo em outros câmpus tornaram-se mais que colegas de profissão e muito contribuíram, motivando-me nessa etapa de crescimento profissional.

A equipe da biblioteca “Professor Severino Francisco”, que, além de somarem forças para oferecer o melhor para nossos usuários e permitir que esta pesquisa fosse realizada, também ajudaram de forma direta ou indireta no meu percurso formativo.

Aos servidores técnicos administrativos e docentes da UFT câmpus de Araguaína – Unidade Cimba, que, de alguma forma, foram solidários e contribuíram comigo neste período de formação.

## RESUMO

A leitura, desde seu surgimento, tem sido essencial para o desenvolvimento humano, sendo uma necessidade que deveria ser trabalhada desde o início da vida educacional do indivíduo. Contudo, muitos alunos têm chegado à universidade sem habilidades adequadas de leitura e de escrita, dificultando o aprendizado no ensino superior. Desta forma, é importante que sejam realizadas ações que colaborem para que os acadêmicos, procurem desenvolver um maior contato com a leitura e, assim, utilizá-la para seu desenvolvimento pessoal e profissional, deixando o patamar de decodificador para se tornar um leitor proficiente. A biblioteca tem sido uma companheira na história da leitura, ao armazenar seu suporte e, hoje, tem assumido um papel importante no processo de incentivo à leitura. Partindo do pressuposto de que diversos alunos chegam à universidade apresentando dificuldades com a leitura, não sendo leitores proficientes, este trabalho é realizado objetivando analisar a relevância das ações de incentivo à leitura realizadas no âmbito da biblioteca universitária Professor Severino Francisco, da UFT câmpus de Araguaína. A pesquisa tem caráter descritivo com uma abordagem qualitativa. Por meio da pesquisa bibliográfica, autores como Schwarcz (2002), Battles (2003), Baratin e Jacob (2008) foram utilizados para apresentar um breve percurso histórico de como a biblioteca e a leitura perpetuaram-se no tempo e como elas continuam sendo primordiais para o desenvolvimento humano. Merece destaque a obra “*O nome da Rosa*”, de Umberto Eco (2003), que ilustra bem, por meio da ficção, a importância da leitura e da biblioteca na história. Foram utilizados autores como Cândido (2017) e Perrone-Moisés (2016) para mostrar a importância da literatura na vida do indivíduo; de forma especial, a partir de leituras literárias que colaboram para a melhoria das habilidades críticas e humanas do aluno, influenciando em sua formação acadêmica. Também foram analisadas algumas Políticas Públicas de leitura e como elas tratam as bibliotecas. Utilizando-se relatórios institucionais, registros de empréstimos da biblioteca e questionários, foram analisadas a relação dos alunos com os livros literários e a biblioteca, permitindo conhecer algumas características dos alunos que frequentam as bibliotecas e como eles têm utilizado os livros literários no seu percurso acadêmico. Por fim, foram apresentadas algumas ações de incentivo à leitura realizadas pela biblioteca Professor Severino Francisco na UFT. Ao final desta pesquisa, conclui-se que a leitura literária é muito importante para formação crítica e humana do ser humano, levando-o, do patamar de decodificador, para leitor proficiente, sendo importante seu incentivo, também, na universidade. Nesse sentido, a biblioteca tem um papel importante nesse processo, podendo contribuir com a instituição e com os diversos cursos para levar ações de leituras literárias para toda comunidade acadêmica e comunidade geral.

**PALAVRA-CHAVE:** Leitura Literária; Biblioteca Universitária; Incentivo à leitura; Políticas públicas de leitura.



## ABSTRACT

Reading, since its inception, has been essential for human development, being a necessity that should be addressed from the beginning of an individual's educational life. However, many students have come to university without adequate reading and writing skills, making learning in higher education difficult. Thus, it is important that actions are taken to collaborate so that academics seek to develop greater contact with reading and, thus, use it for their personal and professional development, leaving the decoder level to become a proficient reader. The library has been a companion in the history of reading by storing its support, and today it has assumed an important role in the process of encouraging reading. Assuming that several students arrive at the university with reading difficulties, not being proficient readers, this work is carried out aiming to analyze the relevance of the reading incentive actions carried out in the university library Teacher Severino Francisco, from UFT Araguaína Campus. The research has a descriptive character with a qualitative approach. Through bibliographic research, authors such as Schwarcz (2002), Battles (2003), Baratin and Jacob (2008) were used to present a brief historical background of how library and reading have perpetuated over time and how they remain primordial for human development. One of the highlights is Umberto Eco's (2003) *The Name of the Rose*, which illustrates well, through fiction, the importance of reading and the library in history. Authors such as Cândido (2017) and Perrone-Moisés (2016) were used to show the importance of literature in the individual's life; in a special way, from literary readings that contribute to the improvement of the student's critical and human skills, influencing their academic formation. Some Public Reading Policies and how they treat libraries are also analyzed. Using institutional reports, library loan records and questionnaires, we analyzed the relationship of students with literary books and the library, allowing to know some characteristics of students who attend libraries and how they have used literary books in their academic career. . Finally, some reading incentive actions presented by the professor Severino Francisco library at UFT were presented. At the end of this research, it is concluded that literary reading is very important for the critical and human formation of the human being, taking him, from the decoder level, to a proficient reader, being important his encouragement, also, in the university. In this sense, the library plays an important role in this process and can contribute to the institution and the various courses to bring literary reading actions to the entire academic community and the general community.

**KEYWORD:** Literary Reading; University Library; Reading Incentive; Reading Public Politics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estado do Tocantins com Câmpus da UFT.....	82
Figura 2 – Evolução das Logomarcas da UFT. ....	85
Figura 3 – Novo Prédio da Biblioteca Professor Severino Francisco. ....	94
Figura 4 – Momentos da I Semana da Biblioteca e dia do Livro. ....	116
Figura 5 – Cartaz da I Semana do Livro e da Biblioteca da UFT. ....	117
Figura 6 – Cartaz II Semana do Livro e das Bibliotecas da UFT.....	118
Figura 7 – Cartaz da III Semana do Livro e das Bibliotecas da UFT.....	119
Figura 8 – Momentos da Roda de Conversa “Falando de Leitura”.....	121
Figura 9 – Momentos da Roda de Conversa “Além da Leitura”.....	122
Gráfico 1 – Quantitativo de Títulos do Acervo Geral. ....	96
Gráfico 2 – Quantitativo de Empréstimos e Renovações. ....	98
Gráfico 3 – Livros por Área de Conhecimento. ....	99
Gráfico 4 – Quantitativo de empréstimo por assunto. ....	100
Gráfico 5 – Quantidade de alunos por curso que emprestaram livros literários.....	103
Gráfico 6 – Comparativo de empréstimos de livros literários entre o curso de letras e outros cursos da Unidade Cimba – Câmpus Araguaína. ....	103
Gráfico 7 – Empréstimos de livros literários por turno. ....	104
Gráfico 8 – Relação de empréstimos de livros literários por sexo. ....	105
Gráfico 9 – Alunos participantes da pesquisa por curso. ....	107
Gráfico 10 – Interesse pela Leitura.....	107
Gráfico 11 – Tipo de Leitura realizada com mais frequência. ....	108
Gráfico 12 – Quantidade de Livros Literários lidos por ano. ....	109
Gráfico 13 – Contato dos alunos com biblioteca antes de entrar na universidade. ....	109
Gráfico 14 – Frequência dos alunos na biblioteca.....	110
Gráfico 15 – Utilização da biblioteca. ....	110
Gráfico 16 – Biblioteca como bom lugar para leitura. ....	111
Quadro 1 – Livros literários mais emprestados nos anos de 2012 e de 2017.....	101
Quadro 2 – Obras apresentadas na Roda de Conversa “Além da Leitura”. ....	123

## LISTA DE SIGLAS

BDT – Banco de Dissertações e Teses

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDA – Conselho Diretor do Câmpus de Araguaína

CONSEPE – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

CONSUNI – Conselho Universitário

EMVZ – Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

Inaf – Indicador de Analfabetismo Funcional

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INL – Instituto Nacional do Livro

MEC – Ministério da Educação

PARFOR – Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNLL – Plano Nacional do Livro e da Literatura

PPC – Projeto Pedagógico de Curso

PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras

RiUFT – Repositório Institucional da UFT

SIE – Sistema de Informação para o Ensino

SISBIB – Sistema de Bibliotecas

UFT – Universidade Federal do Tocantins

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNITINS – Universidade do Tocantins

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 A BIBLIOTECA COMO GUARDIÃ DOS LIVROS E FONTE DE LEITURA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Bibliotecas da Antiguidade: nascimento e perpetuação da escrita e da leitura.....</b>	<b>21</b>
2.1.1 Biblioteca de Nínive ou Mesopotâmica: preservação da primeira escrita .....	22
2.1.2 Biblioteca de Alexandria .....	23
2.1.3 Biblioteca de Pérgamo .....	26
2.1.4 Bibliotecas Romanas .....	27
<b>2.2 A Biblioteca no período medieval: dos mosteiros às universidades.....</b>	<b>29</b>
2.2.1 Bibliotecas Monásticas.....	29
2.2.2 Bibliotecas Universitárias.....	33
<b>2.3 Biblioteca na Modernidade: do papel ao digital .....</b>	<b>36</b>
<b>2.4 Bibliotecas no Brasil .....</b>	<b>41</b>
2.4.1 Bibliotecas dos conventos e particulares.....	41
2.4.2 Biblioteca Nacional .....	43
2.4.3 Biblioteca Pública da Bahia .....	47
<b>3 O LEITOR LITERÁRIO NA UNIVERSIDADE.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1 A Leitura e sua presença na universidade.....</b>	<b>51</b>
3.1.1 Leitura: decodificar e compreender.....	56
3.1.2 Leitura Literária.....	58
<b>3.2 A presença das bibliotecas nas políticas públicas de leitura .....</b>	<b>63</b>
3.2.1 Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER).....	65
3.2.2 Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE).....	66
3.2.3 Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) .....	67
3.2.4 Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE).....	69
<b>3.3 A biblioteca como espaço de formação de leitores.....</b>	<b>72</b>
<b>4 A BIBLIOTECA PROFESSOR SEVERINO FRANCISCO E O LEITOR LITERÁRIO NA UFT..</b>	<b>79</b>
<b>4.1 A Universidade Federal do Tocantins .....</b>	<b>80</b>
4.1.1 Sistema de Bibliotecas (SISBIB).....	86
4.1.2 Câmpus de Araguaína .....	87
<b>4.2 A Biblioteca Professor Severino Francisco, do Câmpus de Araguaína .....</b>	<b>89</b>
4.2.1 Um pouco da história da Biblioteca “Professor Severino Francisco” .....	90
4.2.2 Acervo e Serviços: a biblioteca em desenvolvimento.....	95
4.2.3 Empréstimos de livros literários .....	101
<b>4.3 Um certo leitor da UFT .....</b>	<b>105</b>
4.3.1 Idade e Curso .....	106
4.3.2 Relação Aluno e Leitura .....	107
4.3.3 Relação Aluno e Biblioteca.....	109
4.3.4 Perfil do Leitor.....	112
<b>4.4 Ações de Incentivo à Leitura na Biblioteca Professor Severino Francisco .....</b>	<b>112</b>
4.4.1 Projeto “O que você quer Ler?” .....	114
4.4.2 Semana do Livro e das Bibliotecas .....	115
4.4.3 Rodas de conversa: falando sobre leitura.....	120

<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.....</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE B – LEVANTAMENTO DE LIVROS LITERÁRIOS EMPRESTADOS NO SIE .....</b>	<b>139</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ter domínio da leitura é fundamental, para que as pessoas tenham um bom desenvolvimento na vida acadêmica, bem como em todo o percurso para alcançá-la. Contudo, infelizmente, não é o que indicam os dados do Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf; “cerca de 3 a cada 10 brasileiros – têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana [...]” (INAF, 2018, p. 8). Vemos que a maioria dos brasileiros vivem em situação crítica, no que se refere à leitura e às exigências das situações diárias.

Ainda contribuindo com os dados do Inaf, temos a pesquisa Retratos do Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro realizada em 2015, utilizando, como critérios para que uma pessoa seja considerada leitora, ter lido pelo menos um livro inteiro ou em partes. Nos três meses que antecederam à pesquisa, 44% da população é considerada não leitora (INSTITUTO PRÓ-LER, 2015, p.128). Este número bastante expressivo mostra a importância de nos preocuparmos com a leitura em todos os níveis de formação escolar do indivíduo.

Na vida escolar, quando a criança começa a ter contato com o ensino básico, já lhe são apresentadas as primeiras letras, para que comece, mesmo que de uma forma inicial, a desenvolver suas habilidades de decodificação, e assim deveria, gradativamente, continuar até o ensino acadêmico, em que este indivíduo deveria ter uma formação de leitura, para que pudesse ter mais facilidade no seu aprendizado e na sua vida.

Contudo, no meio deste processo de formação escolar, por algum motivo, como falta de tempo, falta de interesse ou mesmo pela situação financeira precária, muitos não conseguem desenvolver um relacionamento mais consistente com a leitura e com a escrita, tornando, assim, leitores e escritores que pouco avançam nas habilidades de leitura e de escrita, ficando num patamar superficial, conseguindo até decodificar textos, porém apresentam dificuldades para se posicionar e opinar sobre o texto. De acordo com o Inaf (2018), esses leitores podem ser considerados como Alfabetizados Funcionais de nível Elementar ou Intermediário.

Sanyheire Rios (2004, p. 95), ao ponderar que “o leitor que temos em nossas salas de aula encontra-se, geralmente, apenas na esfera da decodificação de textos”, confirma que muitos indivíduos permanecem num padrão de leitura básico, não conseguindo avançar e utilizar a leitura para a resolução de problemas e de interpretação do mundo que o rodeia.

Infelizmente, neste contexto, muitas pessoas, chegam à vida acadêmica com poucas habilidades de leitura desenvolvidas. Flávia Rosa; Nanci Oddone (2006) destacam que, ao chegar à universidade, a maioria dos alunos não possui suas habilidades leitoras amadurecidas, conseguindo apenas decodificar a informação. É preciso ressaltar que o decodificar é parte muito importante na vida do leitor, por ser a porta de entrada, para que ele desenvolva a capacidade de ler, de interpretar e de transformar a leitura em conhecimento prático.

Mas este leitor não pode ficar apenas nesse patamar da decodificação, é necessário que, de fato, ele se proponha a adentrar em outras habilidades que a leitura lhe permite, tais como compreender e interpretar textos com mais propriedade, conseguindo tomar partido e manifestar opinião a favor ou contrária ao que o autor manifestou, sem contar a possibilidade de aplicar o que leu ao seu dia a dia, conforme suas necessidades.

Para desenvolver essas habilidades, é importante que se tenha contato com a leitura literária que, para além de textos estéticos e artísticos, como é definida a literatura por alguns dicionários, por exemplo *Oxford* e o francês *Le Robert*, são fundamentais para desenvolver o senso crítico e realista do indivíduo. A literatura, como defende Perrone-Moisés (2016), leva o leitor a conhecer mais, pois ela permite ao leitor a questionar e a confrontar, criticamente, a realidade circundante.

Voltando para o cenário universitário, podemos dizer que, embora os indivíduos não tenham desenvolvido plenamente as habilidades leitoras, ainda há muito o que se fazer por eles, pois a leitura é algo que a qualquer momento pode ser trabalhada e fomentada em qualquer indivíduo. Mesmo após onze anos de educação básica no mínimo, ainda há chance de formar leitores na universidade, de forma especial com ajuda de leituras literárias como nos mostra Rios (2004) ao destacar que:

A leitura é, essencialmente, processual e adquirível a qualquer indivíduo, pois ativa habilidades presentes em todos, mas que precisam ser eficientemente manipuladas para que possam resultar nas estratégias necessárias à compreensão leitora. (RIOS, 2004, p. 96)

Fica claro, também, que é fundamental uma formação voltada para esta leitura, para que o leitor consiga sair do patamar de Alfabetizado Funcional Elementar e/ou Intermediário chegando ao nível proficiente, de modo a conseguir aproveitar as habilidades desenvolvidas, podendo, assim, ter mais resultados que ajudem em seu desenvolvimento.

Neste momento, temos o papel da biblioteca, que se coloca como um ambiente propício para fazer com que o usuário tenha uma nova experiência com a leitura literária,

deixando apenas aquela experiência de sala de aula, que, muitas vezes, é a única oportunidade que o aluno terá com a leitura. Borba (1999, *apud* CASTRO FILHO, 2012, p. 31) defende que deve existir uma quebra na rotina da leitura, seja ela didática, obrigatória ou qualquer outro jeito, tendo essa leitura que ser executada em um ambiente específico para tal. A biblioteca se encaixa totalmente nesta descrição de Borba (1999), pois é um ambiente propício para a leitura, onde, além de um espaço agradável, o aluno tem ao alcance de suas mãos acesso a diversos livros.

Também é importante vermos a biblioteca como responsável por suscitar entre seus usuários o debate sobre questões sociais que interfiram diretamente na sociedade. Para Castrillon (2011, p. 36), as bibliotecas precisam ir além de suas funções básicas e passar a promover discussões sobre “maiorias e minorias”, permitindo para que os mais diversos públicos tenham acesso à informação em busca de respostas aos seus questionamentos.

Na biblioteca, o leitor tem acesso a diversas literaturas que podem ser exploradas, com o intuito de desenvolver cada vez mais suas habilidades com a leitura, podendo este leitor ter a liberdade para escolher o que deseja ler, de acordo com a sua vontade. Sendo também um local propício para aqueles que não possuem recursos para comprar livros, pois, nas bibliotecas, eles podem ser acessados de forma gratuita.

Em relação à formação do leitor literário, a biblioteca pode ser considerada como uma mediadora, pois ela seleciona e disponibiliza diversos materiais que poderão interessar ao leitor e, dependendo da forma que a biblioteca trabalhe, esta pode atender diretamente a necessidade do usuário. Castro Filho (2012, p. 33) mostra a importância da biblioteca para seus leitores, ponderando que:

[...] a biblioteca deve ser participativa com os seus leitores, uma vez que ela seleciona o acervo e adquire obras levando em conta o perfil dos seus leitores e o público que irá saborear as palavras. Daí o seu papel de uma espécie de aconselhamento que consiste na indicação de obras para o leitor, o que não nos deixa esquecer as palavras de Ranganathan, quais sejam, “todo leitor tem o seu livro e todo livro tem o seu leitor”. (CASTRO FILHO, 2012, p. 33)

É importante ressaltar que o maior motivador para o desenvolvimento da leitura é que o leitor tenha, principalmente, prazer com o material que irá ler, e esse prazer, como é citado por Castro Filho (2012), faz parte da função da biblioteca, que, depois de traçar o perfil de seu usuário, pode ser mais direta ao indicar leituras que o ajudem a desenvolver ainda mais o ato de ler.



Ainda com base na citação anterior, vemos que todo leitor tem um livro específico para ele, como foi citado pelo pensador da biblioteconomia Ranganathan em suas leis que até hoje são atuais no exercício da biblioteconomia. Apoiados na Lei citada, o leitor que tem acesso ao livro certo, ou seja, aquele que atende sua necessidade ou que desperta sua curiosidade e encanto poderá experimentar novas experiências que facilitem o processo de seu crescimento, e faça com que, no futuro, este obtenha mais intimidade com a leitura, aproveitando melhor todas as possibilidades que vem junto com um leitor proficiente. Para Rangel (2004):

[...] se ao menos parte dos textos que o aluno leu foram de boa qualidade, e, melhor ainda, se a sua leitura foi significativa, chegou a mobilizar chaves interpretativas efetivamente literárias e de alguma atenção ao fato estético, é possível sair desse processo de escolarização com simpatia pela literatura e algumas referências de leitura indispensáveis ao leitor literário. (RANGEL, 2004, p. 149).

A partir do texto de Rangel (2004), não tem como não pensar na biblioteca como o melhor local para oferecer os melhores textos, sejam eles literários ou didáticos mais adequados para os leitores, podendo, assim, conceder-lhes uma melhor experiência com a leitura.

É importante que as bibliotecas, além de depositárias de acervos, passem a ter atividades que utilizem estes acervos para a formação de seus leitores. Bárbara Leitão (2005) afirma que muitos usuários desconhecem o potencial da biblioteca e o que ela pode oferecer para sua formação, precisando, assim, ser melhor utilizada, para que cumpra seu papel formador e não perca até mesmo seus investimentos.

Castro Filho (2012) defende a realização, em conjunto com coordenações pedagógicas, de projetos que utilizem os materiais disponíveis nas bibliotecas, em especial projetos que valorizem o espaço da biblioteca como local de leitura.

Para o desenvolvimento desses projetos que valorizem tanto a leitura como o espaço das bibliotecas, é primordial a utilização de Políticas Públicas que se interessem em promover mudanças significativas nos usuários das bibliotecas. De acordo com Rosa (2006), a política pública é um resultado da vontade de avanço e desejo de mudança em relação a determinadas situações. Desta forma, podemos dizer que, por meio delas, as bibliotecas, também, podem contribuir para a mudança de seus leitores decodificadores, para que se tornem leitores proficientes.

Para que bons leitores sejam formados, é muito importante que sejam oferecidos a estes materiais que colaborem com esta boa formação, como bons livros que despertem

e que alimentem cada vez mais o desejo pela leitura. Neste contexto, é que entra a biblioteca em jogo, pois nela estão os mais variados livros que podem servir como suporte para a formação de leitores literários, principalmente com a utilização de ações que os motivem para este tipo de leitura. Por meio das bibliotecas, é que pode ser dada a oportunidade para que pessoas tenham contato com livros técnicos, e também com livros literários, sendo, assim, utilizados para desenvolver o gosto por esse tipo de leitura.

Valendo-nos do pensamento de Magda Soares (1999), de que a escola pode ser a única oportunidade de leitura de textos literários para as crianças, podemos também dizer que a biblioteca universitária pode ser, para muitos acadêmicos, a única oportunidade de acesso a produções literárias, tendo esta biblioteca um papel muito importante na formação de leitores.

Com base nas palavras de Ricardo Azevedo (2004, p. 39), ao dizer que “(...) para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação”, ressaltamos que a biblioteca também faz este papel de intermediário entre o leitor e o texto a ser lido, podendo esta intervenção ser cada vez mais proveitosa para motivar e formar este leitor na universidade.

No que se refere à biblioteca Professor Severino Francisco, por ser uma biblioteca universitária, tem como principal objetivo atender as necessidades informacionais da comunidade acadêmica. Contudo, dada a realidade da cidade em que está inserida, ela acaba atendendo a mais comunidades, assumindo, assim, um papel social importantíssimo para a cidade de Araguaína e demais cidades da região.

Devido à escassez de bibliotecas públicas e à falta de um acervo atualizado e amplo nas bibliotecas existentes, a biblioteca Professor Severino Francisco tornou-se uma referência para quem busca um espaço adequado para estudo e pesquisa. Ela oferece ao público da região a oportunidade de acesso a livros e outros serviços que dificilmente estes teriam possibilidades.

Desta maneira, a biblioteca Professor Severino Francisco se apresenta como um diferencial, pois desde a sua criação tem tentado sair das funções comuns de catalogação e de classificação de livros, buscando levar aos seus usuários possibilidades de contato com a leitura literária. Essas ações têm tentado levar aos acadêmicos opções de leituras que, além de prazerosas, desenvolvam suas habilidades críticas de leitura.

A biblioteca, por ocupar um papel distinto na cidade de Araguaína e na região, também tem procurado oferecer a seu público externo, sendo alunos e/ou professores da

rede pública de ensino, oportunidades de contato com textos literários, buscando desenvolver um gosto maior, uma consciência da importância por este tipo de leitura.

A proposta desta pesquisa surge, a partir da observação que temos feito no dia a dia da biblioteca universitária em que trabalho, onde percebemos vários alunos emprestando diversos livros sejam didáticos ou literários, ou mesmo parando para ler no salão de estudo. Contudo, surgem algumas dúvidas como, por exemplo: será que estes alunos têm uma leitura proveitosa do material que utilizam? A biblioteca tem ajudado este aluno no seu processo de leitor? Os alunos leem por obrigação ou por prazer? Como esta biblioteca tem ajudado para que esses alunos sejam realmente leitores proficientes? Todos esses questionamentos levam ao interesse em saber: quem é este leitor? Qual o perfil dos leitores que utilizam a biblioteca e por que utilizam?

Esta pesquisa, no que se refere ao programa de Pós-Graduação de Letras: ensino de Língua e Literatura, enquadra-se na Linha de Pesquisa 2: Literatura, memória e identidade cultural em contextos de formação. Em especial na especificidade de estudos literários, ensino de literatura e formação de leitores. Pois, como já mencionamos, a biblioteca é um intermediário importante neste processo de formação do leitor, tendo papel fundamental na universidade, no que tange à vida e ao desenvolvimento acadêmico de seus usuários.

O local escolhido para a pesquisa foi a Biblioteca Professor Severino Francisco, da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína – Unidade Cimba. Tanto a biblioteca, como a própria UFT, são relativamente novas e ainda estão em fase de desenvolvimento e de estruturação, ainda voltada, principalmente, para o acervo. Sendo assim, ainda precisa ampliar suas atividades, saindo do contexto de armazenagem de acervo e passando a realizar ações que atendam os seus usuários de forma a desenvolver o interesse pela leitura.

No ano em que, finalmente, o prédio definitivo da biblioteca Professor Severino Francisco foi entregue, após dez anos da promessa de sua construção, a realização desta pesquisa torna-se significativa, pois seus resultados, além de mostrar um pouco de sua trajetória, servirá, também, como suporte para que a equipe da biblioteca conheça melhor seus usuários e o impacto de suas ações voltadas para o incentivo da leitura literária. Será possível poder pensar em mais e melhores atividades que incentivem principalmente os acadêmicos a terem contato com a literatura.

A dissertação parte do pressuposto de que muitos alunos chegam a universidade apresentando dificuldades com a leitura, não sendo leitores proficientes. Para mudar essa

realidade, é possível utilizar a leitura literária, objetivando desenvolver um pensamento crítico nos acadêmicos, além da leitura específica exigida nos cursos que frequentam.

A pesquisa foi desenvolvida a partir do objetivo geral de analisar a relevância das ações realizadas pela biblioteca Professor Severino Francisco, como promotora do interesse pela leitura literária entre os universitários da UFT. Esse objetivo derivou os seguintes objetivos específicos:

- Traçar um breve percurso da relação entre as bibliotecas e a perpetuação da leitura na história;
- Analisar a importância da leitura literária no desenvolvimento de leitores críticos na universidade;
- Destacar o papel social das bibliotecas como incentivadoras de leituras técnicas e literárias;
- Analisar como as políticas públicas de leitura contribuem para o incentivo à leitura e como apresentam as bibliotecas neste processo;
- Apresentar a relevância do trabalho da biblioteca “Professor Severino Francisco” para comunidade interna e externa da UFT;
- Demonstrar as ações de incentivo à leitura literária realizadas pela biblioteca “Professor Severino Francisco” e sua importância para a sociedade.

Com base no que é apresentado por Silvio L. Oliveira (2004), esta é uma pesquisa descritiva, na qual se mostrou a relação entre a biblioteca e o seu usuário, no que tange à formação de leitor. A pesquisa descritiva foi escolhida, pois permite ter um amplo conhecimento do comportamento de diversos fatores que influenciam em determinado fenômeno. No caso desta pesquisa, buscou-se ver como a biblioteca universitária influencia no processo de leitura literária dos alunos da UFT.

Cervo; Bervian; Da Silva (2007, p. 61) afirmam que a pesquisa descritiva “[...] busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas.”. Isso se aplica a esta pesquisa, pois foi analisada a relação entre indivíduo, biblioteca e a leitura.

A pesquisa teve abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (2001, p. 22), esta abordagem “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.”. Por meio desta abordagem, conforme ponderou Oliveira (2004), será analisado o que diferentes autores têm falado sobre os assuntos pesquisados, para que no fim se estabeleça conclusões a partir de pontos correlatos.

No que se refere aos dados da pesquisa qualitativa, Grahah Gibbs (2009) destacou que o mais comum a ser utilizado é o texto, podendo entre outros serem utilizados

diversos tipos de documentos. Neste caso, foram utilizados levantamentos bibliográficos, pesquisa documental e aplicação de questionário.

O desenvolvimento deste trabalho se deu a partir das seguintes etapas:

No primeiro momento, de pesquisa bibliográfica, foram utilizados livros, artigos e *sites* que pudessem oferecer conceitos e base teórica para as reflexões que foram propostas pela pesquisa. Foram utilizados autores como Manguel (2006; 2009), Schwarcz (2002), Milanese (2002), Moraes (1979) para refletir sobre a relação entre biblioteca e leitura. Para abordar a formação de leitores e a biblioteca, foram utilizados autores como Yunes (1995, 2009), Paulino (2004, 2006, 2008), Soares (2004, 2008, 2016), Leffa (1996) e Eco (1994), entre outros.

Também foram utilizadas pesquisas documentais, em que foram analisadas leis e decretos voltados para políticas públicas de leitura, com o intuito de saber como essas políticas apresentam as bibliotecas no processo de leitura e se existe alguma menção às bibliotecas universitárias.

Ainda foram analisados os relatórios gerados pela biblioteca, em que foram levantadas informações referentes às atividades da biblioteca, como frequência de empréstimos e de consultas na biblioteca, bem como averiguação do tipo de material mais procurado pelos leitores, a fim de conhecer as preferências de leituras dos usuários da biblioteca e, com isso, identificar se eles, ao procurar a biblioteca, fazem-no apenas para cumprir com seu currículo acadêmico ou se, também, pelo gosto e desenvolvimento da leitura.

No segundo momento da pesquisa, foram coletados dados para análise, sendo aplicado questionários compostos por dez perguntas fechadas, em que as duas últimas permitiram que o pesquisado colocasse, caso desejasse, observações relacionadas à pergunta. A coleta aconteceu nas dependências da biblioteca Professor Severino Francisco, da UFT/Araguaína – Unidade Cimba, em salas reservadas que permitiram o sigilo e a privacidade para o entrevistado.

O terceiro momento foi composto pela tabulação e pela análise dos dados gerados a partir da aplicação dos questionários. Estes dados permitiram traçar um pequeno perfil dos alunos que frequentam a biblioteca e como eles se relacionam com a biblioteca e com a leitura. E, a partir da análise, também, conseguimos levantar informações sobre possíveis ações que podem colaborar com a formação de leitores na universidade.

A dissertação se apresentou da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, denominado Introdução, são apresentadas as diretrizes gerais da pesquisa, apresentando a justificativa, os objetivos e a metodologia utilizadas neste trabalho.

O segundo capítulo intitulado, “A Biblioteca como fonte e guardiã da leitura”, traz uma pequena descrição do papel da biblioteca no surgimento e na perpetuação da leitura, em que é mostrado desde os tempos antigos até a atualidade como essa relação biblioteca e leitura seguiram na história.

No terceiro capítulo, “A Formação do Leitor Literário na Universidade”, são apresentadas a importância da formação de leitores na universidade, sendo descritos conceitos sobre leitura literária, formação de leitores e letramento literário e como eles podem ser trabalhados na universidade, de forma particular a partir do relacionamento com a biblioteca universitária. Também, nesse capítulo, é apresentado um tópico que traz uma análise das principais políticas públicas de leitura e como elas se referem às bibliotecas.

O quarto capítulo, sob o título de “A Biblioteca Professor Severino Francisco e a Formação do Leitor Literário na UFT”, traz um panorama da UFT e da Biblioteca do campus de Araguaína – Unidade Cimba. Descreve, também, um certo perfil do leitor que frequenta a biblioteca da unidade Cimba, traçado a partir da análise dos relatórios gerados pelo sistema de empréstimos da biblioteca e dos questionários que foram aplicados com os alunos da UFT.

Por fim, o último capítulo apresenta as “Considerações Finais”, em que são feitas as últimas considerações relacionadas à pesquisa, e ainda algumas propostas que podem colaborar, para que a biblioteca seja mais presente no processo de formação de leitores.

## 2 A BIBLIOTECA COMO GUARDIÃ DOS LIVROS E FONTE DE LEITURA

*Talvez me enganem a velhice e o temor, mas tenho a suspeita de que a espécie humana — a única — está prestes a extinguir-se e que a Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta. (Jorge Luiz Borges, Biblioteca de Babel)*

O ser humano, em toda a sua história, sempre, teve a necessidade de se comunicar, de passar a informação para frente e, assim, sempre houve a necessidade de se ter um leitor. Mas, para que a leitura atravessasse a história, ela precisou ser guardada, preservada e levada adiante. Em algumas situações, foi necessária a própria redescoberta da leitura, como é o caso de muitos textos e escritos de algumas civilizações que existiam na antiguidade, como as civilizações Sumérias, Egípcias, Acadiana, entre outras, revelando novas oportunidades de leitura para toda a humanidade.

Para pensarmos em formação de leitores literários é interessante que antes pensemos em como a leitura conseguiu se manter presente durante todo o desenvolvimento da história do mundo. Desde o início da humanidade até os dias atuais, o ato de ler tem se mantido presente, perpetuando para todos a informação e o conhecimento. Alberto Manguel (2006, p. 32) apresenta esta perpetuação da leitura como um “rito de renascimento”, em que o leitor se relaciona com o livro, que pode estar guardado por muito tempo ou ser novo, surgindo, então, um novo processo de leitura.

Neste contexto de guardião dos livros e de perpetuação da leitura, vemos o papel importante da Biblioteca, que, desde seu surgimento na história da humanidade, tem como principal função manter e resguardar as informações, o conhecimento e, por conseguinte, a leitura, que, para acontecer, precisa de uma fonte, de um texto que permitirá que este ato aconteça.

Essa leitura, mesmo que resguardada com a ajuda da biblioteca, nunca foi para todos como vemos a seguir:

[...] Quanto mais se recua no tempo, proporcionalmente, menor é o número de leitores e, em especial de escritores. Durante séculos, ler e escrever estava restrito a reduzidos segmentos dos povos. Houve tempo em que o domínio das letras era ação de sábios, mágicos, talvez mancomunados com forças benéficas ou maléficas de acordo com o sentido que davam ao ato de juntar letras e compor palavras e frases. (MILANESI, 2002, p. 20)

Apoiados, em Milanesi (2002), percebemos que a leitura, sempre esteve destinada para poucos, seja por falta de pessoas que tinham o domínio das habilidades sobre leitura, seja pelo suporte que era escasso e facilitava de modo que apenas uma classe pequena

tivesse acesso à leitura. As bibliotecas são responsáveis pela guarda de manuscritos, sejam eles pergaminhos, papiros, tábuas, livros, etc. Estes materiais foram e são fundamentais para o desenvolvimento da leitura, pois registram as palavras, permitindo que sejam lidas em outros momentos.

Assim, para que possamos entender o papel das bibliotecas na atualidade é interessante que nos voltemos para o passado e analisemos um pouco da história, focando no desenvolvimento das bibliotecas e como elas influenciaram, para que a leitura, também, desenvolvesse-se.

Neste capítulo, faremos um levantamento histórico mostrando, de forma superficial, como as bibliotecas foram e são até hoje importantes para a perpetuação da leitura e como essa relação se deu na história da humanidade.

## **2.1 Bibliotecas da Antiguidade: nascimento e perpetuação da escrita e da leitura**

Conforme a história da humanidade se desenvolve, percebemos que as bibliotecas assumem papéis diferentes em momentos diferentes do percurso da cultura ocidental; desde simples guarda de livros até grande disseminadora de informação, podemos até ousar dizer que, conforme a mente do ser humano foi se desenvolvendo, as bibliotecas foram seguindo este desenvolvimento e abrindo-se para novas funções.

À medida que o homem percebeu a importância do conhecimento e foi se abrindo para a ciência, as bibliotecas foram crescendo e permitindo que os conhecimentos que estavam guardados em suas paredes pudessem ser espalhados para o mundo.

Segundo Lilian Schwarcz (2002), o surgimento das primeiras bibliotecas remonta à Antiguidade, mais especificamente no Oriente, quando a escrita ainda era registrada em pedras; posteriormente, vemos o surgimento do pergaminho, que faz com que a escrita seja mais disseminada, passando pela questão de as bibliotecas se organizarem melhor, ficando mais parecidas com os modelos que temos hoje.

Neste período, o principal objetivo das bibliotecas era conservar a memória, preservar o conhecimento existente no mundo, para que este não se perdesse. Graças a esta preservação, podemos dizer que a leitura também manteve-se resguardada, pois era necessário que tivessem pessoas leitoras, mesmo que em número pequeno, para preservar o conhecimento, pois de nada adiantava escrever e guardar o material que serviu de suporte para o que foi escrito se não teriam pessoas para ler.

De acordo com Manguel (2009), a leitura está intimamente relacionada com os suportes da escrita, que, no início, eram tábuas, papiros, pergaminhos e outros, já que



neles foram registradas e guardadas diversas informações. Assim, percebemos o papel fundamental das bibliotecas na preservação da leitura, pois foram elas que armazenaram, muitas vezes, como um tesouro, estes suportes das leituras, fazendo com que as informações ultrapassassem épocas.

A ideia primitiva de biblioteca surge quando alguém, diferente dos escribas, talvez sem as habilidades destes, por alguma razão, passou a preocupar-se com a organização das tabuinhas com cera, utilizadas para escrita. Estes materiais eram utilizados para registrar as informações, contudo não tinham nenhum tipo de organização, quando alguém percebe a necessidade dessa sistematização, surge a biblioteca, como percebemos no texto a seguir:

Produção e organização do produto a ser preservado são ações simultâneas e paralelas. No momento em que o homem foi capaz de perceber isso e de colocar em prática essa atividade de ordenamento estabeleceu a noção básica de biblioteca. O homem registra para reter, e o registrado não encontrável, na prática, é igual ao inexistente. A escrita que existiu antes de Cristo, pacientemente registrada em argila ou sobre a tabuinha coberta de cera, poderia estar perdida se houvesse um grande número de escribas produzindo em série os seus textos sem que, ao lado um sujeito, talvez menos criativo, mas engenhoso e paciente, ordenasse as tabuinhas. (MILANESI, 2002, p. 21)

É, por meio das bibliotecas, que os escritos não se perderam e puderam continuar sendo encontrado e utilizado por diversos leitores, muitos anos após serem escritos. As bibliotecas, com seu trabalho paciente, permite que de forma organizada e sistematizada as informações sejam mais fáceis de se recuperar e, assim, atender a curiosidade de seus futuros leitores.

No decorrer da história, várias bibliotecas tiveram um papel importante na sociedade e no desenvolvimento cultural; algumas se perderam no tempo, enquanto outras ainda hoje podem ser encontradas e até mesmo visitadas, com todo o seu acervo de conhecimento e porque não dizer com suas diversas possibilidades de leitura. Vejamos algumas dessas bibliotecas e sua importância para a história da leitura.

### 2.1.1 Biblioteca de Nínive ou Mesopotâmica: preservação da primeira escrita

A Mesopotâmia é muito importante para a história da leitura e da escrita, pois, por volta do final do quarto milênio a.C., surge nesta região a arte da escrita, com o intuito de organizar as leis e as regras da população. De acordo com Manguel (2009), a escrita surge provavelmente, pela necessidade comercial, em que eram registradas as transações

comerciais. E, assim, junto com a escrita, nasce também o ato de ler, pois, para que o ato de escrever se complete, é necessário que exista alguém que leia o que foi registrado.

[...] ao mesmo tempo em que o primeiro escritor concebia uma nova arte ao fazer marcas num pedaço de argila, aparecia tacitamente uma outra arte sem a qual as marcas não teriam nenhum sentido. O escritor era um fazedor de mensagens, criador de signos, mas esses signos e mensagens precisavam de um mago que os decifrasse, que reconhecesse seu significado, que lhes desse voz. Escrever exigia um leitor. (MANGUEL, 2009, p. 207).

A primeira forma de escrita, conhecida como “cuneiforme”, em que eram feitas marcações em argila, possibilitou a durabilidade dos livros o que impulsionou a construção de bibliotecas, para conservar estes materiais que guardavam a literatura Mesopotâmica. O fato de o suporte da escrita ser a argila permitia que a informação ali registrada permanecesse mais tempo disponível, desde que fosse bem armazenada e bem cuidada, reforçando a necessidade da criação de bibliotecas.

Matthew Battles (2003) mostra que no séc. VII a.C., no reinado de Assurbanipal II, na antiga cidade de Nínive, as bibliotecas da Mesopotâmia tiveram seu auge, em que o imperador construiu uma enorme biblioteca, chegando a ter, em seu acervo, 25 mil placas de argila. É importante ressaltar que os planos deste imperador eram grandiosos, buscando ter, em seu acervo, diversos tipos de escritos que eram compostos desde profecias até peças literárias escritas nas mais diversas línguas mesopotâmicas.

Uma característica muito importante da biblioteca de Nínive é sua organização, o que permitia a facilidade na hora da busca e a preservação dos materiais. Battles (2003, p. 32) mostra que essa organização permitiu que uma quantidade impressionante desses escritos chegasse até a atualidade, existindo “20 mil fragmentos conservados no Museu Britânico”, dando oportunidade para que ainda hoje se possa ter conhecimento dos escritos do passado.

Com a morte do imperador Assurbanipal, o seu poder foi sendo dissipado e, com ele, a cidade de Nínive, que começou a cair no esquecimento e no abandono. Assim, as bibliotecas desta cidade, também, foram deixadas de lado, perdendo-se na história.

### 2.1.2 Biblioteca de Alexandria

Tão ou mais importante que a Biblioteca de Nínive é a Biblioteca de Alexandria, que pode ser considerada a mais conhecida da Antiguidade. É muito difícil não saber ou, pelo menos, não ter ouvido falar desta tão grandiosa biblioteca, que, de tão especial,

mereceu na atualidade ser reconstruída com moldes modernos, mas com a carga histórica a ela arraigada.

Conhecer a história da Biblioteca de Alexandria é conhecer um pouco dos moldes de como as bibliotecas desenvolveram, o jeito de se relacionar com os leitores, saindo de uma realidade fechada, específica de alguns e se abrindo depois ao público.

Baseado nas palavras de Schwarcz (2002), ao falar da Biblioteca de Alexandria, percebemos que as primeiras bibliotecas eram diferentes do que estamos acostumados hoje, sua principal função era apenas armazenar o máximo de textos possíveis de toda a terra, não tendo preocupação com salas de leitura e nem tão pouco com a disseminação do conhecimento.

[...] Não por acaso a biblioteca se converteu em ícone; não tanto por conta de sua arquitetura ou de seu tamanho descomunal, mas sobretudo em função da decisão política de congregar num mesmo lugar os livros do presente e do passado, dos gregos e dos povos bárbaros. Alcançava-se um modelo de universalidade, no qual cabiam os conhecimentos de si e do “outro”; aquele a quem domino, contaminando-me do seu conhecimento. (SCHWARCZ, 2002, p. 123)

A história desta importante biblioteca se inicia muito antes de sua construção, com o imperador Alexandre, o Grande, quando após quatrocentos anos depois da destruição da biblioteca de Nínive, passou a conquistar as terras do Oriente e a sonhar com a construção de uma enorme cidade na costa do mediterrâneo para celebrar suas conquistas.

Esta cidade seria Alexandria, que foi fundada em 331 a.C., fato que, de acordo com Manguel (2009, p. 215), aconteceu “imediatamente depois da visita de Alexandre ao santuário do deus egípcio Amon”. Porém, o imperador morreu antes mesmo de ver seu sonho para a cidade realizado, mas isso não pode ser considerado que a cidade não tomou as proporções que ele desejava.

Com base em Battles (2003), temos que o antigo general de Alexandre, Soter, foi o responsável por tornar Alexandria a capital da dinastia ptolomaica, sendo dele também a ideia de construir uma biblioteca com o intuito de reunir todo o conhecimento que pudesse ser acumulado no mundo grego. Segundo Schwarcz (2002, p. 123), “[...] Alexandria – centro urbano grego e de cultura helênica em terras egípcias – deveria criar sua própria memória [...]”. Sendo assim, foi criada a biblioteca junto a um museu e ao túmulo do imperador, juntando, assim, as principais memórias desta civilização.

Tendo como inspiração a escola peripatética de Aristóteles, surgem as bibliotecas de Alexandria, que, segundo algumas fontes antigas, afirmam que foram desenvolvidas

em torno da coleção particular de Aristóteles que foi levada para esta biblioteca. (BATTLES, 2003).

Diferente das bibliotecas da Mesopotâmia, os materiais utilizados para escrita já não eram mais as pedras de argila, um novo suporte passou a ser utilizado, agora era o papiro, uma planta encontrada em abundância nas margens do rio Nilo, que, após um tratamento, eram formadas folhas que, ao serem enroladas em hastes, formavam enormes rolos utilizados então para a escrita.

Milanesi (2002) ponderou que, na biblioteca de Alexandria, existia uma vasta coleção de rolos de papiros, lá continha cerca de 700.000 rolos e, com esses diversos rolos de papiro, muitas possibilidades de leitura que foram guardadas e perpetuadas por diversas épocas. Vale ressaltar que, diferente das tábuas de argila, o papiro era mais frágil e de difícil conservação, contudo era mais fácil de encontrar e permitiam uma escrita mais fácil e ágil.

A formação do acervo da biblioteca de Alexandria se deu em grande parte com a ajuda do decreto de Ptolomeu III, ao determinar que todos os navios que parassem na cidade deveriam entregar todos os livros que tinham para serem copiados, e, assim, as cópias ou algumas vezes o próprio original seria incorporado ao acervo da biblioteca. Para que esse trabalho de cópia acontecesse de forma eficaz, Thalles Carvalho (2016) salientou que existia um enorme número de copistas, que trabalhavam de forma incansável para manter o crescimento da pomposa biblioteca de Alexandria.

O acervo da biblioteca de Alexandria, por ser composto por diversos rolos de papiro, tornava o acesso difícil aos leitores devido à dificuldade no manuseio. Porém, conforme descreve Manguel (2006, p. 33), a biblioteca de Alexandria “[...] deveria ser uma oficina de leitores, e não apenas um lugar onde os livros fossem preservados infinitamente”, mostrando a preocupação em fazer com que a biblioteca contribua no processo de leitura.

Tendo a preocupação de que a biblioteca tivesse leitores para utilizá-la, os ptolomeus chamaram diversos estudiosos importantes para residir em Alexandria e para receber honorários, simplesmente, para que utilizassem a biblioteca, lendo e deixando registros e comentários sobre o material lido, permitindo, desse modo, a perpetuação do nome da biblioteca. Battles (2003) destacou que entre esses estudiosos estavam Euclides, Arquimedes, Eratóstenes, Estrabão e Galeno, todos eles usufruindo das riquezas desta maravilhosa biblioteca.

A importância da biblioteca de Alexandria, também, pode ser vista por meio do objetivo que ela tinha de reunir as principais obras da humanidade, estando este objetivo

acima de tudo, inclusive das diversas competições existentes entre os povos de Alexandria. Além disso, como mostra Battles (2003, p. 36), “o grande estoque de livros reunido em Alexandria definiu uma nova concepção a respeito do valor do conhecimento”. Quando se dispunham a reunir todos os manuscritos disponíveis, estavam na verdade, mostrando que o conhecimento é o bem mais valioso que uma sociedade pode ter.

Ainda no que se refere ao leitor, a biblioteca de Alexandria tinha, como principal objetivo, oferecer a estes exemplares para serem reproduzidos, dando oportunidades para que os leitores pudessem copiar os livros de seu interesse, para seu uso particular. Outra característica importante, nessa biblioteca, era a estrutura física:

Ao longo de suas paredes havia infinitas bibliothekai, termo que originalmente designava não o aposento, mas as prateleiras ou nichos para os rolos. Acima das prateleiras havia uma inscrição: “Lugar de cura da alma”. Do outro lado das paredes das bibliothekai havia um certo número de salas, provavelmente usadas pelos estudiosos como residência ou lugar de encontro. Havia também um cômodo para as refeições em comum. (MANGUEL, 2006, p. 31)

Como observamos nas palavras do autor, as bibliotecas, além de guardar os pergaminhos, também, permitia ao leitor um bom ambiente para desenvolver suas pesquisas, inclusive com local para alguns dormirem e até fazerem suas refeições. Isso mostra que, mais importante que ter livros, é ter leitores que os utilizem, sendo necessário que se ofereça boas condições para que o leitor desenvolva a sua leitura.

### 2.1.3 Biblioteca de Pérgamo

Considerada a segunda biblioteca mais importante da antiguidade, a biblioteca de Pérgamo se desenvolve a partir da ganância dos governantes da cidade de Alexandria, que, ao tentar impedir que outras cidades desenvolvessem acervos grandiosos como a de sua biblioteca, proibiu a exportação de papiro para outras cidades, principalmente para a cidade de Pérgamo.

Contudo, essa atitude incentivou a criação do pergaminho em substituição ao papiro como novo suporte da escrita. De acordo com Battles (2003), este novo suporte, devido à possibilidade de reutilização e por sua resistência, tornou-se o favorito para uso da escrita, conquistando a graça de todos.

Fundada no século II a.C., a Biblioteca de Pérgamo nasce, principalmente, para competir diretamente com a suntuosa Biblioteca de Alexandria, recebendo de seu

fundador, Eumenes II, um enorme investimento para aquisição de livros, como também para a produção de pergaminho. O acervo de Pérgamo era composto por 200 mil volumes, em pergaminho, sempre, tentando ser mais importante que a Biblioteca de Alexandria. Esta competição permitiu que, nestas duas bibliotecas importantes, fosse acumulada uma grande parte do conhecimento humano, possibilitando a uma seleta parcela de leitores a possibilidade de aprender.

Diferente de muitas bibliotecas que foram dizimadas pelo fogo, a Biblioteca de Pérgamo teve seu fim por meio de um enorme saque realizado pelo imperador Marco Antônio, com o intuito de presentear a Rainha Cleópatra, sendo esta inserida ao acervo da Biblioteca de Alexandria. Desta forma, a segunda maior biblioteca da antiguidade passou a fazer parte daquela que sempre competiu, sua principal rival (CARVALHO, 2016).

#### 2.1.4 Bibliotecas Romanas

As bibliotecas Romanas, também, apresentam um marco na história, pois foram as primeiras com moldes do que hoje conhecemos como bibliotecas públicas, permitindo que todos tivessem acesso a ela. Esta ideia tem como inventor Júlio César, contudo ele morreu antes de colocar sua ideia em prática. De acordo com Battles (2003, p. 52), antes de César, “a maioria absoluta dos livros em Roma eram bem privados”. Desta forma, quem detinha livros em sua posse costumava compartilhá-los apenas com pessoas de seu convívio como amigos próximos ou membros de elites próximas.

Com a morte de César, seu sonho foi levado para frente por Asínio Pólio, juntamente com o escritor Varrão, que, no ano 34 a.C., construíram a primeira biblioteca pública de Roma, no Fórum Romano. Segundo o mito da “Sibila Romana”, uma profetiza que escreveu livros anunciando as glórias romanas, queimando-os posteriormente alguns de seus volumes, o início desta biblioteca acontece, quando os três volumes dos “Livros de Sibila”, que não foram queimados, sendo, então, depositados no Fórum. Battles (2003) nos fala da relação entre estes livros e as bibliotecas da seguinte maneira:

Muito embora a sibila seja um mito, seus livros eram bastante reais. Depositados primeiramente no Fórum romano, eles ocupariam, mais tarde, um espaço vazio sob a estátua de Apolo na grande Biblioteca Palatina de Augusto. Na verdade, esses livros marcaram o início das bibliotecas romanas [...]. (BATTLES, 2003, p. 52)

É interessante ressaltar que, assim como a Biblioteca de Pérgamo, as bibliotecas romanas surgiram com a intenção de competir com a biblioteca de Alexandria, sempre,

buscando ter o maior número possível de livros em seu acervo. Acredita-se que, no século IV, existiam 28 bibliotecas com um acervo composto de 200.000 rolos cada.

As bibliotecas romanas, também, marcaram a nova forma de organização do interior das bibliotecas, onde diferente dos padrões da biblioteca de Alexandria passaram a ter salões de leituras, mas especificamente dois salões, sendo um para os livros escritos em latim e outro para os escritos em grego, atendendo o desejo de seu idealizador César.

Em consonância com o desejo de César, dotaram a biblioteca de dois salões de leitura, um para livros em latim, outro para livros em grego, cada um deles decorados com estátuas que homenageavam poetas e oradores dos dois idiomas. O padrão iria repetir-se em todas as bibliotecas de Roma construídas a partir de então, desde os grandes repositórios imperiais de Augusto Trajano até as bibliotecas públicas mais modestas e as pequenas coleções das cidades provincianas. (BATTLES, 2003, p. 52)

Além dos livros, outra coisa que chamava a atenção nos salões de leitura era a presença de estátuas que decoravam o ambiente e homenageavam poetas e oradores dos dois idiomas. Esse padrão na organização estrutural se tornou constante para as demais bibliotecas romanas que surgiram posteriormente.

É importante lembrar que tanto Augusto, como outros imperadores posterior a ele, tiveram o desenvolvimento de bibliotecas como preocupação de seu governo, permitindo que a população tivesse acesso ao conhecimento por meio da leitura que poderiam ser realizadas por intermédio dos livros guardados nestas bibliotecas. Battles (2003) ressalta que este acervo era composto mais por livros de literatura familiar do que obras jurídicas, médicas e científicas, como eram nas outras bibliotecas.

Ainda sobre as bibliotecas romanas, seu desenvolvimento foi considerado como um caso restrito e incomum, pois aconteceram mesmo sem a existência de escolas e de universidades em Roma, teoricamente, não tendo motivo que atraísse leitores para pesquisar nelas.

Outro fator relevante relacionado às bibliotecas romanas é a presença de livros como conhecemos hoje, os chamados códices, que eram livros encadernados e foram introduzidos em Roma pelos cristãos (BATTLES, 2003). Este novo modo de conceber o livro permitia ao leitor mais facilidade de leitura e melhor forma para guardá-lo, mais uma vez tornando a leitura mais acessível, permitindo que fosse passada para gerações futuras.

Por fim, as bibliotecas romanas prosperaram, mesmo passando por diversos incêndios e restaurações, perdendo e recuperando livros até mesmo mandando buscá-los em Alexandria. Contudo, chegou um momento em que as bibliotecas começaram a se

extinguir ou como diz Battles (2003, p. 61) “começaram a definhar e a morrer”, perdendo toda a preocupação com a cultura, em que os cristãos romanos foram de encontro com toda literatura e a arte da antiguidade pagã e desta forma, deixando de lado investimentos para confecção de pergaminhos, de papiros e mesmo para manter os diversos escribas.

## **2.2 A Biblioteca no período medieval: dos mosteiros às universidades**

Um novo tempo se principia para a humanidade, entre os séculos V e XV inicia a Idade Média, marcada por um enorme retrocesso cultural, artístico, intelectual, filosófico e institucional vivido na Europa. Se, na Antiguidade, as bibliotecas tiveram o papel de guardar muito do conhecimento do mundo, na Idade Média, esse contexto sofre uma reversão, pois a igreja passa a ser detentora destes conhecimentos. Contudo, próximo do final da Idade Média, já no século XI, essa realidade começa a mudar com o surgimento das universidades, que darão um novo contexto para a forma com que se trabalhará a informação e o conhecimento.

### **2.2.1 Bibliotecas Monásticas**

Neste período, a biblioteca e o conhecimento contido nos livros passam de certa forma para as mãos da igreja. Esta passou a ter o domínio, e, por consequência, a controlar e, censurar o que deveria ou não ser permitido para a leitura da população em geral, voltando a restringir o que já nem era tão acessível na antiguidade, que seria o acesso à leitura e ao conhecimento.

À época, é importante ressaltar que a maioria das pessoas detentoras da leitura eram os religiosos, que, também, foram responsáveis por reproduzir e por manter os acervos das bibliotecas atualizados, mas sempre sobre o olhar atento de superiores que direcionavam os livros que poderiam ser lidos ou não. Marc Baratin e Christian Jacob (2008, p. 247) confirmam este pensamento, ao dizer que “durante a Idade Média, os monges estão associados às bibliotecas. São sempre representados no meio dos livros, seja que os copiem, seja que os leiam.”.

Ao falarmos de Idade Média, é interessante que nos situemos na história, pois, como falam Baratin e Jacob (2008), o fato de a Idade Média ter sido um período de mil anos permite que se tenha várias Idades Médias, tendo cada uma delas influenciado de forma diferente no contexto biblioteca e na formação cultural medieval.



No século VI, as bibliotecas têm papel muito importante para a formação da cultura medieval, pois são responsáveis por recuperar muito da cultura antiga que estava ameaçada de desaparecer.

De acordo com Battles (2003), uma pessoa fundamental para a continuidade das bibliotecas na Idade Média foi o cristão e nobre romano Cassiodoro, que viveu no século sexto; quando as últimas bibliotecas romanas foram extintas, ele ainda era vivo. Durante sua vida, foi um forte influenciador nas tendências medievais tanto no campo das bibliotecas, como também na vida monástica. Tendo a igreja católica assumido um papel político importante na sociedade e passando a ter conflitos com autoridades seculares, Cassiodoro resolve ir para sua propriedade rural, onde ergueu um mosteiro, que, futuramente, seria destaque como padrão para outras ordens que surgiriam.

Junto ao mosteiro, a biblioteca de Cassiodoro, possuía um projeto de fundamental importância para a perpetuação da leitura, em que eram criados e duplicados manuscritos importantes, alimentando, assim, o acervo da biblioteca, além dos livros que eram adquiridos e outros que eram traduzidos do grego.

No que se refere aos assuntos que se relacionavam ao acervo desta biblioteca, temos a influência de Cassiodoro da seguinte forma:

Profundamente devoto, conhecia a importância dos livros religiosos, mas, como bom gramático, preocupava-se com a ortografia que os escribas deviam observar, e, quando comenta os salmos, o faz como filólogo. Estuda todas as figuras de retórica, os silogismos, a anáfora, a anástrofe, a epidiortose, a sinérese, o sinatróismo etc. Julga, como Santo Agostinho alguns anos antes, que não se pode estudar o texto sagrado sem um bom preparo que dão as artes liberais. Quer manter uma espécie de cultura cristã. (BARATIN; JACOB, 2008, p. 247)

Diferente do que pensavam muitos religiosos, Cassiodoro, além dos livros religiosos, achava importante se ter conhecimento e outros tipos de leituras que ajudariam no desenvolvimento de uma cultura. Isso influenciará nos livros que serão preservados em sua biblioteca, onde, além de livros religiosos, também, foram preservados livros literários de Roma e Grécia.

A biblioteca de Cassiodoro se torna uma grande e importante biblioteca, contudo alguns anos após a morte de seu fundador em 583, a Itália é invadida e o mosteiro destruído, obrigando levar uma parte da biblioteca para a residência dos papas, na cidade de Latrão.

Não é possível falar sobre a biblioteca medieval e não remeter à obra “*O nome da Rosa*”, de Umberto Eco, que desenvolve sua trama em um mosteiro, mas que tem como

local principal a biblioteca e seus mistérios. Estes mistérios estavam relacionados, justamente, ao domínio da igreja em relação ao conhecimento presente nos livros, que era restrito a poucos. Eco (2003) descreve bem o mistério e as restrições existentes em torno da biblioteca, no diálogo entre o Abade e Guilherme:

A biblioteca nasceu segundo um desígnio que permaneceu obscuro para todos através dos séculos e que nenhum dos monges é chamado a conhecer. Só o bibliotecário recebeu o seu segredo do bibliotecário que o precedeu, e comunica-o, ainda em vida, ao bibliotecário ajudante, de modo que a morte não o surpreenda privando a comunidade daquele saber. E os lábios de ambos estão selados pelo segredo. Só o bibliotecário, além de saber, tem o direito de se mover no labirinto dos livros, só ele sabe onde encontrá-los e onde repô-los, só ele é responsável pela sua conservação. (ECO, 2003, p. 44).

Ainda na Idade Média, no século VII, as bibliotecas passam a fazer parte dos mosteiros com o intuito de ajudar na formação dos monges, que deveria ser uma formação culta e pautada na leitura da bíblia e em demais escritos de santos. Além da formação, as bibliotecas faziam papel de guardiãs de grandes coleções da antiguidade, principalmente na figura dos monges calígrafos ou copistas que, como mostra Milanesi (2002) enquanto estes rezavam, faziam cópias e ilustravam os textos dos códices.

A leitura neste período não estava relacionada ao prazer ou à busca do conhecimento intelectual, mas, como apresenta Baratin e Jacob (2008), era realizada para combater o ócio, seguindo a formação de São Bento, que dizia que a oração deveria estar junto com o trabalho. Assim, os monges tinham que recopiar livros, para doar às bibliotecas ou vender, como faziam com os cestos por eles também fabricados.

De alguma forma, o ato de ler nos mosteiros, também, podia ser visto como uma penitência, em que no período quaresmal os monges tinham que ler alguns livros determinados pelo superior, aos que não tinham tanta habilidade com a leitura eram impostas penitências de fato. Em outro momento, em outros mosteiros, a leitura vai sendo motivada em outros momentos do dia, como na hora das refeições ou no chamado capítulo, ainda sendo a principal leitura a bíblia e alguns textos de padres da igreja.

Desta forma, dentro dos mosteiros, por meio dos famosos monges copistas, o ato da leitura ia se mantendo viva e se perpetuando pela história. Os monges foram os principais responsáveis por manter a escrita e a leitura, pois eram um dos poucos que tinham acesso a estas artes. Ao copiarem os manuscritos para alimentar a biblioteca do mosteiro ou mesmo para vender, a leitura ia se mantendo presente na sociedade, mesmo que nas mãos de uma pequena parcela da população.

Outra característica das bibliotecas no período medieval está relacionada ao acesso dos livros, em que a Igreja, por ter domínio da maioria das bibliotecas, tinha um controle rígido do que era permitido ou não ser acessado pelos leitores, na maioria monges. Esta realidade é mostrada nas palavras de Milanesi (2002, p. 23), quando fala que:

O acesso a esses acervos guardados nos mosteiros limitava-se aos que pertenciam a ordens religiosas ou eram aceitos por elas. Ler e escrever eram habilidades quase exclusivas dos religiosos e não se destinavam a leigos. (MILANESI, 2002, p. 23)

Assim, o acesso era exclusivo a pessoas de ordens religiosas ou a pessoas que eram aceitas por elas. Desta forma, a igreja ia selecionando o acesso à informação de duas formas, primeiro, por uma espécie de seleção natural, pois nem todos sabiam ler, e, segundo, por uma censura real, por meio da qual os livros que eram considerados pecaminosos ou que fossem contra os ensinamentos da igreja eram guardados em lugares secretos da biblioteca, onde apenas o bibliotecário tinha permissão e conhecimento para encontrá-los e manuseá-los como bem ilustrado em *O nome da rosa*:

Os outros monges trabalham no scriptorium e podem conhecer o elenco dos volumes que a biblioteca encerra. Mas um elenco de títulos frequentemente diz muito pouco, só o bibliotecário sabe, pela colocação do volume, pelo grau da sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdades ou de mentiras o volume encerra. Só ele decide como, quando e se o fornece ao monge que faz a sua requisição, por vezes depois de me ter consultado. Porque nem todas as verdades são para todos os ouvidos, nem todas as mentiras podem ser reconhecidas como tais por um espírito piedoso, e os monges, enfim, estão no scriptorium para levar a cabo uma obra precisa, para a qual devem ler certos volumes e não outros, e não para seguir qualquer insensata curiosidade que os colha, quer por debilidade da mente, quer por soberba, quer por sugestão diabólica. (ECO, 2003, p. 45)

É interessante destacar que além de acervos religiosos, mesmo que não permitindo o acesso, existiam também livros literários gregos e romanos nas bibliotecas monásticas. De acordo com Battles (2003, p. 64), este acervo ia “de um lado, desde a *Bíblia* até os mais recentes comentadores, passando pelos Pais da Igreja e, de outro, desde Homero até os oradores, dramaturgos e historiadores da Antiguidade”. Esta relação entre sagrado e terreno terá uma enorme influência nas bibliotecas durante a Idade Média, perpassando a Renascença, como foi o caso da Biblioteca do Vaticano. Vale lembrar que, além da Biblioteca do Vaticano e de Cassidoro já citadas, outras bibliotecas tiveram destaque na Idade Média, como a de Montes Atos, na Turquia, Saint-Gall, na Suíça, Fulda, na Prússia, Fleury-sur-Loire, Cluny e Corbie, na França, as de São João e São Paulo, em Veneza.

O acervo das bibliotecas monásticas era tão importante que a riqueza dos monges era contabilizada, de acordo com o tamanho de suas bibliotecas e a qualidade do acervo ali contida. Essa riqueza estava diretamente relacionada à existência de livros únicos e/ou raros, que despertavam interesse de diversos estudiosos que enfrentavam diversos obstáculos para chegar nos mosteiros detentores destes acervos preciosos. É interessante notar que Milanesi (2002) denomina esses estudiosos como “peregrinos da leitura”, que andavam por diversos mosteiros em busca de uma obra que lhe interessasse.

### 2.2.2 Bibliotecas Universitárias

Ainda na Idade Média, contudo como ressalta Milanesi (2002, p. 24) “já na direção da Renascença”, no final do século XI, na cidade de Bolonha na Itália, temos outro marco histórico que permitirá o início da ruptura de muitos paradigmas, o nascimento das universidades e com elas as bibliotecas universitárias, que permitirá uma nova forma de acesso não apenas à leitura, mas principalmente ao conhecimento de forma geral. Neste momento, as universidades nascem apenas como transmissoras do conhecimento, não existindo as preocupações com descobertas relacionadas a este, sendo ainda uma corporação eclesiástica. Além de Bolonha, nos primeiros anos do século XIII temos o surgimento de outras universidades importantes, como a de Paris, a de Montpellier e a Oxford, seguidas posteriormente pelas bibliotecas de Salamanca, de Nápoles, de Praga, de Pavia e outras.

As bibliotecas universitárias surgem para dar suporte ao ensino nas universidades, sendo atreladas a elas, oferecendo aos alunos e aos mestres livros e documentos que atendessem as disciplinas ministradas, desta forma, contribuindo com a ampliação do acesso à informação. Contudo, no período inicial, estas bibliotecas ainda não dispunham de acervo completo que suprisse a necessidade das universidades, fazendo com que alunos e mestres ainda se dirigissem algumas vezes até as bibliotecas das abadias e das escolas monásticas para suprir suas necessidades de leitura.

A presença da universidade muda o contexto da leitura e da escrita na sociedade. Schwarcz (2002) explica que, com o surgimento da universidade, a escrita deixa de ter apenas a função de memória e de conservação, como acontecia nos mosteiros, assumindo o papel de um trabalho intelectual, permitindo àqueles que a utilizassem o acesso ao conhecimento. As bibliotecas universitárias, rompendo com o perfil da biblioteca monástica, passam a fazer circular a informação, os alunos passariam a ter acesso à leitura de livros, de documentos e de demais acervos que antes eram proibidos pela Igreja.

Estava iniciando um tempo de mudança, em que as mentes começavam a se abrir para o conhecimento, podendo ter mais oportunidades de manifestar o que pensavam. De acordo com Milanesi (2002, p. 24), aproximava-se o Renascimento, para ele “as bibliotecas universitárias pré-renascentistas já apontavam para novas práticas que deram para a biblioteca o caráter de espaço de liberdade e conhecimento”.

As bibliotecas universitárias deixam para trás a imagem das trevas, do proibido e se abrem para um novo tempo, nelas o conhecimento circula, os estudiosos se debruçam em livros e põem em prática a leitura e a escrita, não mais apenas para copiar, como os monges, mas para desenvolver conhecimento, disseminar informações.

Neste momento, as bibliotecas também se desenvolvem, saindo dos mosteiros e encontrando novos espaços para existirem. Isto permitiu, como nos mostra Milanesi (2002), que os livros deixaram de ter seus conteúdos apenas voltados para a religiosidade e, assim, passaram a abordar outras temáticas do saber. A partir desta nova realidade, várias mudanças, que impactam de forma direta o processo de leitura, passam a acontecer, como vemos a seguir:

[...] aos poucos, tudo mudaria: o lugar de produção passa do scriptorium à loja do comerciante, os formatos dos livros vão sendo alterados, assim como as práticas de leitura, cada vez mais ampliadas pelas aptidões individuais. O livro recebe, assim, uma forma mais definitiva como códice – com seu formato diminuído e os cadernos e folhas presos e unidos –, e, com o fortalecimento do humanismo e do poder real, será nas mãos dos príncipes e em seus domínios que irão se concentrar as novas instituições. (SCHWARCZ, 2002, p. 127).

Essas mudanças permitem uma nova realidade tanto do livro, como de todo o processo que o envolve, desde a sua produção e comercialização até a sua utilização pelos leitores. Quando se formaliza o formato que o livro será produzido, tem-se maiores chances de levar a outras pessoas e outros lugares a possibilidade de leitura. Sem contar que agora as bibliotecas saem do domínio dos mosteiros e passam para um domínio da realeza.

Já entre os séculos XV e XVI, um novo período se apresenta na história, a Renascença, que se caracteriza, principalmente, pela retomada cultural e artística. No que se refere às bibliotecas, elas assumem, realmente, o seu papel de disseminadoras da informação. Os livros não mais exclusivos da igreja, passam a fazer parte da realidade de príncipes:

Em fins do século XV, reis e príncipes já possuíam pequenas coleções para uso pessoal ou exemplares que lhes eram dedicados. Nas áreas influenciadas pelo humanismo, sobretudo em seu berço, o norte da Itália, os acervos das bibliotecas particulares eram generosamente emprestados em círculos de relações das elites. (SANTOS, 2012, p. 186)

Como podemos observar nas palavras de Santos (2012), as bibliotecas que eram exclusividades de religiosos, com o Renascimento, passam a encontrar um novo espaço na realeza, onde príncipes organizavam suas próprias coleções, com seus acervos particulares, caracterizando a liberdade de conhecimento, ou seja, o fim das “amarras” da igreja.

É importante notar que, neste período, os livros não servem apenas para distração, mas assume novas formas de atender seus leitores. Battles (2003) nos apresenta um pouco dessa nova realidade:

O humanismo significou uma reviravolta na economia política da leitura, criando não apenas uma oferta de novos tipos de livros (a saber, os antigos, agora redescobertos), como também de novas maneiras de lê-los. Os príncipes já não recebiam sua instrução exclusivamente dos clérigos, e a literatura da Antiguidade continha inúmeras instruções úteis aos governantes e comandantes de exércitos. (BATTLES, 2003, p. 74)

Durante o Renascimento, o ato de ler se renova, a relação com o livro é outra, o acesso passa a ser mais fácil, deixando de existir toda a censura religiosa, permitindo que novos livros e até atualizações de livros antigos pudessem ser colocados à disposição de todos. No que se refere à realeza, também temos a ruptura com a igreja, que deixa de ser a única responsável pela formação dos príncipes. A literatura agora fazia parte da formação tanto de príncipes, mas também de militares.

No final da Idade Média, a utilização do papel passou a ter uma nova proporção pelo mundo, permitindo a ampliação do uso da escrita, saindo da exclusividade monástica e passando a ser utilizado por outras classes sociais. Este avanço teve uma grande aliada no desenvolvimento da escrita e da leitura, quando surge a imprensa de Gutemberg no ano de 1448, permitindo que os livros fossem produzidos em maior quantidade em um tempo menor. De acordo com Milanesi (2002), a imprensa permitiu a possibilidade de chegar aos mais pobres aquilo que era exclusividade do clero e dos nobres; segundo o autor, essa acessibilidade permitiu também que a sacralidade dos livros desse espaço também para o profano.

A partir dessa propagação dos livros impressos, as bibliotecas, também, passaram por mudanças, sendo construídas e ampliadas para atender as novas necessidades que surgiram devido à grande demanda de impressos que emergiram. Milanesi (2002) destaca que, neste momento, várias bibliotecas importantes surgiram nas maiores cidades

européias, tudo devido ao período fértil de conhecimento relacionado à natureza e ao homem, deixando de lado a religiosidade.

É importante destacar que, com este aumento de acervo e de bibliotecas, foi necessário que os bibliotecários desenvolvessem novas formas para atender os leitores que buscavam os livros para sua leitura. Assim, surgem as bibliografias, primeiramente, universal e depois setorial, com o intuito de reunir informações condensadas de tudo que era produzido, separado por assuntos para facilitar na escolha dos livros a serem utilizados pelos leitores, facilitando, assim, a busca informacional.

Além das referências, a forma de empréstimo, de funcionamento, horários e, principalmente, de comodidades para a leitura e a consulta, foram mudanças que tiveram que ser repensadas com a nova realidade das bibliotecas. Os cuidados com os leitores era uma preocupação primordial, em que desde refeições eram servidas, para que estes pudessem se sentir bem neste ambiente de leitura:

[...] Curiosamente, os registros da Bibliothèque du Roi em Paris mostram que, embora o bibliotecário, só abrisse as portas para o público duas manhãs por semana, ele oferecia uma refeição antes de despedi-lo no final do expediente. (SCHWARCZ, 2002, p. 131).

Neste novo contexto de atender o conhecimento e de disseminar informações para os leitores/pesquisadores, surgem as revistas e as publicações periódicas como possibilidades de atender especialistas, tentando deixá-los sempre atualizados. Contudo, ainda existiam problemas, como o transporte, que dificultavam o conhecimento de chegar mais rápido ao seu destinatário. Essa realidade melhoraria com o advento da Revolução Industrial, onde surgiram os trens que facilitariam o transporte.

Por fim, no final do século XX, com o surgimento da internet, tanto a produção intelectual como sua disseminação, passariam por diversos avanços. Este período colaborou para resolver, parcialmente, problemas relacionados ao armazenamento, ao acesso e à disseminação da informação. A tecnologia chegaria para facilitar ainda mais ao leitor a possibilidade de acesso, permitindo que a informação fosse encontrada e levada a outros com mais eficiência e agilidade.

### **2.3 Biblioteca na Modernidade: do papel ao digital**

Conforme o mundo foi se desenvolvendo, com ele, novas tecnologias surgiram, a quantidade de informação cresceu, extraordinariamente, e o contexto do conhecimento

sofreu uma enorme evolução, assim também foi necessário que as bibliotecas acompanhassem essas evoluções, adaptando-se à modernidade para atender seus leitores.

O livro que veio das tabuinhas, dos papiros, dos pergaminhos e, durante muito tempo se estabilizou no papel, passou por uma nova evolução, saindo do papel e passando para o digital, oferecendo novas oportunidades de acesso às informações na sociedade, sem contar a facilidade temporal, que permitiu um acesso quase instantâneo a informação, o que antes demorava dias para chegar ao leitor, agora poderia ser acessado quase que com um piscar de olhos.

É incontestável que nos últimos séculos o processo tecnológico permitiu que as inovações fossem aceleradas, a popularização da eletricidade nas cidades fez com que o rádio, a TV e, posteriormente, a Internet, servissem para aproximar as pessoas e principalmente entre as informações que podem gerar o conhecimento. O relacionamento com essas inovações tecnológicas impactaria, diretamente, na forma que o indivíduo passaria a se relacionar com a informação e com a leitura.

Bem diferente da Idade Média, em que para ter acesso à informação era um processo quase impossível; neste novo contexto o homem é quase que sufocado de tanta informação, como podemos ver:

Com a internet muitas barreiras que se antepunham ao conhecimento ruíram – ainda que se levantassem outras. Ela possibilita, na prática, mesmo com obstáculos a serem superados, o acesso ao conhecimento de forma menos onerosa e mais ampla. Não é mais o indivíduo que persegue a informação, mas as informações que soterram o indivíduo quando ele ousa acionar uma ferramenta de busca na internet. (MILANESI, 2002, p. 51)

Depois de anos com o papel sendo o principal suporte da informação, no final do século XX, surge uma nova revolução relacionada ao material em que seria registrada a informação. O papel daria lugar ou, pelo menos, passaria a dividir sua funcionalidade com os documentos *online*, em que teriam destaques os *e-books*. Estes passaram a ser disponibilizados por meio do Projeto Gutenberg, idealizado por Michael Hart, no ano de 1971, em que os *e-books* eram disponibilizados *on-line* em formato TXT para serem baixados por seus usuários.

Contudo, é apenas, no ano de 1998, com a criação de aparelhos e de *softwares* voltados para leitura de livros digitais que este passa a ser mais conhecido e utilizado. Estes novos suportes informacionais surgem com diversas funcionalidades que melhoram ou, pelo menos, tem a intenção de melhorar o ato da leitura, conforme nos é apresentado a seguir:



[...] O aparelho possui funcionalidades como paginação, mudança de orientação de página, marcação de página, destaque de texto, anotações do leitor, busca por texto, além de luz interna para leitura no escuro. A maioria desses recursos não pode ser usada no exemplar de papel, o que confere outra vantagem ao livro digital. (MESQUITA; CONDE, 2008, p. 3)

Como ressalta os autores na citação anterior, percebemos que o livro digital apresenta algumas funções ou facilidades que não podem ser encontradas nos livros de papel, ou seja, a tecnologia oferece à leitura novas possibilidades, permitindo que os leitores, talvez interessem-se mais pela leitura, de acordo com as facilidades do novo suporte.

Ainda apoiados nas palavras de Mesquita e Conde (2008), além das facilidades relacionadas ao texto, temos facilidades relacionadas com a locomoção, pois imagine o quão mais confortável é transportar um livro extenso em uma plataforma de leitura digital que lhe possibilita ler com mais facilidade em qualquer local, como metrô, ônibus ou outro meio de transporte. Outra facilidade que temos é a possibilidade de pesquisa online, não sendo necessário ir em busca de outros livros para sanar uma dúvida que apareça ou buscar alguma referência intertextual, por exemplo.

Após a Segunda Guerra Mundial, as bibliotecas viram o surgimento dos computadores, mas não conseguiram, pelo menos no primeiro momento, acompanhar a utilidade desta nova ferramenta que muito serviria para o desenvolvimento de seus serviços. Durante muito tempo os computadores serviam apenas como ferramenta utilizada pelos cientistas.

Nas bibliotecas, quase ninguém conseguia encontrar uma boa utilização para os computadores, era quase impossível conceber a troca das fichas de assuntos que se encontravam em enormes armários, as tabelas de classificações e os manuais de catalogações, por máquinas, que, mesmo grandes no início, agilizavam o processo de busca daquilo que interessava ao leitor.

No decorrer do tempo, as enormes máquinas foram assumindo uma nova roupagem, tornando-se menores e com capacidade de armazenar muito mais informações do que quando foram criadas, sem contar a possibilidade de interação entre computadores que foi um grande avanço tecnológico, iniciando a internet, que consentia que computadores estivessem conectados em redes.

O surgimento da internet proporcionou uma mudança fundamental no processo de gestão de informação, em que as pessoas teriam mais facilidades para chegar ao conhecimento desejado. Com os computadores e uma linha de telefone para conectar com

a internet, as pessoas poderiam acessar os mais diversos conhecimentos, nos mais diversos cantos do mundo.

Outro ponto importante que viria com a tecnologia seria a facilidade de selecionar de forma mais precisa a informação desejada, haja vista que a produção de informação cresceu, exorbitantemente, precisando ser melhor selecionada para atender as necessidades dos que os buscavam. Desta forma, o leitor teria mais possibilidades de leitura, mas a internet disponibilizava informações que precisavam ser tratadas para atender à necessidade deste leitor; assim, passaria a biblioteca ter uma nova função.

Com o desenvolvimento tecnológico, mais uma vez, várias mudanças relacionadas ao leitor e às bibliotecas passam a acontecer. O leitor, além de ter mais possibilidades de acesso à leitura e à informação, passou a ter a oportunidade de assumir a dualidade leitor/escritor, como descreve Milanesi (2002, p. 32), ao dizer que “[...]caía a barreira entre o escritor e o leitor: todos podiam desempenhar esses dois papéis”.

No que se relaciona às bibliotecas, tornava-se necessário desenvolver novas formas de atender a seus usuários, elas continuariam oferecendo informação por meio dos livros, mas precisava se adequar às tecnologias, desenvolvendo soluções para se adequar à função de auxiliar na busca e na utilização da informação. Em um primeiro momento nas bibliotecas, o computador era visto apenas como um instrumento de pouca utilidade e, ainda, com preço alto. Porém, com o passar do tempo com a popularização dos computadores as bibliotecas mudaram sua visão e começaram a se abrir para o uso das tecnologias, conforme podemos observar a seguir:

Só posteriormente, com a popularização dos computadores, é que se percebeu que a informação é a razão da Biblioteconomia e que os computadores são as máquinas que tornam a informação mais acessível e que a informática e informação não só têm a mesma raiz etimológica como são indissociáveis. (MILANESI, 2002, p. 49)

Desta forma, a biblioteca passou a utilizar a informática, a tecnologia para oferecer melhores formas de acesso a informação, agora os usuários das bibliotecas poderiam buscar as informações com mais facilidade e principalmente com mais eficácia, eliminando as informações desnecessárias que antes eram recuperadas junto com as informações que interessavam.

Se antes os atendentes das bibliotecas apenas direcionavam a informação solicitada pelo leitor, agora, a biblioteca tinha o papel de ajudar o leitor no processo de seleção da informação, principalmente, com a habilidade de separar informações verdadeiras e seguras, de outras que não atendiam a necessidade do leitor.

Com este desenvolvimento tecnológico, surge, então, as bibliotecas digitais, utilizadas para que a informação adentre no novo contexto dinâmico que a internet apresentou para a humanidade. A partir do pensamento de Murilo Bastos da Cunha (2008), vemos que a biblioteca digital ainda segue alguns padrões das bibliotecas convencionais, em que além da organização, temos também a estrutura e a forma de coleta de informação, mas de forma digital por meio da informática.

As bibliotecas digitais surgem com a capacidade de agregar um número infinitamente superior de informações, sem contar que permite um acesso mais ágil e de qualquer lugar do mundo, além da possibilidade de um melhor armazenamento e recuperação daquela. E, no que tange à recuperação, temos um diferencial maior:

[...] possui a capacidade de executar estratégias de buscas por palavras isoladas ou por expressões inteiras, e o conteúdo informacional – seja ele na forma textual, sonora ou em imagens – não sofre os desgastes naturais decorrentes do uso intensivo do documento impresso. (CUNHA, 2008, p. 5).

Segundo Cunha (2008), a forma de recuperar a informação se torna mais eficaz com as bibliotecas digitais, o que antes era feito por meio de fichas ou de livros de referências, passou a ser feito direto no computador, melhorando o tempo gasto e fazendo com que o leitor realize sua busca não apenas por assuntos específicos, mas por diversas formas que abrangem mais as possibilidades de respostas. Além disso, é importante ressaltar a questão da conservação do material utilizado, pois nas bibliotecas convencionais, os livros, ao serem muito utilizados, deterioram-se, o que não acontece com a informação digital.

Enfim, as bibliotecas digitais chegam como uma nova possibilidade de acesso ágil e fácil à informação, além de permitir uma quantidade maior de informações disponíveis para acesso e utilização de todos. Outro ponto importante é a possibilidade de armazenar diversos tipos de materiais como mapas, *slides*, filmes e etc. tendo mais facilidade de recuperação de acordo com a necessidade de cada usuário.

E com as bibliotecas digitais também aparece um novo perfil de leitor, mais independente e cheio de possibilidades de encontrar as leituras que lhe interessam. A leitura se torna mais possível e com mais agilidade, podendo o leitor escolher a melhor forma de ler e de armazenar o que leu.

## 2.4 Bibliotecas no Brasil

No Brasil, as bibliotecas, também, tiveram papel fundamental para o desenvolvimento do país e, também, para o desenvolvimento de seus leitores e perpetuação da leitura. A história da biblioteca, no Brasil, segue um caminho interessante que possui três momentos importantes, representados em três maneiras de apresentação das bibliotecas, são elas: Bibliotecas religiosas e particulares, a Biblioteca Nacional e a Biblioteca Pública da Bahia. Estes três momentos serão apresentados, a seguir, para que se visualize como elas contribuíram com a leitura no desenvolvimento deste País.

### 2.4.1 Bibliotecas dos conventos e particulares

Logo após o descobrimento do Brasil, uma das primeiras atitudes foi trazer os religiosos para que pudessem catequizar os índios que já moravam no Brasil. Isso fez com que a igreja, assim como no resto do mundo, continuasse exercendo um papel importante no desenvolvimento da vida cotidiana do povo na nova colônia portuguesa. Assim, também as bibliotecas brasileiras sofreram esta influência religiosa, até mesmo porque, os próprios religiosos seriam os responsáveis pelas primeiras bibliotecas nestas terras. Josiel Machado Santos (2010, p. 52), confirma este pensamento, quando pondera que nos primeiros séculos do Brasil Colônia “[...] o país contava com bibliotecas dos mosteiros, conventos e de colégios religiosos bem como de bibliotecas particulares”.

De acordo com Schwarcz (2002), durante o século XVI, os impressos eram controlados pelos religiosos, tanto a sua entrada no país como a sua circulação, fazendo com que os livros de cunho religioso fossem os mais presentes. Alguns textos clássicos também podiam ser encontrados em circulação, contudo antes eram analisados e as informações consideradas inconvenientes deveriam ser retiradas de seu conteúdo.

Porém, um fato interessante de ser mencionado é que, neste período, mesmo com o controle da igreja, algumas obras não aceitas pelas normas religiosas poderiam ser encontradas, como nos mostra Schwarcz (2002, p. 269), ao dizer que “[...] o território era grande, a curiosidade, maior, e não havia como interditar essa variedade de obras e com elas, as próprias ideias”. Desta forma, algumas pessoas tiveram acesso a leituras diferentes das permitidas pela igreja, fazendo com que pudessem ter mais acesso a outras formas de conhecimento e de pensamentos.

Enfim, no período colonial devido à grande presença e ao poder da igreja, somado a seu papel na catequização e na educação do povo brasileiro, contribuiu para que as

bibliotecas implantadas no país, em sua grande maioria, fossem religiosas, pertencentes a mosteiros e a conventos; neste primeiro momento, de forma especial, ligados aos jesuítas, que eram as detentoras do monopólio da educação na época, e, posteriormente, outras ordens religiosas, como segue:

De forma geral, o Brasil Colônia concentrava os livros nos Conventos, principalmente dos padres da Companhia de Jesus. No fim do século XVI, os Jesuítas instalaram uma biblioteca em Salvador. Outras ordens religiosas - beneditinos, franciscanos, carmelitas - tinham bibliotecas em seus conventos. Os franciscanos, por exemplo, reformularam em 1776, os seus estudos e adotaram a filosofia da Ilustração (ou Iluminismo). Até metade do século XVIII, as bibliotecas dos Conventos foram centros de cultura e formação intelectual dos jovens brasileiros. São Paulo teve até esse momento duas boas bibliotecas conventuais: a de São Bento e a de São Francisco. (SANTOS, 2010, p. 53)

Com o passar do tempo, os livros se desenvolvem no cenário brasileiro, sendo que, nas primeiras décadas do século XVII, constata-se o aumento do número de pessoas com acesso aos livros, deixando, então, o livro de ser exclusividade da igreja. Assim, pessoas importantes da sociedade como advogados, cirurgiões e padres passaram a ter bibliotecas ou gabinetes de leituras particulares com diversas e importantes coleções de livros de diversos assuntos não relacionados à religiosidade, na maioria das vezes ligados à sua profissão ou algum outro interesse particular. Segundo Schwarcz (2002), um grupo seleto de leitores poderia ser encontrado em cidades como Salvador, Olinda, Rio de Janeiro e São Luís do Maranhão, onde com eles também diversos livros e, assim, diversas possibilidades de leituras.

Estas bibliotecas particulares, por não estarem mais nas mãos da igreja, não eram mais compostas apenas ou em grande maioria por obras religiosas, passando, dessa maneira, a partir do século XVIII, a ter espaço para outras obras que continham outros saberes como científicos e até obras profanas.

A leitura passou a ter mais espaço, no Brasil; a preocupação com espaços adequados para a leitura começou a crescer, permitindo, nessa medida, que bibliotecas e que livrarias fossem mais presentes, novos hábitos e manias relacionados ao livro e à leitura passaram a existir, conforme novos livros desembarcavam nesta nova colônia portuguesa.

Santos (2010, p. 53) ressalta que, neste contexto “[...] A leitura oral, pública ou privada, proliferou e os livros passaram a ser lidos e debatidos”, mudando a relação das pessoas com a leitura. Os livros trariam para a população novos anseios e outras possibilidades de sonho de liberdade.

#### 2.4.2 Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional de um país é o sinônimo de toda sua grandeza, seja ela física, representada na quantidade e na qualidade de seu acervo, que é sempre composta por materiais de valor inestimável, além de sua grandeza histórica, pois guarda as memórias das grandes conquistas de sua nação. No caso do Brasil, a Biblioteca Nacional além de representar as histórias e as conquistas deste país, igualmente, traz uma grande parte da história de seu país colonizador, Portugal.

A vinda da família Real para o Brasil foi a grande responsável, também, pela vinda da Biblioteca Real, com diversos documentos, histórias e riquezas deste povo. Passando por um processo de mudança a Biblioteca Real passaria a ser, então, a Biblioteca Nacional do Brasil, considerada a sétima Biblioteca Nacional pela UNESCO e a primeira da América Latina, contabilizando mais de 200 anos de fundação.

Podemos destacar que a história das bibliotecas do Brasil tem seu início, bem antes dos portugueses aportarem neste país. De acordo com Schwarcz (2002), essa história se inicia com a Biblioteca Real de Portugal, que foi construída como um grande tesouro português; sofreu diversas perdas em função de algumas desgraças naturais como terremotos e incêndios, mas foi reconstruída cada vez mais cheia de conhecimentos em forma de acervo valioso.

A Biblioteca Real Portuguesa, ou “Livraria Régia” como também era conhecida, podia ser vista como a representação do interesse da realeza portuguesa pelo conhecimento expresso em livros e em outros materiais importantes, ou, pelo menos, como pondera Schwarcz (2002, p. 32) “[...] pelas vantagens políticas e simbólicas que um acervo como aquele trazia [...]”. Estava claro que o interesse pelo livro era grande, contudo nem sempre estava vinculado à leitura ou ao conhecimento e, sim, ao poder e ao valor que estes traziam consigo.

Esta biblioteca representava o acúmulo da cultura portuguesa, transformando em algo visual o orgulho nacional, pela história e pelas conquistas desta nação, causando, desta forma, admiração de diversos reinos que não podiam ostentar o mesmo patrimônio em seus reinos. O acervo da “Livraria Régia”, em determinado momento, chegou a contar com 70 mil volumes, que foi formado a partir do esforço de seus monarcas, que chegavam a comprar bibliotecas inteiras para serem incorporadas a este acervo real, além de mandarem buscar livros nos mais distantes locais, onde pudessem ser encontrados livros e outros materiais importantes e com grande valor para os portugueses.

Desta forma, a Biblioteca Real Portuguesa, além de muito valor intelectual, em virtude de possuir um enorme acervo que abrangia diversas áreas do conhecimento, também, possui um enorme valor financeiro, pois era repleto de coleções preciosas e de diversas obras raras, dando, desse modo, a esta biblioteca de fato o valor de uma verdadeira Biblioteca Real.

Quando, em determinado momento da história de Portugal, a família real precisa mudar-se para o Brasil, a Biblioteca Real, também, passa a ter um novo destino. Algumas pessoas insistem em dizer que a ida da família real foi rápida e sem planejamento, contudo, esta viagem não foi tão às pressas e nem sem muito planejamento. Prova disso, foi terem levado tantos documentos em especial vários acervos da Biblioteca Real, que foi tão planejada que aconteceu em três etapas, sendo a primeira no ano de 1810 e a duas seguintes no ano de 1811.

A instalação da Biblioteca Real Portuguesa no Brasil ocasionou algumas brigas diplomáticas entre Brasil e Portugal, findando-se com o pagamento por parte do Brasil de 800 contos de réis, o que seria um preço extremamente alto para um país que acabara de se tornar independente e estava se estruturando. Desta forma, a Biblioteca Real será o passo principal para o nascimento da Biblioteca Nacional do Brasil.

Ao chegar ao Brasil, a Real Biblioteca foi instalada nas dependências do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, no Rio de Janeiro, em instalações provisórias, que aos poucos seriam adaptados, deixando, enfim, de ser hospital e assumindo características de biblioteca. Sua inauguração aconteceu no dia 13 de março (data do aniversário do Príncipe Regente) no ano de 1811. Contudo, seu acesso era restrito, passando a ser aberto ao público apenas no ano de 1814.

No que se refere ao acervo dessa biblioteca, além do que veio de Portugal, o crescimento desse se deu por diversas doações e compras. Era comum o fato de várias doações de pessoas ilustres serem incorporadas na biblioteca. Outra forma de aumentar o acervo se iniciou no ano de 1822, por meio das chamadas *propinas*, definida por Schwarcz (2002), como a obrigatoriedade de enviar um exemplar de tudo que era impresso no Brasil e em Portugal, para fazer parte do acervo da Biblioteca Real. Esta prática foi precursora do que hoje é conhecido como a Lei do Depósito Legal. Contudo, o que mais contribuía com o crescimento do acervo eram as doações que faziam parte do cotidiano das pessoas da elite do governo, que tinham a Biblioteca como uma representação da grandeza nacional.

Com a independência do Brasil, várias mudanças aconteceram, também, no que se refere à Biblioteca Real, aos Manuscritos da Coroa contendo a história de Portugal,

que tiveram que retornar para sua terra de origem, contudo a Biblioteca permaneceu no Brasil. E, após diversas negociações, finalmente em 1825, é assinado o Tratado de Amizade e Aliança entre Brasil e Portugal, em que se estabeleceu um pagamento por todos os pertences que ficaram no Brasil, inclusive a Biblioteca Real que custou 800 contos de réis para o império.

Em 1821, a Biblioteca Real recebe de D. João VI seu primeiro regulamento, que trazia, em seus 32 artigos, normas e direcionamentos de como deveria transcorrer o funcionamento da Biblioteca. De acordo com Moraes (1979), estes artigos estavam ligados ainda às tradições burocráticas portuguesas, que, segundo o autor, persistem em continuar em terras brasileiras. Além das diretrizes gerais, como horário de funcionamento, tipo de materiais e organização de acervo, também, podia ser encontrado, neste regulamento, a preocupação com o maior dos inimigos das bibliotecas, o incêndio. Schwarcz (2002, p. 404) apresenta essa preocupação, quando destaca que “[...] mais uma vez, surgia bem no meio dos regulamentos o receio de incêndios, uma vez que sugere o decreto a proibição de velas ou lamparinas, os únicos meios de iluminação na época”.

Outro ponto interessante, neste regulamento, refere-se ao contato do usuário, que, neste momento, eram poucos, com os livros. Segundo Schwarcz (2002), ninguém poderia sair da biblioteca levando qualquer que fosse o livro, caso existisse a necessidade de copiar, tinha que ser feito na própria biblioteca e sob o olhar de um funcionário desta, para que não houvesse danos ou alterações nos originais.

Com a Independência, a nomenclatura da Biblioteca também sofreu alterações, deixando, em 1822, de ser Real e passa a ser chamada de Biblioteca Imperial e Pública, mas ainda não sendo seu nome definitivo, pois, em 1876, receberia, finalmente, e definitivamente, o nome de Biblioteca Nacional.

É importante perceber que nos primeiros anos do Brasil independente, junto com a briga para garantir a permanência da Biblioteca Real no Rio de Janeiro, também, surgiram políticas que se preocupavam com o desenvolvimento de seu acervo a partir de compras de livros e outras melhorias necessárias, para ajudar na formação de um país culto (SCHWARCZ, 2002).

Em 1827, num contexto mais preocupado com a educação pública, surge um novo regulamento da Biblioteca Imperial e Pública, em que chama a atenção à presença de um ponto relacionado à abertura e maiores possibilidades de acesso do público, inclusive dando ao leitor materiais que precisasse para realização de sua pesquisa, como podemos ver:



[...] A Biblioteca ficaria aberta todos os dias, das nove horas da manhã até a tarde, exceto aos domingos, dias santos e de Grande Gala da Corte. Seriam admitidas todas as pessoas "que se apresentarem decentemente vestidas e sem capote", para as quais se emprestariam todos os livros que pedissem, assim como se lhes forneceria "papel, pena e tinta para fazerem apontamentos". No entanto, tanta permissividade escondia velhas regras: ninguém podia levar emprestados livros da Biblioteca, sem "licença de sua majestade o Imperador e Ordem escrita, a qual ficará guardada para justificar o bibliotecário, e servir de título à sua reclamação". Tampouco era permitido aos consulentes tirar livros das estantes ou recolocá-los; após a leitura, deveriam ser imediatamente devolvidos...". (SCHWARCZ, 2002, p. 405)

Como nos mostra a autora, é importante salientar que, apesar de começar um processo de abertura ao público, ainda existia uma forma muito controladora desse acesso, não permitindo ao leitor sentir-se tão à vontade para pesquisar o que desejava. O acesso à Biblioteca ainda estava relacionado às pompas portuguesas, como foi mostrado; em que para se ter acesso ao livro, era necessário seguir padrões inclusive de vestimenta. Outras regras também foram sendo acrescentadas, especialmente, para ajudar no controle e na segurança do acervo, haja vista o fato de o número de leitores aumentar constantemente.

Com o grande crescimento do acervo, a Biblioteca teve a necessidade de mudar de prédio, o que aconteceu no ano de 1858, passando para a Rua do Passeio na Lapa, onde hoje é a Escola de Música, da Universidade do Rio de Janeiro. Contudo, como o acervo continuava a crescer, finalmente, realiza-se o projeto de um prédio específico para atender as necessidades da Biblioteca Nacional. Nascia, assim, no dia 29 de outubro de 1910, o prédio onde hoje se encontra as dependências dessa suntuosa Biblioteca.

A Biblioteca Nacional, mesmo após diversos restauros, seja por seu acervo grandioso, seja pela beleza de seu prédio, recebe muitos visitantes, alguns apenas para admirar formosura e outros para pesquisar e aproveitar o vasto conhecimento encontrado no âmbito de suas acomodações. Dentro de suas dependências, além de seu acervo e serviços de pesquisa, também existe um Escritório de Direitos Autorais, onde seus pesquisadores podem registrar e averbar os direitos de autor de suas pesquisas.

Já, no ano de 2006, a Biblioteca Nacional passa a fazer parte do contexto tecnológico em que a sociedade se encontra, fundando, então, a Biblioteca Nacional Digital, que é composta por diversas coleções digitalizadas e organizadas para acesso do público leitor. Esta Biblioteca consegue ultrapassar as barreiras do tempo e se adequar às necessidades do momento, levando todo o orgulho de um país dos papéis para o mundo virtual, estando presente no *hall* das bibliotecas com maior acervo virtual do mundo.

É incontestável que hoje a Biblioteca Nacional, assim como outros prédios e instituições culturais, tem enfrentado diversos problemas para a sua existência, sejam eles

físicos, de mão de obra ou mesmo políticos, o que lembra ainda seu momento de fundação. Contudo, esta instituição continua levando conhecimento para todos que o buscam, seja em suas dependências físicas ou em suas páginas virtuais, permitindo aos seus leitores possibilidades diversas de conhecimento.

#### 2.4.3 Biblioteca Pública da Bahia

Para falar de Biblioteca Pública no Brasil, devemos voltar até a Biblioteca da Bahia, que foi fundada no dia 13 de maio de 1811, como já foi dito, no aniversário do Príncipe Regente, por iniciativa dos próprios cidadãos da cidade. De acordo com Santos (2010, p. 56), foi encabeçado por um senhor de engenho chamado Pedro Castelo Branco e um grupo de homens inteligentes e cultos que tinham apreço pela leitura. Segundo Adriano Cataldo Azevedo (2012), a Biblioteca Pública da Bahia se tornou um local onde os pensadores podiam trocar suas ideias e seus conhecimentos sobre ciências e artes, sendo um local para socialização de pensamentos e para construção de saber.

A Biblioteca Pública da Bahia foi a primeira em terras brasileiras com característica pública, onde os leitores poderiam adentrar e ter acesso às obras ali presentes, a oportunidade para que a leitura chegasse a outras pessoas surge com esta biblioteca. Apesar de já existir bibliotecas, no Brasil, a da Bahia nasce do povo para o povo, sem, inicialmente, ter qualquer apoio do governo; infelizmente não foi uma atitude que prosperou inicialmente como podemos ver:

A Biblioteca Pública da Bahia é a primeira que com esse caráter se fundou no Brasil, pois a dos conventos não eram públicas e a Biblioteca Real do Rio de Janeiro já existia em Lisboa e tinha sido somente transferida de sede. O ato de fundar uma biblioteca por iniciativa dos cidadãos, sem ajuda do governo, infelizmente não frutificou [...]. (MORAES, 1979, p. 143)

Segundo Schwarcz (2002), a Biblioteca Pública da Bahia surgiu por meio da doação do acervo particular de seu fundador Castelo Branco, o que motivou, também, outros doadores a colaborarem com o desenvolvimento desta biblioteca, que, em pouco tempo, já tinha em seu acervo 3 mil volumes, passando depois de 7 anos para 5361 volumes dos mais diversos assuntos, como literatura, filosofia, política, ciências e outros. É interessante ressaltar que muitos livros doados para esta biblioteca vieram da Biblioteca Real, que mandava livros que tivessem duplicados em seu acervo, para compor o acervo dessa instituição. Contudo, estes livros, como ressalta Schwarcz (2002), não poderiam constar no catálogo desta biblioteca, por ordem expressa de D. João VI.

A Biblioteca Pública da Bahia, assim como a maioria das bibliotecas, desenvolveu-se por meio de mobilizações de seus idealizadores, também, por intermédio de ajuda do governo e outras doações. Porém, sempre, enfrentou dificuldades e problemas para se manter, inclusive um bombardeio que dizimou seu acervo, no ano de 1912, causando o que é definido por Azevedo (2012, p. 7) como “primeira morte da Biblioteca Pública da Bahia”. Muito se perdeu, mas como toda biblioteca importante foi reconstruída e colocada, novamente, à disposição do público, continuando seu papel de permitir que leitores tivessem acesso ao conhecimento.

A Biblioteca Pública da Bahia é um ponto inicial para as diversas bibliotecas públicas que, futuramente surgiram no país, bibliotecas universitárias, municipais, escolares, todas com o mesmo objetivo de levar informação para o maior número de leitores possível.

No processo de evolução das bibliotecas na história, podemos acompanhar, também, o desenvolvimento da leitura, mesmo passando por momentos críticos como sua proibição, conseguiu resistir e acompanhar o processo de evolução da humanidade. E é inegável que as bibliotecas contribuíram muito com este processo, pois foi, por meio delas, que as fontes principais da leitura foram guardadas e preservadas, nas bibliotecas que muitas vezes as únicas pessoas que sabiam ler encontravam-se reclusos.

Já no século XXI, num novo contexto histórico, com uma enxurrada de informações, as bibliotecas têm assumido um novo papel, em que, além de armazenar, de gerir e de disseminar a informação, elas também passam a contribuir com ações que ajudam na formação de leitores. Contribuindo, assim, para que seus frequentadores possam ter o melhor contato com sua matéria-prima, que é o livro e a leitura.

### 3 O LEITOR LITERÁRIO NA UNIVERSIDADE

*“Meu irmão tem uma espada e eu tenho minha mente. E uma mente precisa de livros como uma espada precisa de uma pedra para amolar. É por isso que eu leio tanto, Jon Snow.” (J. R. R. Martin, Crônicas de Gelo)*

*“Quanto à menina, ela sentira um desejo repentino de lê-lo, que nem sequer tentara entender. Qualquer que fosse a razão, sua ânsia de ler aquele livro era tão intensa quanto qualquer ser humano de dez anos seria capaz de vivenciar.”. (Markus Zusak, A Menina que roubava livros.)*

É muito comum, quando se pensa em formação de leitores literários, associarmos quase que, automaticamente, com o ensino fundamental e médio, ou seja, o ensino básico dos estudantes, que deveria ser o principal momento para formar o indivíduo como leitor. É que nos primeiros anos escolares, está se aprimorando a dimensão cognitiva deste futuro leitor.

Contudo, infelizmente, o que tem sido observado, atualmente, são diversos alunos chegando à universidade com pouco contato significativo com a leitura, inclusive com a leitura literária. Paula Carlino (2015) contribui com esse pensamento ao apresentar algumas queixas de professores relacionado ao contato dos alunos com a escrita e com a leitura, como podemos ver:

*“Os alunos não sabem escrever. Não entendem o que leem. Não leem.”. Essas queixas, na boca dos professores, aparecem ao longo de todo o sistema educativo, desde a educação básica. Também na universidade. E a responsabilidade sempre parece ser de outro: o primeiro ano deveria ter feito algo que não fez, os pais deveriam ter feito algo. E também se diz que o ensino médio deveria ter formado os alunos para que chegassem no ensino superior sabendo escrever, ler e estudar. (CARLINO, 2015, p. 26)*

Muitos dos indivíduos que chegam à faculdade tem pouca ou quase nenhuma prática de leitura literária e, na maioria das vezes, encontram dificuldades para desenvolvê-la no ensino superior, pois o principal foco neste nível educacional é a formação profissional.

É importante ressaltar que a falta de leitura pode influenciar em todo o aprendizado do aluno, pois é por meio da leitura que a pessoa consegue apreender a informação e transformá-la em conhecimento. Conforme Maria de Lourdes Dionísio (2005), é importante que o leitor, mais que ler rapidamente e de forma fluente e eficaz, saiba utilizar essa leitura na aplicação de diversas situações do seu dia a dia.

Principalmente, na universidade, a necessidade de leitura é constante, pois a quantidade de leitura técnica e especializada apresentada ao aluno é muito grande. E, para ter facilidade ou mais familiaridade no acesso a esta leitura acadêmica, a leitura literária pode ser utilizada como porta de entrada para se construir o hábito e as habilidades para um bom aproveitamento da leitura que será feita, constantemente, pelo leitor universitário.

Porém, do que adianta muita leitura se o aluno não consegue ter compreensão? Daí surge a necessidade de uma preocupação com a formação de leitor não apenas no ensino básico, mas também na universidade, para que se tenham alunos que, além de decodificar informações, também, consigam transformá-las em conhecimento e, assim, poder utilizar deste conhecimento para exercer sua profissão.

Talvez, com o advento da internet, na era das redes sociais e *blogs*, nunca se tenha lido tanto, mas com tão pouca qualidade. Não podemos dizer que as pessoas leem pouco, pois não é raro vermos uma pessoa com um celular na mão, seja lendo uma notícia, anotando uma receita ou enviando uma mensagem e postando algo em sua rede social.

Está acontecendo o que Roger Chartier (1997, p. 142) já havia previsto ao dizer que “o texto eletrônico poderia, com o tempo, supor a retomada da leitura no espaço doméstico e privado ou nos lugares em que a utilização dos bancos de dados informáticos, das redes eletrônicas, é a mais importante.”. O acesso ao texto virtual ou eletrônico, como tematiza o autor, tem possibilitado que as pessoas consigam ler mais, ter mais contato com textos de todos os tipos e tamanhos, seja em sua casa, em seu trabalho, na escola, ou mesmo na rua.

Entretanto, essa leitura, por vezes é superficial, com uma escrita cheia de siglas e abreviações que, para muitos, nem significado encontram, são vários “vcs”, “tbms”, “Tmj”, que talvez seja preciso um novo dicionário para decifrar essa nova linguagem que chegou com a era das redes sociais.

Quando pensamos em leitura na universidade a primeira lembrança são os diversos textos científicos apresentados pelos professores para auxiliar ou embasar o conhecimento ensinado em sua aula. De acordo com estudo realizado pelo Instituto Pró-Ler (2016, p. 74) é nos mostrado que “57% de pessoas com ensino superior gostam muito de ler”, confirmando que uma quantidade significativa de alunos universitários se interessa pela leitura. Assim, novamente é impreciso dizer que os acadêmicos não leem, talvez essa até acabe sendo a única forma de leitura experimentada pelos alunos da graduação.

Porém, mesmo considerando o universitário como um leitor, surge a seguinte questão: este aluno sabe utilizar aquilo que lê? Sua leitura lhe permite algo além do processo de decodificação, levando-o a um pensamento crítico? E, assim, atentamos para o fato de que a leitura não está apenas no ato de decodificação, mas, principalmente, no contexto do meio acadêmico, ela precisa estar ligada à proficiência, ao desenvolvimento de habilidades críticas que permitam ao aluno conhecer e refletir sobre a realidade de mundo que é apresentada a ele.

Assim, percebemos que também na universidade é muito importante a preocupação com a formação dos leitores, entendendo que essa formação permite que o discente desenvolva uma leitura proficiente, saindo do patamar superficial da decodificação. É preciso entender que a leitura literária pode ser uma porta de entrada para a leitura crítica, que, como já foi dito, é fundamental no processo de formação acadêmico.

Preocupados com a formação deste leitor em nível acadêmico, este capítulo abordará a relação entre a leitura e a formação de leitores na universidade, apresentando como a leitura se apresenta no meio acadêmico, além de mostrar como a formação de leitor se relaciona na universidade e finaliza apresentando como a Biblioteca pode contribuir neste processo de formação de leitores.

### **3.1 A Leitura e sua presença na universidade**

No segundo capítulo desta pesquisa, foi apresentado um breve histórico da leitura e como a biblioteca teve fundamental importância no desenvolvimento desta história, conduzindo a leitura até a atualidade. Detivemo-nos na leitura de forma histórica, contudo, neste capítulo, é importante que nos detenhamos na leitura de forma prática, de forma especial de como ela se desenvolve no âmbito da universidade.

A leitura está estreitamente ligada ao poder. Segundo Silvia Castrillon (2011, p.16), a leitura sempre foi “instrumento de poder e de exclusão social”, seja pela igreja, pelos poderes políticos ou pelos poderes econômicos; esta sempre serviu aos que desejam deter o poder. Assim, ser leitor é também estar consciente disso e poder exercer a cidadania plenamente. A leitura deveria ser acessível para todos, mas ainda continua sendo restrita a poucos, principalmente, em virtude de questões econômicas e sociais.

A leitura é primordial para o aprendizado, ela é porta para os demais campos do conhecimentos, além da gramática que buscamos durante toda a vida. No que se refere ao ensino, Regina Zilberman (2005, p. 79) defende que a leitura é fundamental para sua

estruturação, tanto que se encontra “... no começo da aprendizagem e conduz às outras etapas do conhecimento...”. Assim, não podemos deixar de pensar em leitura, quando nos voltamos para o ensino, qualquer que seja a instância da qual estivermos tratando.

Manoel Antônio de Castro (2015, p. 82) tematiza a leitura, comparando com o ato de comer, “[...] a leitura, nesse sentido, será o ato livre pelo qual nos alimentamos para podermos chegar a ser o que somos [...]”. A partir desse pensamento, podemos ver a leitura como alimento que dá energia e sustento para o ser humano, servindo para moldar e formar suas características principais. É importante ressaltar que, ainda, de acordo com autor, por meio da leitura, o leitor é inserido na sociedade, não ficando à margem, pois passa a conhecer o universo que lhe rodeia e consegue se incluir nele. A leitura, então, alimenta e faz com que seu leitor não fique perdido na sociedade em que vive, ele passa a ter possibilidade de se manifestar e de opinar.

No passado, a leitura não foi tão bem vista, sendo considerada, inclusive, como prejudicial à população, no que tangia a questão da própria saúde. De acordo com Marcia Abreu (1999), sua prática foi vinculada ao aparecimento de problemas na visão e em nervos de alguns leitores; assim, assustavam os leitores que desistiam deste ato com medo de adquirirem alguma doença.

Na própria literatura, podemos encontrar personagens que mostram a leitura como causadora destes males à saúde. Como não lembrar de personagens famosos da literatura que descrevem bem essa realidade, por exemplo, o famoso “Dom Quixote”, da obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes, tendo sua primeira publicação no ano de 1605, em que a loucura deste personagem é creditada ao fato de ter lido demais, passando a confundir realidade com fantasia.

Outro caso, agora de uma obra brasileira que está no livro “O triste fim de Policarpo Quaresma”, do autor Lima Barreto, tendo sua primeira edição datada de 1915, em que é apresentado o major “Policarpo Quaresma”, defensor nato da pátria brasileira. Suas ideias nacionalistas acabam fazendo com que seja considerado um louco, chegando até a ser internado em um hospício. Em um diálogo, apresentado por Barreto (1984, p. 57) entre alguns personagens em uma mesa de jogos, que o assunto era a loucura do major Policarpo, os amigos atribuem a insanidade de Quaresma à sua “mania de leitura”. Chega a ser interessante que, para os personagens, pessoas sem um título acadêmico nem deveriam ter acesso à leitura, reafirmando a ideia de leitura para poucos.

Além de prejuízos à saúde, muitos consideravam a leitura também inconveniente ao pensamento humano, como podemos observar nas palavras de Abreu (1999, p. 12) ao postular que “eles corrompiam a inocência, afastavam da virtude, favoreciam o crime,

pois as pessoas desejavam transpor para a vida real aquilo que leram nos livros [...]”. Desta maneira, a leitura foi por muito tempo sabotada, censurada, proibida, não sendo permitido que a maioria das pessoas tivessem acesso a ela, e conseqüentemente, ao conhecimento ou mesmo à liberdade de pensar, pois a leitura desde sempre foi considerada um empecilho para os que queriam a sociedade ignorante.

Rompendo com essa realidade do passado, diferente do que muito se pensa e fala de que a população lê pouco, talvez, podemos dizer que estamos num período da história que mais se tem lido; diversas pessoas têm tido mais acesso à leitura seja fisicamente ou virtualmente. Contudo, o problema da atualidade está mais relacionado a que tipo de leitura está sendo buscada pelos leitores. A procura por livros considerados “bons” ou relevantes tem diminuído e as pessoas têm buscado mais livros sem muito valor, segundo os críticos literários. Podemos confirmar este pensamento a partir das palavras de Abreu (1999) ao falar:

[...] Na verdade, lê-se muito livro de auto-ajuda, de vulgarização científica, muita ficção científica, história em quadrinhos, lê-se muito livro sobre *hobby*, sobre os astros da música e do cinema, muitas recolhas de piadas. Mas lêem-se pouco os “bons livros”: pouca filosofia, pouca literatura erudita, pouca reflexão política séria. Em resumo, parece haver uma diminuição do interesse pelos livros positivamente avaliados pela escola, pela academia, pela crítica literária. (ABREU, 1999, p. 14-15).

Para saber o que escolher para ler é importante que antes a pessoa tenha realmente interesse pela leitura, mas um interesse pessoal que o leve para um caminho mais profundo de leitura. Esta personalidade é fundamental no processo de leitura, pois, como ressalta Maria Helena Martins (1994, p. 12), “[...] Ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário...”. Assim, temos que o aprendizado da leitura acontece, individualmente de acordo com a experiência de cada pessoa, somente a partir da disponibilidade e do desejo do indivíduo que pode acontecer o aprendizado da leitura.

A leitura é algo que já está instaurado em nossas vidas, pois em todos os momentos nos deparamos com situações que nos conduzem a ela, colocando-nos em um processo contínuo de reconhecimento de signos que representam algo para nosso entendimento. Confirmarmos esse pensamento com as palavras de Chantal Horellou-Lafarge e Monique Segré (2010, p. 13), quando postulam que “[...] A leitura se impõe como uma atividade que para nós se tornou natural, indispensável como alimentar-se ou vestir-se [...]”. Desde quando levantamos até o momento que dormimos somos apresentados a oportunidades de leituras que algumas vezes nem percebemos sua presença, como a leitura do jornal



enquanto se toma café, ou o *outdoor* no momento em que se dirige para o trabalho, ou mesmo o cardápio no momento da escolha da refeição.

Para ajudar no entendimento sobre a leitura, é interessante conhecer um pouco sobre a etimologia desta palavra, em que utilizaremos como base o que salienta Eliana Yunes:

[...] a palavra leitura é da família da palavra colheita – talvez porque se juntavam grãos como juntamos letras e o alimento se faz dos grãos em seu conjunto, assim como as letras compõem textos e sentidos – não nos pode surpreender que inteligência venha de *inter+legere*, que corresponde ao colher mentalmente, entre tantos elementos possíveis [...]. (YUNES, 2009, p. 27)

Temos, então, que a leitura é esse processo de colher as letras e as palavras para dar sentido a um texto, sendo um processo em que o leitor se disponibiliza a buscar e organizar as informações por meio da leitura para alimentar o seu conhecimento.

De acordo com Wilson Leffa (1996), a leitura é um reflexo de algo que já conhecemos e para que ela aconteça é necessário lançar mão de conhecimentos anteriores do mundo. Assim, podemos dizer que a leitura é um constante jogo de resgatar o seu conhecimento prévio para que se consiga ler o próprio mundo. E como o mundo está em constante mudança também muda a forma de ler:

Uma vez escrito e saído das prensas, o livro, seja qual for, está suscetível a uma multiplicidade de usos. Ele é feito para ser lido, claro, mas as modalidades do ler são elas próprias, múltiplas diferentes segundo as épocas, os lugares, os ambientes [...]. A leitura não é uma invariante histórica – mesmo nas suas modalidades mais físicas -, mas um gesto, individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade. (CHARTIER, 2004, p.173)

Ou seja, o livro é produto do meio de sua produção e recepção. E não é diferente com a leitura. Chartier (2004) destaca que ela se apresenta em diversas modalidades, a serem definidas conforme o contexto em que o leitor encontra-se, sofrendo influências do local, do tempo e da realidade em que estiver vivendo, daí dizer que a leitura não é uma invariante histórica, pois ela não é engessada, presa ao entendimento de quando foi escrito o texto, mas aberto à interpretação, de acordo com a historicidade de cada pessoa.

O ato de ler, então, só assume sentido, a partir daquilo que já é conhecido pelo leitor e por ele já foi vivenciado. Uma pessoa no início da vida escolar não poderá ter a mesma leitura que um estudante universitário, por exemplo, e isto acontece não apenas pelas habilidades leitoras que aprende-se no decorrer do percurso escolar, mas, também, pelas experiências individuais e coletivas que este leitor teve em sua vida. Essas

experiências, como postula Chartier (2004), terá um papel importante na leitura deste indivíduo.

A leitura de mundo é muito importante, pois, segundo Daniela Versiani; Eliana Yunes; Gilda Carvalho (2012, p. 17), “ninguém aprende a ler nos livros: todos aprendemos a ler lendo o mundo à nossa volta [...]”. Ao aprendermos ler o mundo é que nos tornamos aptos para aprender a ler os textos escritos, quanto mais acumulamos história à nossa vida, mais referência temos para o processo de leitura. No que tange ao contexto acadêmico, saber ler o mundo é fundamental, pois esta leitura colaborará para o constante processo de formação que as pessoas precisarão na academia.

A leitura deve permitir ao leitor, além de um novo conhecimento, também, uma nova reflexão de como ele pode se inserir neste mundo, na realidade que ele presencia por meio da leitura. De acordo com Yunes (2009, p. 35), é por meio da leitura que se pode “[...] elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo [...]”, dando, assim, significação a sua realidade e podendo ser inserido nela.

Na universidade isso é muito importante, pois o aluno será apresentado a uma nova realidade, em que serão apresentados novos conhecimentos por meio de diversos textos, tendo este leitor universitário o desafio de saber como deverá utilizar este novo apanhado informacional para seu desenvolvimento intelectual. A leitura lhe dá a oportunidade de colocar sua visão sobre o que foi lido, permitindo um novo desenvolvimento de conhecimento. Carlos Humberto Alves Correa (2001) ilustra essa questão ao falar:

Portanto, um texto permitiria ao leitor não apenas ter acesso ao conhecimento que diferentes pessoas, em diferentes contextos, desenvolveram acerca do mundo, como também, a partir da reflexão sobre esse conhecimento, aprofundar sua compreensão sobre a sua realidade e produzir novas leituras dessa realidade e novas formas de se relacionar com ela. (CORREA, 2001, p. 14)

Quando entramos em contato com a leitura, é comum obtermos novas oportunidades e mais liberdade em nossa sociedade, o conhecimento se faz mais presente e, talvez, até mais fácil de se aprender. Contudo, com a leitura também passamos a assumir novos comprometimentos, novas responsabilidades com a verdade. O ato de ler traz consigo a responsabilidade de fazer seu leitor pensar, assumir seu papel crítico na sociedade, ir além, como pondera Martins (1994, p. 20), a leitura permite uma “conquista de autonomia” e “ampliação de horizonte”.

Não se pode mais ficar preso a informações superficiais ou falsas, sem garantia da verdade, isso também nos atrela ao compromisso de disseminar informações verdadeiras,

incentivando a leitura para outras pessoas. Esse compromisso, na universidade, é mais pulsante, pois é um ambiente onde o compromisso com a comprovação e com a realidade é essencial, não existe espaço para informações que não sejam testadas e comprovadas.

Essa ideia de autonomia e de comprometimento a partir da leitura só acontece se de fato fizermos da leitura um processo de desenvolvimento crítico e não simplesmente um ato de decodificação, que tem sido o maior problema daqueles que adentram na universidade. Yunes (1995, p. 186) também pondera essa mudança de horizonte, relacionado com a leitura, além de dizer que ler está relacionado com a interação, com a realidade, interpretando e buscando compreender o mundo e a realidade que vive. Assim, vemos que ler nunca pode ser apenas um simples ato de decodificar letras, algo passivo e estático.

### 3.1.1 Leitura: decodificar e compreender

Bem mais que um simples processo de decorar as letras e suas combinações para formar palavras, é importante que o leitor entenda o que está lendo e escrevendo e, mais ainda, que ele desenvolva um senso crítico a partir do que leu, para que possa interagir com o mundo em que vive, podendo utilizar da leitura para o seu desenvolvimento pessoal e também comunitário.

Horellou-Lafarge; Segré (2010, p. 74) são enfáticos, ao dizer que “[...] decifrar não é ler, aprender o sentido do texto”, mostrando que saber quais letras estão escritas no papel não fazem de uma pessoa, de fato, um leitor. E, durante muito tempo, especialmente no séc. XIX, a principal preocupação no ensino era de que o aluno conseguisse decodificar sílabas e palavras, não dando atenção para o processo de entendimento e de compreensão do texto, o principal objetivo era a pessoa olhar para a palavra e conseguir associar ao que ela representava.

Paulo Freire, educador que teve, e ainda tem, papel muito importante no desenvolvimento de um ensino diferenciado e eficaz, principalmente no que se refere à alfabetização, sempre, defendeu a importância da compreensão, de ir além da decodificação, abrindo-se para o processo de conhecimento. Freire (2003, p. 31) afirma que, durante o processo, “os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas aprender a sua significação profunda”. Para o autor, a leitura deve estar relacionada com o processo de compreensão daquilo que está sendo lido. É necessário que, a partir da leitura, o leitor assuma algo de novo para sua vida, não, apenas,

o aprendizado de uma palavra, mas um significado que permita a este leitor saber pôr em prática o que aprendeu.

Corroborando com o pensamento sobre a diferença entre o ler e o decodificar, Castro (2015, p. 83) salienta que “[...] o ler não deve consistir em decorar nem em repetir o que os outros dizem. Leitura é alimento à espera de metabolização em cada leitor.”. Ler não é decorar e repetir aquilo que é apresentado para o leitor, por mais que, no processo de alfabetização, os alunos sejam orientados a repetir o que lhe é mostrado, sendo incentivado a copiar aquilo que é posto no quadro ou ditado pelo professor. Porém, ler é, além disso, é um processo de “metabolização”, em que o leitor se alimenta da leitura, mas o alimento é trabalhado dentro do leitor e transformado em algo que encontre sentido para ele.

De acordo com Martins (1994), o leitor deve assumir um papel ativo frente àquilo que lê, indo em busca de todo o contexto que circunda o texto que será lido, adentrando em toda a realidade apresentada a partir daquilo que está relacionado ao texto. Zilberman (2005) nos mostra que o ato de compreensão é importante, pois leva o leitor para uma nova reflexão e conhecimento de mundo que antes ele não tinha tido contato.

Versiani; Yunes; Carvalho (2012, p. 23) nos apresentam a diferença entre “leitura” e “decodificação”, dizendo que “... a decodificação é um processo objetivo...” algo meio automatizado, em que está relacionado o processo de aprendizado e memorização; quanto à leitura, as autoras dizem que “... é um processo subjetivo ...”, em que temos a compreensão do código apresentado e sua contextualização em busca de uma significação, em que ainda nas palavras das autoras “... estamos no âmbito da interpretação, da apropriação do saber.”. Esta diferenciação mostra que a leitura está relacionada bem mais que aprender as letras e a sua organização, mas o que essas letras e sua organização querem e podem expressar para o seu leitor.

A cumplicidade entre o ato de decodificar e compreender é uma realidade que não se separa, um não pode existir sem o outro, Martins (1994, p. 33) defende que “[...] decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível [...]”. De nada tem serventia se decodificar um texto e não conseguir compreendê-lo, e, infelizmente, é isso que tem acontecido durante o processo de aprendizado de muitos estudantes.

E como compreender sem decodificar aquilo que se leu? Não tem como. O texto só ganha sentido se for decodificado por seu leitor. Assim, temos que ter em mente que a leitura não pode ser apenas um simples ato de decodificação, mas devemos saber que não se chega à compreensão do texto sem antes decodificá-lo. Versiani, Yunes e Carvalho

(2012, p. 23) confirmam a colaboração entre decodificação e compreensão, quando defendem que “a decodificação seria a etapa primeira, mas só há processo de leitura quando o que é decodificado ganha sentido para aquele que lê [...]”. Assim, percebemos novamente que decodificar é um passo que deve ser vinculado à leitura, que só acontece se existir a compreensão, se o leitor tiver uma nova experiência por meio da leitura realizada.

Desta forma, temos, então, que a leitura é uma porta para diversos outros caminhos, se bem utilizada, juntando decodificação e compreensão, ela pode levar para a aquisição de diversos conhecimentos e culturas, proporcionando diversos benefícios como nos apresenta Castro Filho ao analisar o pensamento de Chartier:

[...] a leitura dá oportunidades de adquirir conhecimento e cultura, ajuda a melhorar o vocabulário, pode proporcionar, além de informações, aprendizado para a vida, gosto por ler, diversão, entretenimento, reflexões sobre assuntos importantes, crescimento pessoal, entre outras atribuições. A leitura não é somente “um ato de decodificar signos linguísticos”, ela pode possibilitar ao indivíduo obter ou adquirir cultura e informações que ampliam conhecimento de valor e de mundo. (CASTRO FILHO, 2012, p. 27).

Ao passar da fase de mero decodificador para a fase de compreensão, o leitor poderá assumir um papel mais ativo na sociedade, como já foi mencionado, em se tratando do leitor universitário, uma leitura mais crítica será fundamental, para que ele aumente o seu conhecimento e, posteriormente, possa saber como e quando pôr em prática o ensinamento adquirido por meio da leitura.

### 3.1.2 Leitura Literária

Neste contexto de leitura na universidade, deter-nos-emos agora na leitura literária, pois ela é muito relevante para o desenvolvimento de um leitor crítico, mais envolvido com o mundo e que não está preso apenas ao ato de decodificar. De acordo com Graça Paulino (2008, p. 60), o texto literário “... revela e questiona também convenções, normas e valores sociais [...]”, o que permite ao leitor se conectar mais e melhor com o mundo, deixando-o mais informado e com maiores possibilidades de construir o seu conhecimento.

Para muitos, a leitura literária não tem sentido prático na vida como, por exemplo as Ciências Naturais. No entanto, a literatura se faz presente, talvez com algumas mudanças, ou como diz Perrone-Moisés (2016, p. 17), passando por algumas “mutações da virada”: dando a ela uma nova configuração, permitindo o surgimento e/ou as adaptações de novos leitores e até novos escritores.

Desta forma, temos a literatura ainda muito presente e atual, prova disso é a constante realização de lançamentos de livros e de feiras literárias por todo o país e por todo o mundo. Perrone-Moisés (2016, p. 25) confirma esse pensamento, ao afirmar que “[...] nunca se publicou tanta ficção e tanta poesia quanto agora. Nunca houve tantas feiras de livros, tantos prêmios, tantos eventos literários.”. Um grande exemplo desta permanência da literatura são as políticas públicas voltadas para leitura, que incentivam e mobilizam o desenvolvimento de textos literários, como veremos mais à frente.

A literatura continua presente na sociedade e deve ser acessível cada vez mais para todos, pois bem mais que lazer ou distração a literatura é responsável por levar o leitor ao conhecimento e, à interação com o real. Isto fica claro, quando baseada nas definições de Compagnon, Perrone-Moisés (2016, p. 79) apresenta três funções da literatura, que nos mostram a importância de se ensinar literatura. São elas: (1) *Mathesis* – que diz que a literatura sabe das coisas; (2) *Mimesis* – a literatura nos traz a representação do real e (3) *Semiosis* – a literatura desloca os signos de seus usos habituais. Estas funções mostram que a literatura, além do lazer, possui muito mais a oferecer para seus leitores, sua construção permite que o leitor adentre em um contexto de desenvolvimento cultural e de conhecimento. Vejamos como a autora desdobra a importância dessas funções para o ensino da literatura:

Estuda-se literatura porque ela contém conhecimentos, e estes podem ser confrontados com os que nos dão a filosofia e as ciências. Estuda-se literatura porque ela nos dá uma visão mais aguda do real, que pode ser confrontada com a visão sociológica, histórica, psicanalítica. Estuda-se literatura porque ela desautomatiza e valoriza os usos da linguagem verbal, o que pode ser aferido com o auxílio da linguística, da semiótica, da retórica, da estilística. Mas seu estudo não deve ser reduzido e circunscritos a nenhuma das formas de conhecimentos enumeradas. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 80).

Ter contato com literatura, então, é importante para o desenvolvimento do conhecimento de mundo, pois, por meio dela, tem-se contato com saberes, não produzidos por ela, mas apresentados por ela e postos para reflexão do indivíduo. O aluno que tem contato com literatura é levado para reflexões acerca dos diversos saberes e, a partir daí, levado a conhecer mais a realidade e como usar esses saberes para seu dia a dia.

Antônio Cândido (2017, p. 173) vai mais além, ao afirmar que a literatura é uma necessidade básica do ser humano e, por isso, constitui um direito. Para fundamentar seu argumento, Cândido utiliza o conceito de “bem compressível” (ou aqueles que são

supérfluos e o ser humano pode viver sem ou, pelo menos, com pouca utilização) e “bem incompressível”, aqueles fundamentais, necessários para a vida humana.

Ainda apoiados no pensamento de Cândido (2017, p. 175), de que a literatura “[...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”, vemos a necessidade de que ela chegue a todos os níveis educacionais; Sendo, então, uma necessidade de todos, é preciso que seja oferecida a todos, inclusive no meio acadêmico, onde muitas vezes é deixada de lado.

Sendo, então, a literatura um “bem incompressível” – segundo o conceito do padre dominicano francês Louis-Joseph Lebret – é fundamental que ela seja oferecida de forma adequada e equânime para a sociedade. Ter acesso à leitura de textos literários é imprescindível para o desenvolvimento humano, pois, como já foi dito, ela contribui para sua criticidade e humanização, conforme podemos confirmar a seguir:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor, A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 2017, p. 180).

A literatura, então, faz com que o leitor seja mais humano e conheça melhor sua realidade interna e externa, permitindo que seu relacionamento com o mundo e com as pessoas seja mais produtivo e cheio de significado. O leitor humanizado pela literatura terá melhores condições de dialogar com o mundo, e, assim, talvez ter mais facilidade para reflexões diárias.

Desta forma, vemos a importância de bibliotecas nesse processo de levar a literatura para todos, pois, mesmo que seja considerada uma necessidade de todos, ainda existem dificuldades para que realmente todos tenham acesso a esse tipo de leitura.

Além das leituras técnicas e científicas, é muito importante que seja dado espaço à literatura na formação acadêmica. Apoiados nas palavras de Cândido (2017), temos a literatura como uma constante na vida humana, para o autor, em algum momento, o homem se relaciona com a ficção ou com a poesia, mesmo que seja dentro de sua mente em um momento de reflexão ou simples descanso.

A leitura literária proporciona ao leitor um contato com diversas realidades de mundo por meio do ficcional, permitindo que o leitor se identifique com o que está lendo

e, assim, desenvolva sua opinião e conhecimento a partir da realidade lida no texto. Apoiados nas palavras de Zilberman (2005), podemos dizer que, quando o leitor se depara com a leitura literária, ele é convocado a se envolver com o texto que está incompleto, precisando que, por meio de sua opinião, de seu ponto de vista, conclua o pensamento apresentado pelo texto, fazendo, dessa maneira, que o leitor desenvolva seu raciocínio e se faça presente na realidade da leitura.

A partir do contato com o texto literário, o leitor desenvolve uma relação de identificação que lhe leva mais próximo do contexto apresentado, fazendo com que ele se coloque de forma ativa frente ao que está lendo e, assim, manifeste sua opinião sobre a realidade. Podemos confirmar este contexto nas palavras de Vera Maria Tietzmann Silva (2009), ao dizer que:

[...] Diante da ficção literária, instala-se um curioso processo de identificação entre leitor e personagem, que não acontece diante da singularidade do fato real. Além disso, o caráter simbólico... da linguagem literária propicia uma leitura outra que não a literal, levando a reflexão e à análise crítica da realidade, o que não é provocado pela via racional de um noticiário objetivo, preciso em suas informações. Pelo menos não com igual impacto. (SILVA, 2009, p. 71).

Para Magda Soares (2008, p. 33), a escola tem uma importante obrigação de oferecer ao aluno um “amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura”, mas podemos, apoiados neste pensamento, ir um pouco além, e dizer que não apenas a escola, mas também a universidade, pois em todos os momentos o aluno precisa ter acesso a boas leituras que lhe permitam abrir sua mente para um novo mundo, e, de forma especial, nos tempos atuais, em que os alunos têm chegado à academia com tão poucas experiências de leitura.

Zilberman (2010) também apresenta a escola como lugar responsável pelo ensino da leitura e da escrita, mas ela defende ainda que se de alguma forma esse aprendizado não aconteça, como infelizmente temos visto ultimamente, outros ramos da educação devem se preocupar com esta formação, pois sem leitura e escrita o aluno enfrentará muitos problemas em seu desenvolvimento educacional e até mesmo social. Muito mais do que querer achar responsáveis pelo não ensino da leitura para esses alunos, é importante que se busquem alternativas para reparar os erros no ensino desta leitura que não aconteceu.

Esta leitura literária, defende Paulino (2008), deve ter uma atenção bem mais que a vinculada ao ensino escolar, ela deve ser mais trabalhada com o leitor, pois ela é capaz de levá-lo para um nível de criticidade e criatividade muito elevado, podendo desenvolver



um papel de cidadania mais latente. A leitura literária faz com que o leitor reflita sobre os valores que lhe são apresentados na sociedade.

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis [...]. (COSSON, 2014, p. 50)

Com base nas palavras de Cosson (2014), vemos que os textos literários são importantes, pois, mesmo misturando mundos verdadeiros e imaginados, apresentam para o leitor a oportunidade de refletir sobre as realidades com as quais ele se depara, sendo convidado a se afastar das verdades fechadas apresentadas pela vida real e se abrindo para novos pensamentos e novas visões de mundo.

Cândido (2017, p. 177) também tematiza sobre a presença da literatura na preparação do indivíduo para a resolução de problemas, pois ela apresenta valores da sociedade por meio das “diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática”. A literatura não são apenas palavras lançadas no papel de qualquer forma e sem nenhum sentido, pelo contrário, ela interfere de forma positiva no pensamento do leitor, e ainda como diz Cândido (2017) organiza o seu espírito e a partir daí o mundo.

Perrone-Moisés (2016) corrobora com as palavras de Cândido (2017), ao mostrar que ainda muitos autores possuem, em sua prática de escrita, características literárias que preocupam-se com o desenvolvimento crítico do leitor, levando-o a questionar e a buscar entender a realidade que o cerca. Vejamos essas características apresentadas pela autora:

[...] o exercício da linguagem de modo livre e consciente; a criação de um mundo paralelo como desvendamento e crítica da realidade; a expressão de pensamentos e sentimentos que não são apenas individuais, mas reconhecíveis por outros homens como correspondentes mais exatos aos seus; a capacidade de formular perguntas relevantes, sem a pretensão de possuir respostas definitivas. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 35)

Essas características, ainda presentes em muitos escritores contemporâneos, além de colaborar com a permanência da literatura, são valores que mantêm a pertinência dos textos literários. Além disso, esses valores levam os leitores para um exercício de interpretação e de leitura de mundo mais apurado, com olhar mais crítico.

No meio acadêmico, a leitura literária tem papel importante, pois, diferente de uma leitura apenas informativa, ela exige de seu leitor um esforço maior para interpretar

e relacionar com a realidade que está posta a sua frente, sendo necessário resgatar todo o conhecimento de mundo que já foi citado anteriormente, sendo necessário buscar referências que deem sustento para sua interpretação. Por meio da leitura literária, o leitor é convidado a se posicionar criticamente frente ao texto que está lendo, como podemos observar:

Trata-se, portanto, de uma leitura que exige habilidades e conhecimento de mundo, de língua e de textos bem específicas de seu leitor. E no momento mesmo da leitura literária todo esse repertório vai-se modificando, sendo desestabilizado por sua pluralidade e ambiguidade. Esse seria o processo de produção de conhecimento característico da autêntica leitura literária. (PAULINO, 2006, p. 74)

É importante perceber, também, nas palavras da autora que em contato com a leitura literária o próprio sentido de mundo vai sendo alterado, sendo acrescentado uma nova experiência e novos conhecimentos que são formados a partir da leitura. Assim, o leitor forma uma nova visão de mundo, podendo, como pondera Yunes (2009), colocar-se criticamente diante dos mais variados pensamentos, não sendo apenas um mero repetidor daquilo que ele ouve. Por meio da leitura literária, o leitor adentra ao pensamento de outra pessoa, passando a experimentar novas situações, permitindo que este leitor desenvolva mais seu repertório, adquirindo novos conhecimentos (ZILBERMAN, 2005).

Contudo, para que se utilize esta leitura literária, é necessário que se prepare o leitor para esse tipo de leitura, mesmo porque ainda é muito pequeno o grupo de alunos que tem interesse desprezioso pela leitura literária e aí surge a importância de atentarmos para a Formação do Leitor.

### **3.2 A presença das bibliotecas nas políticas públicas de leitura**

No decorrer da história mais recente da educação no Brasil, políticas públicas voltadas para a leitura foram elaboradas ainda que no âmbito de governo e não de Estado, pois, servem apenas para divulgar determinados governos e não atender de fato o Estado. Sua existência, nem sempre colabora com o desenvolvimento de práticas de leitura, porém, mantém as discussões sobre o assunto como pauta.

Por meio das políticas públicas, as bibliotecas podem ter mais possibilidades de ampliar seus serviços, fazendo com que mais pessoas tenham acesso à informação. Inseridas nessas políticas públicas, as atividades das bibliotecas não tem possibilidade de se concretizar. É necessário que aconteçam mudanças nas prioridades do governo,

voltando suas atenções para a educação e permitindo que mais pessoas tenham mais possibilidades. Estas mudanças tomam mais força atreladas às políticas públicas, como podemos ver a seguir:

E, para que essas mudanças sejam possíveis e não se convertam em planos e programas que não saiam do papel por parte do governo, é preciso que estejam inscritas numa política pública formulada com a participação da sociedade civil: com sua experiência, com seu conhecimento e, por que não, com seus sonhos. (CASTRILLON, 2011, p. 27).

As políticas públicas são ações que tem como objetivo suprir as necessidades ou mesmo solucionar problemas da sociedade, podemos dizer que são as formas de o governo proporcionar o bem-estar para a população. No caso da educação, as políticas públicas têm como função propiciar um melhor acesso à educação e uma melhoria na qualidade do ensino.

Estas são ações e programas, realizadas pelos governos (Municipal, Estadual e Federal), para fazer com que se cumpra direitos previstos na Constituição Federal e outras leis. O processo de planejamento, de criação e de execução dessas políticas acontece a partir de um trabalho conjunto entre os três poderes do Estado (Executivo, Legislativo e Judiciário). É importante citar que a partir da Lei da Transparência (nº 131/09), o governo deve incentivar a participação da população na formulação dessas políticas.

Abordando mais especificamente as políticas públicas do livro e da leitura, Luciana Almeida e Valéria Medeiros (2013) as descrevem como:

...mediações entre a sociedade e o poder público, que visam estabelecer um olhar voltado para determinado elemento (sendo o caso, aqui referido, do livro e da leitura) do qual necessite interesse político por um bem maior, ou seja, o bem social. (ALMEIDA; MEDEIROS, 2013, p. 326)

Com base no pensamento das autoras, podemos afirmar que as políticas públicas de leitura são aquelas voltadas para o incentivo no âmbito da sociedade de ações que possibilitem um contato maior da população com a leitura, fazendo com que mais pessoas tenham acesso a esta prática social. É importante ressaltar que são ações que partem da esfera política para atender o bem geral da sociedade.

Devemos ressaltar que as políticas públicas de leitura são importantes, pois promovem, em todo o país, oportunidades de desenvolver o interesse pela leitura, principalmente tendo o apoio político que colabora bastante neste processo. Por meio destas políticas, chancelam-se ações de incentivo à leitura que muitos sabem que precisa ter, mas que não tem como realizar ou simplesmente se fazem de despercebidos.

As políticas públicas de leitura passaram a ser utilizadas, no século XIX, porém apenas entre as décadas de 1960 e 1970 que a leitura passou a ter mais importância, sendo vista, como nos mostram Almeida e Medeiros (2013, p. 237), como “uma questão sociocultural, econômica e política”. Tendo, desse modo, uma maior relevância para o governo, tendo diversos impactos positivos para a educação, com a criação de diversas ações que ajudariam no desenvolvimento desta.

Dentre as várias medidas que foram tomadas em relação à educação e, de forma especial à leitura, a maior parte delas aconteceram durante a conhecida “Era Vargas”, que tinha a intenção de formar uma nação intelectualizada. As principais ações relacionadas à educação, neste período, foram: a criação do Ministério da Educação (MEC) em 1930; a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), no ano de 1937, e a expansão do número de bibliotecas públicas por todo o Brasil, incentivando, assim, a leitura por todo o país. (ALMEIDA; MEDEIROS, 2013).

No que se refere à política pública de leitura, temos quatro que se destacaram entre os anos 1990 aos dias atuais, são elas: Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) e Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE).

Faremos uma breve análise de cada uma dessas políticas, procurando conhecer um pouco sobre elas e como podem ser vistas como motivadoras de leitura, além de analisar como elas apresentam a biblioteca no processo de leitura.

### 3.3.1 Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura foi instituído no ano de 1992, pelo decreto de nº 519, na gestão do presidente Fernando Collor de Melo. No primeiro momento, o PROLER foi instituído junto à Fundação Biblioteca Nacional, sob a direção do presidente desta fundação, passando para o Ministério da Cultura no ano de 2014, por meio do decreto nº 8.297, assumindo sua gestão o Secretário-Executivo deste ministério.

O PROLER nasce com o principal objetivo de incentivar o desenvolvimento da leitura pelo país. Sendo estes objetivos apresentados de três maneiras no seu decreto:

- I – promover o interesse nacional pelo hábito da leitura;
- II – estruturar uma rede de projetos capaz de consolidar, em caráter permanente, práticas leitoras;
- III – criar condições de acesso ao livro. (BRASIL, 1992)

Nos três objetivos, o decreto se propõe a trabalhar o desenvolvimento de pessoas leitoras no país inteiro, não apenas falando que é importante ter o hábito de leitura, mostrando que é preciso realizar ações e oportunidades, para que este desenvolvimento da leitura aconteça.

Quanto à menção da biblioteca no decreto, pode ser visto, especificamente, no artigo 3º, que especifica como o PROLER se desenvolverá, estando presente nas alíneas I e III, como veremos a seguir:

Na alínea I, é pensada uma formação para que os educadores saibam como utilizar o livro e a biblioteca no processo de incentivo à leitura, mostrando, assim, que a biblioteca é uma ferramenta necessária para este processo leitor.

A alínea III apresenta a necessidade da materialização de lideranças em bibliotecas públicas, que se preocupem com o desenvolvimento de ações que incentivem a leitura.

De forma indireta, as demais alíneas também direcionam para atividades que podem ser realizadas por/ou na biblioteca, como, quando em alguns pontos menciona-se “Salas de leitura” e “Espaços de leitura”, que são locais onde podem ser trabalhados o gosto pela leitura, e como não lembrar das bibliotecas como sinônimo destes termos? Também são mencionados “promoção e divulgação”, além de “utilização de meios de comunicação”; tudo isso relacionado com o desenvolvimento do hábito de leitura. Estas ações podem ser realizadas por pessoas da equipe da biblioteca e no âmbito dela.

### 3.2.2 Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)

Este programa foi criado no ano de 1997, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, também voltado para o incentivo do hábito da leitura; foi instituído pela Portaria Ministerial nº 584 do Ministério da Educação, ficando esse programa sob a responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, junto à Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

O PNBE atende de forma ampla todo o país, chegando a todas as escolas públicas de educação básica, desde que estejam cadastradas no Censo Escolar, que é realizado, anualmente, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), sendo atendidas de forma gratuita. O atendimento costuma ser realizado de forma alternada entre dois grupos, ou são atendidos o grupo composto por escolas de educação infantil, de ensino fundamental que atendem os anos iniciais e as escolas voltadas para

educação de jovens e adultos, ou atendem o grupo formado pelas escolas de ensino fundamental de anos finais e escolas de ensino médio.

O PNBE, por meio de suas diretrizes, procura atender tanto alunos quanto professores, como vemos no texto; ele está dividido em três ações, sendo duas direcionadas para alunos e uma direcionada para os professores. O programa tinha como objetivo principal oferecer livros que desenvolvessem o interesse pela leitura, eram livros de literatura, periódicos e livros teóricos e metodológicos direcionados aos professores.

De acordo com Almeida e Medeiros (2013) é apresentado uma mudança na forma com que era feita a distribuição dos materiais, a partir da mudança de gestão em virtude de um novo governo:

Porém, com um novo presidente, regido pelo Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, o programa foi reformulado e as obras que, até então, eram enviadas aos alunos, passaram a ser destinadas às bibliotecas públicas e escolares de todo o país, com a finalidade de fazer com que os discentes fossem em busca destas obras como fontes de conhecimentos. (ALMEIDA; MEDEIROS, 2013, p. 331).

De acordo com as autoras, o PNBE passou a envolver mais a biblioteca depois da mudança de governo, pois os livros que antes chegavam direto para os alunos passaram a ser distribuídos para as bibliotecas públicas e escolares de todo território nacional, conforme descrito anteriormente. Esta mudança possibilitou uma valorização maior para as bibliotecas, no que tange ao processo de leitura, pois, em vez de levar os livros diretamente para os alunos, o programa fez com que os alunos procurassem as bibliotecas para ter contato com os livros e conseqüentemente com a leitura.

Apesar de pouco ser mencionada a biblioteca nos documentos que tematizam sobre o PNBE, o título do plano sugere a formação e/ou a melhoria de acervo de bibliotecas nas escolas, enviando para estas os livros que irão compor estes espaços de incentivo à leitura. Assim, o PNBE também é um plano de incentivo ao hábito de leitura que leva em consideração a biblioteca, mostrando que ela é importante nesse processo de formação de leitores.

### 3.2.3 Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)

Criado pelo Decreto nº 7.599, o PNLL é um plano idealizado para ajudar no fomento da leitura no país, tendo como coordenadores os ministérios da Cultura e da Educação. Foi idealizado pelos então ministros Gilberto Gil (Cultura) e Fernando Haddad

(Educação) a partir de todas as mobilizações e discussões do Vivaleitura no ano de 2005. E por ocasião da XX Bienal Internacional do Livro no Rio de Janeiro, a Presidente Dilma Rousseff, no dia 1 de setembro de 2011 assina o Decreto nº 7.599, que dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e da Leitura.

O PNLL apresenta direcionamentos para uma política pública voltada para a leitura e para o livro no Brasil, de forma especial à biblioteca e à formação de mediadores da leitura.

Assim como as outras políticas públicas de leitura, o PNLL está voltado para o incentivo de ações e de políticas que se preocupem com o desenvolvimento da leitura, conforme seus objetivos:

- I – a democratização do acesso ao livro;
- II – a formação de mediadores para o incentivo à leitura;
- III – a valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico; e
- IV – o desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional. (BRASIL, 2011)

O PNLL tem como objetivos permitir que as pessoas tenham mais possibilidades de acesso ao livro, mas também mostra a preocupação com a formação de mediadores responsáveis pelo processo de incentivo à leitura. Também existe uma preocupação voltada para as instituições que trabalham com leitura, e o programa apresenta a preocupação em valorizá-las, oferecendo investimentos e desenvolvimento de políticas que gerem incentivos para essas instituições. Por fim, o programa se preocupa como são distribuídos os livros, voltando seu olhar para as editoras e, também, para os produtores nacionais.

Estes objetivos se desdobram em 4 eixos estratégicos, formados para colocar em prática o que se propõe o PNLL, são eles: Eixo 1 – Democratização do Livro; Eixo 2 – Fomento à Leitura e à Formação de Mediadores; Eixo 3 – Valorização Institucional da Leitura e Incremento de seu Valor Simbólico; Eixo 4 – Desenvolvimento da Economia do Livro. Vejamos cada um desses eixos:

O primeiro eixo estratégico – **democratização do acesso** – apresenta ações para a implantação e o desenvolvimento de bibliotecas e outros espaços de leitura junto às comunidades, para que o acesso à leitura seja facilitado. Outro ponto importante é a distribuição de livros gratuitos e a disponibilização ao uso de tecnologias da informação, em que muitos ainda têm dificuldades de acesso a esses meios tecnológicos atuais;

No segundo eixo – **fomento à leitura e formação de leitores** – temos ações direcionadas à formação de mediadores da leitura, como professores e bibliotecários. A

principal preocupação neste eixo são desenvolvimentos de projetos e premiações que valorizem estes profissionais dedicados à mediação da leitura;

O terceiro eixo – **valorização institucional da leitura e de seu valor simbólico** – mostra a preocupação em despertar o valor da leitura na sociedade, aproveitando as práticas sociais de leitura e fazendo com que se tornem políticas de Estado, para assim serem aplicadas permanentemente;

No quarto e último eixo – **fomento à cadeia criativa e à cadeia produtiva do livro** – o ponto principal é a produção de materiais para a leitura e a distribuição destes, fazendo com que tenham mais opções de materiais, proporcionando maior facilidade na aquisição. Neste eixo, é mostrada a preocupação em levar a produção literária nacional para o exterior.

No que se refere às bibliotecas, verificamos que o PNLL apresenta apenas três referências a elas, mesmo a biblioteca sendo tão importante quanto o livro e à leitura no processo educacional. Vejamos o que o decreto tematiza sobre elas.

No Eixo estratégico I, as bibliotecas são apresentadas em duas linhas de ação, a primeira está na linha de ação 1 e tematiza sobre a implantação de bibliotecas, mostrando a preocupação com a questão da acessibilidade, garantindo o acesso de todos às informações e às leituras das bibliotecas. Na linha de ação 2, é encontrada a segunda referência a bibliotecas, mostrando a preocupação com o fortalecimento das bibliotecas já existentes, que devem ser equipadas, modernizadas e adaptadas aos quesitos de acessibilidades para oferecer a todos o acesso à leitura.

A terceira e última menção a bibliotecas, no PNLL, aparece no eixo estratégico II, na linha de ação 11, e se refere a sistemas de informações relacionados a bibliotecas, que atendam e facilitem o desenvolvimento dos serviços das bibliotecas, contribuindo, assim, para melhorar a funcionalidade de fomento à leitura.

### 3.2.4 Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE).

O ano de 2018 foi um marco para as políticas públicas de leitura, pois foi, finalmente, sob a gestão do presidente Michel Temer, criada a lei nº 13.696, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), também conhecida como “Lei Castilho”, em referência a José Castilho Marques Neto responsável por apresentar a proposta da lei. A criação desta política tem como objetivo assegurar o papel da leitura e da escrita como práticas fundamentais para o exercício da cidadania e vida digna dos cidadãos.



O PNLE pode ser visto como a junção de todas as políticas públicas de leitura e de escrita elaboradas antes da sanção da lei. A política também é composta por diversas diretrizes que são apresentadas nos planos anteriores, todas voltadas para o desenvolvimento da leitura, da escrita e das bibliotecas.

Criado doze anos após o PNLL, a PNLE pode ser considerada como resultado de discussões e de mobilizações que se desdobraram a partir do PNLL. Como consequência dessas discussões, essas duas políticas públicas passaram a ter muita proximidade de conteúdo, contudo, como afirma Fernanda Garcia (2018), elas “são disposições intimamente relacionadas, mas são instrumentos diferentes.” A maior diferença está na instituição deles, o PNLL é um decreto, e a PNLE, uma lei. Vejamos no que consiste essa diferença:

Significa que ao ser instituído na forma de Decreto que é ato do Poder Executivo, o Plano ficaria sujeito à decisão de cada governo sobre sua implantação ou não, não havendo obrigação normativa por parte do Estado. Com a sanção da lei, a elaboração e execução deste Plano torna-se uma imposição legal ao Poder Executivo. (GARCIA, 2018, s/p.)

Desta forma, a Política Nacional da Leitura e da Escrita nasce para concretizar as ações de incentivo à leitura como obrigações políticas em todas as esferas governamentais. Passando, assim, o fomento à leitura, à escrita e à bibliotecas uma obrigação de governo Federal, Estadual e Municipal. Sendo uma lei, também, passa a existir uma obrigatoriedade de acompanhamento da execução dessas ações.

Diferente dos planos anteriores, a Política Nacional da Leitura e da Escrita apresenta mais referências às bibliotecas, aparecendo dez vezes no texto da lei nº 13.696. Vejamos como eles aparecem a partir de uma análise geral.

A primeira referência encontra-se logo no art. 1º, quando a PNLE é apresentada como uma estratégia permanente de promoção que inclui as bibliotecas públicas do país, mostrando que, além da leitura e do livro, a lei também está voltada para as bibliotecas.

No art. 2º, onde são apresentadas as diretrizes da PNLE, temos mais três menções às bibliotecas nos incisos I, III e V, conforme a seguir:

O **inciso I** aborda o direito ao acesso às bibliotecas que deve ser universal, sendo permitido que todos possam utilizá-las;

No **inciso III**, é abordado o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), onde é apresentada a preocupação com o seu fortalecimento, para que organizadas possam atender mais e melhor a população;

O **inciso V** tematiza o reconhecimento das cadeias responsáveis pela criação, produção, distribuição e mediação do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas.

Outras cinco menções relacionadas às bibliotecas aparecem no art. 3º, que trata dos objetivos da PNLE, nos incisos I, III, IV, VI e VII. Vejamos cada uma das menções:

No **inciso I**, é apresentada a biblioteca como local que deve ser usado como democratizador do acesso ao livro e aos vários suportes de leitura, apresentando a preocupação com a melhoria dos acervos físicos e digitais, além das condições de acessibilidade;

O **inciso II**, apesar de não abordar a biblioteca, faz menção ao bibliotecário, apresentando-o, entre outros, como mediador da leitura e mostrando o objetivo de formar esses mediadores de leitura;

No **inciso III** é abordada a valorização da leitura por meio de ações (premiações, campanhas e eventos) voltadas para o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas;

O **inciso IV** aborda a biblioteca, institucionalmente, mostrando a necessidade do seu fortalecimento, devendo ser planejadas melhorias relacionadas ao seu contexto geral, que vai, desde o espaço físico, aos mobiliários e acervos, além da preocupação com atividades que devem ser executadas pelas bibliotecas para o incentivo à leitura;

Por fim, temos no **inciso VII** a promoção de pesquisas, de estudos e de levantamento de indicadores relacionados ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas, mostrando a importância da geração de conhecimentos relacionados a estas áreas, no intuito de servir como parâmetros de avaliações e melhorias das políticas públicas relacionadas a estes temas.

A última menção a bibliotecas, na lei 13.696, está no 5º artigo e se relaciona ao prêmio Viva Leitura, que visa reconhecer e incentivar as principais experiências de promoção do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas.

Após análise das menções referentes às bibliotecas na lei da PNLE, é importante notar que diferente dos planos anteriores, as bibliotecas aparecem com mais frequência e foram inseridas junto às menções de leitura e de livros, que era mais comum nos planos anteriores, isto também aconteceu com a literatura que ganhou espaço na lei. Isto nos mostra um melhor entendimento do processo de leitura e de escrita, bem como dos agentes que participam deste contexto.

É muito relevante citar que a PNLE é, como mencionado anteriormente, um marco na história da educação do Brasil, principalmente no que se refere à leitura e à escrita, pois, além de ampliar as possibilidades de ações e atividades relacionadas ao incentivo à

leitura, também, permite que estas ações sejam fiscalizadas e acompanhadas para que não fiquem apenas em papéis dentro de escritórios, de secretarias de educação pelo país. Isto é outro ganho permitido pela lei, o envolvimento da Nação, dos Estados e dos Municípios na luta pela formação de leitores.

Por fim, verificamos que diversas políticas públicas de livro e leitura já foram criadas e colocadas em prática no Brasil, inclusive, como foi apresentado neste capítulo, dando espaço para a criação de uma lei específica voltada para a leitura e a escrita, trazendo algumas menções às bibliotecas. Contudo, infelizmente, nenhuma destas políticas mostram preocupação com a leitura e escrita no ensino universitário.

### **3.3 A biblioteca como espaço de formação de leitores**

Formar leitores é um processo que exige colaboração dos diversos profissionais envolvidos com a educação, como professores, bibliotecários, pedagogos e outros. No que tange ao ensino superior é muito importante que a biblioteca tenha uma atenção especial para esta formação, pois, quando nos referimos ao ensino superior, acredita-se que os alunos deveriam chegar neste estágio educacional como bons leitores. Por isso, a preocupação específica dos cursos se direciona em formar profissionais e não se prendem à formação dos alunos como leitores.

Contudo, como nos mostra Paula Carlino (2015, p. 80), no ensino superior “... é comum a queixa dos professores sobre a escassa e deficiente leitura dos estudantes [...]”, desta forma entendemos que os alunos que chegam no ensino superior encontram-se com dificuldades, no que se refere à leitura, a maioria está presa na decodificação, não conseguindo interpretar o que lhe é apresentado. Outra situação também está relacionada à correria, em que o aluno não faz a leitura completa, não se prendendo totalmente ao que é dito no texto. Por isso, faz-se necessário que haja uma preocupação, também, na universidade com a formação de leitores, mesmo que para corrigir um percurso leitor que não foi estabelecido durante o ensino básico, ou mesmo para que se motive uma retomada de leitura que possa em algum momento ter sido deixada para trás, como pode acontecer nas maçantes aulas de cursinhos em busca de preparar o aluno para prestar vestibular ou realizar a prova do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM.

Falar sobre formação de leitores requer que deixemos de lado a ideia de “contos de fadas” de que a leitura não exige trabalho e esforço, é preciso ser sincero com o leitor. Para que se chegue no dito “prazer pela leitura”, é necessário, como salienta Azevedo (2004, p. 38), “treino, capacitação e acumulação”, exigindo do leitor uma determinada

dedicação. Contudo, é importante saber que mesmo exigindo algum esforço, a recompensa ainda leva a uma leitura prazerosa e que gera mais conhecimento.

Azevedo (2004, p. 38) ainda chama atenção para que se tenha cuidado com os ditos “pseudoleitores”, descritos pelo autor como pessoas que indicam várias leituras, mas, na maioria das vezes, não tem o costume de ler. Essas pessoas podem afastar leitores da leitura, justamente por tentar mostrar que a leitura prazerosa não exige nenhum tipo de esforço. É importante que as pessoas que se dedicam à formação de leitores tenham real comprometimento com a leitura, tendo hábitos constantes e relacionamento fiel com os livros. Desta forma, ao motivar outras pessoas à leitura, não existirá dificuldade por parte do mediador, pois ele conhece e sabe como se relacionar com a leitura.

Ao trabalhar a formação do leitor, é preciso criar entre este possível leitor e o texto uma relação de intimidade, descrita por Azevedo (2004, p. 39), como “... uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e a liberdade de interpretação [...]”. Desta maneira, o leitor poderá sentir-se à vontade para ir em busca de leituras que lhe sejam agradáveis, não tendo relação de obrigatoriedade com elas, o que poderia interferir no desenvolvimento pelo gosto da leitura.

Imagine se a personagem Liesel Meminger, da obra “*A menina que roubava Livros*”, do autor Markus Zusak, fosse recriminada pelo primeiro livro que leu, um manual para coveiros; talvez uma leitura pesada e não apropriada para aquela menina, mas que a tocou de uma forma impressionante, que fazia com que ela sempre sentisse o interesse de voltar à ler aquele livro. É importante que não exista pressão, no que se refere ao processo de interpretação daquilo que está sendo lido, o leitor deve ser livre em relação ao seu entendimento do texto e ao que deseja ler.

E, desta forma, ressurge um pensamento que já vem sendo há muito tempo trabalhado por diversos autores, que é deixar de lado as diversas burocracias e regras que muitas vezes acompanham o ensino de leitura, em que os alunos devem ler e responder a questionários, não tendo liberdade para fazerem suas próprias interpretações. Principalmente na universidade essa formação de leitores deve ser pensada de uma forma mais envolvente e sem muita enrolação, pois a dinâmica é outra, o ritmo é outro.

Silva (2009, p. 28), ao falar sobre formação de leitores, apresenta-nos dois quesitos fundamentais, que são: “a motivação para a leitura e a disponibilidade de livros”. Esses dois quesitos deveriam ser trabalhados por duas peças fundamentais no ensino, que são os professores e as bibliotecas, contudo, segundo a própria autora, infelizmente não tem funcionado desta forma no ensino básico, pois ainda existem divergências no que é

responsabilidade de cada um. Mas, o nosso foco é a formação de leitores na universidade; por isso, reflitamos sobre como esses quesitos podem ser considerados neste contexto.

No que se refere à “motivação para a leitura”, é importante que, na universidade, também, tenhamos pessoas interessadas pela leitura e que motivem os alunos e demais indivíduos da comunidade acadêmica. Ressaltamos que, neste caso, não falamos apenas de professores, mas também de bibliotecários, técnicos-administrativos e dos próprios alunos que já possuem afeição pela leitura, podendo, assim, desenvolver ações que ajudem no desenvolvimento do desejo pela leitura.

O segundo quesito, “disponibilidade de livros”, relaciona-se com a necessidade de acesso a livros literários, que ainda é muito escasso na realidade brasileira. Por isso, a importância das bibliotecas neste processo de formação de leitores. No contexto desta pesquisa, temos as Bibliotecas Universitárias, que são as responsáveis por oferecer aos acadêmicos, além dos livros técnicos relacionados ao seu curso, também, livros literários, dando ao leitor possibilidades que muitas vezes ele não tem para ler esse tipo de livro.

Articulando estes dois quesitos fundamentais para a formação de leitores, podemos dizer que a biblioteca universitária precisa ter muitas e boas obras literárias para serem oferecidas para seus usuários, mas, também, precisa ter pessoas que os motivem a usarem este tipo de acervo, que muitas vezes ficam esquecidos nas estantes, aguardando um possível leitor corajoso que se disponibilize a sair um pouco de seus livros técnicos e dê uma oportunidade para as leituras literárias; e para assim, termos concretamente a formação de leitores acontecendo na universidade.

As bibliotecas têm a responsabilidade de oferecer aos usuários acesso às mais diversas informações. Conforme Castrillon (2011, p. 37), elas devem oferecer “[...] um acesso real e universal à informação”, desse modo, é importante que seja oferecido aos alunos universitários, não apenas as obras científicas, mas, também, outros tipos de obras, como as literárias.

Apoiados nas palavras de Eco (1994) ao nos tematizar que provavelmente desde os tempos de Augusto e de Constantino, as bibliotecas já tinham como objetivo motivar as pessoas ao hábito da leitura, mostrando que a biblioteca já desde muito tempo apresenta um papel bem maior que apenas guardar livros e documentos, ela é também responsável pela formação de leitores na sociedade. Eco (1994, p. 9) ainda reforça seu pensamento, ao apresentar as deliberações da UNESCO, que postula “que uma das finalidades da biblioteca consiste em permitir que o público leia os livros.”

Paulino (2004) ressalta que é importante que se tenham pessoas que auxiliem no processo de pré-escolha das obras literárias que serão apresentadas para seleção dos

alunos, pois, dependendo da forma que forem apresentados os textos literários para este leitor, ele poderá desenvolver o gosto por esse tipo de leitura, ou pode nunca mais querer ter contato com textos literários. Assim, é apresentada a importância da biblioteca como mediadora na formação dos leitores, pois é onde se pode ter um trabalho de pré-seleção das obras literárias que serão apresentadas para os leitores e, mais ainda, tem-se a oportunidade de pensar maneiras interessantes e chamativas de oferecer a leitura para este leitor.

É certo que a utilização da biblioteca na formação de leitores encontrou durante muito tempo uma barreira, pois era constante um embate entre bibliotecários e professores que divergiam sobre o papel de cada um dentro deste espaço. Isto dificultava a execução de atividades concretas e eficazes de incentivo à leitura.

O que costumava acontecer e ainda acontece em alguns locais é que, conforme nos apresenta Ezequiel Silva (2004), muitos professores desconhecem a melhor forma de usar as bibliotecas no ensino da leitura e acabam obrigando seus alunos a frequentar este espaço de qualquer maneira, sem nenhum planejamento de ação que os envolvam de fato. Desta forma, ao contrário do que se espera, acaba criando barreiras nos alunos em relação à leitura, muitas vezes eliminando qualquer possibilidade de este desenvolver o gosto pela mesma.

É fundamental que professor e bibliotecário encontrem uma forma de juntos oferecerem propostas que possibilitem concretamente a utilização das bibliotecas na formação dos leitores, para que em um trabalho conjunto permitam que os alunos desenvolvam mais e mais o interesse pela leitura. Agindo assim, é possível que se melhore a situação da leitura no Brasil, apresentada por Silva (2004, p. 70) como “marginalizadora e discriminatória”.

Com o desenvolvimento da profissão, o bibliotecário foi mudando a concepção sobre o seu papel e conseqüentemente da biblioteca na sociedade, passando a inserir em sua formação e preocupações profissionais ações relacionadas a literatura e leitura, deixando de ser apenas responsável por armazenar e disseminar informação e passou a contribuir de forma direta na formação de leitores. Isto só foi possível pela quebra de paradigmas e redescobertas de seu papel educacional como podemos ver:

...os bibliotecários começaram a se mobilizar no sentido de redescobrir e dar mais ênfase à dimensão educativa de suas práticas e, o que talvez seja mais importante, a acionar a sua imaginação criadora no sentido de elaborar programas para o desenvolvimento do gosto pela leitura e para a formação integral do leitor. A descoberta de novas funções – inserindo-se aí uma preocupação mais incisiva com os problemas da leitura – ainda serve para

aproximar os bibliotecários dos professores através de diálogos mais frequentes, geradores de propostas conjuntas [...]. (SILVA, 2004, p. 73)

Ao assumir um novo papel, o bibliotecário tem dialogado mais com professores para que juntos possam promover atividades voltadas para o incentivo da leitura, permitindo que os alunos realmente encontrem na biblioteca possibilidades e experiências agradáveis de leitura. Assim, a biblioteca tornou-se um lugar para diversas atividades de formação de leitores, sendo importante no processo de letramento literário.

Uma das principais formas de formação de leitores discutidas ultimamente é o letramento literário, que apesar de estar em um processo de desenvolvimento pelos estudiosos, devido ser bem recente na educação, especificamente meados dos anos 80, já está sendo bem utilizado no processo educacional. Soares (2004, p. 90) nos diz que o letramento ainda tem “...sentido pouco claro e impreciso, porque introduzido recentemente no léxico das ciências sociais, particularmente da Pedagogia e da Sociologia da Leitura e da Escrita [...]”. De acordo com muitos autores ainda é necessário esclarecer muitas coisas referentes ao letramento ou, pelo menos, separar a ideia que muitas pessoas têm de letramento ser o mesmo que alfabetização.

Ser alfabetizado implica dizer que a pessoa aprendeu a ler e escrever, contudo isso não quer dizer que este indivíduo tenha passado por um processo de letramento, que bem mais que saber ler e escrever, está relacionado a saber o que fazer com essa escrita e com essa leitura aprendida. Soares (2016, p. 18) nos diz que o letramento é “...o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.”.

O letramento, então, é um processo que está além do aprendizado na escola do ler e escrever, ele é um resultado a partir deste ensinamento que muitas vezes é feito na escola. E por isso, ele pode acontecer também depois de muito tempo que a pessoa foi alfabetizada, como é o caso daqueles já pertencentes a universidade, que sabem ler e escrever, contudo ainda não desenvolveram total conhecimento do que podem fazer com esta leitura e escrita.

Por meio do letramento o leitor desenvolve habilidades que permitem seu uso mais efetivo da escrita, fazendo com que ele tenha maior aproveitamento de tudo que lê, sabendo como utilizar o que foi lido para seu desenvolvimento. Estas habilidades são apresentadas a seguir:

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para

interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma direcionada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor[...] (SOARES, 2004, p. 91-92)

O letramento literário possibilita ao indivíduo o desenvolvimento de habilidades que levará o leitor à realização da leitura de mundo, que foi citada anteriormente, em que o leitor adquire uma visão mais ampla, tendo maior facilidade de apreender e de utilizar o que aprendeu no seu dia a dia. Por meio do letramento literário, o indivíduo pode interagir com as informações que lhe são apresentadas, passando, assim, a ter maior possibilidade de produzir mais conhecimento e, também, levar conhecimento para outras pessoas.

Com base em critérios estabelecidos no ensino para analisar o desenvolvimento da capacidade de letramento das pessoas, um dos pressupostos apresentados é que quanto mais escolarizado a pessoa se encontra, mais deveria ser seu grau de letramento (SOARES, 2004). Então, partindo desse pensamento teríamos que os alunos universitários deveriam ter um grau de letramento elevado, tendo mais facilidade em utilizar as práticas sociais de leitura e escrita.

Mas, como já apresentado anteriormente a partir das palavras de Carlino (2015), infelizmente, esse não é a realidade do ensino universitário, nele, os alunos ainda chegam sem ter muita facilidade de leitura, possuindo dificuldades, no que se refere ao aprendizado. Assim, vemos que a realidade social apresentada por Soares (2016, p. 20) de “que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder as exigências da leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente...”, também é presente no ensino superior, onde os alunos devem saber como utilizar a leitura e a escrita que é uma constante no seu processo de formação, onde em todos os momentos se veem rodeados de textos para serem analisados e interpretados.

No contexto universitário, então, para que seja posto em prática o letramento literário é necessário que se tenham diversas formas que incentivem a leitura para aqueles que estão, de certa maneira, com o olhar voltado apenas para uma formação profissional, em que alunos entram na universidade em busca de se qualificar, mas esquecem que a leitura é fundamental para que seu lado profissional se desenvolva.

Seguindo pela perspectiva universitária, temos a importância da biblioteca universitária como um setor primordial para o desenvolvimento de ações e estratégias que



colaborem com o letramento literário no meio acadêmico, afinal de contas este setor é responsável pela informação e sua base principal é a leitura.

Assim, no final deste capítulo, verificamos que a formação de leitores é um processo que precisa ser voltado, também, para a universidade, em que muitos alunos têm chegado sem muita formação no que tange à leitura literária. O processo de letramento literário deve ser também utilizado no ensino superior, levando aos acadêmicos a possibilidade de uma formação concreta de leitores literários que ampliem suas habilidades e as utilizem no processo de assimilação de conhecimento.

É importante perceber que a biblioteca universitária, assim como a escolar e pública, possuem um papel muito relevante nessa formação de leitores, pois por meio delas e nelas, podem ser elaboradas e concretizadas ações voltadas para incentivo da leitura, como tem acontecido em muitas universidades, mas que não tem tido muita visibilidade, como veremos no capítulo a seguir.

#### 4 A BIBLIOTECA PROFESSOR SEVERINO FRANCISCO E O LEITOR LITERÁRIO NA UFT

*A biblioteca defende-se por si, insondável como a verdade que acolhe, enganosa como a mentira que encerra. Labirinto espiritual, é também labirinto terreno.”. (Umberto Eco, O nome da Rosa)*

*“E havia também a mulher do prefeito, e a leitura na biblioteca de seu marido. Agora fazia frio lá, mais frio a cada visita, mas Liesel continuava incapaz de se afastar. Escolhia um punhado de livros e lia pequenos segmentos de cada um, até que, uma tarde, encontrou um que não conseguiu pôr de lado.”. (Markus Zusak, A Menina que roubava livros)*

Desde a criação das universidades, em meados do século XI, as bibliotecas universitárias têm sido fundamentais no desenvolvimento destas instituições. Não se pode pensar universidade sem um local que armazene o conhecimento em termos de acesso a livros e, assim, possa oferecê-lo para os alunos que chegam ao ensino superior. Contudo, durante o decorrer dos séculos, a biblioteca universitária passou por diversas situações que exigiam dela um processo de modificação, de atualização e de adequação à sua função educacional e social.

As bibliotecas universitárias, assim, como todas as demais bibliotecas, devem preocupar-se bem mais que oferecer livros aos seus usuários, mas ser um motivador de mudança social, permitindo que este leitor, entre outras coisas, faça diferença na sociedade, tendo para isso, na biblioteca, um espaço de formação e de debates, como podemos ver a seguir:

[...] se convertam em meios contra a exclusão social, isto é, que se constituam em espaços para o encontro, para o debate sobre os temas que dizem respeito a (sic) maiorias e minorias; bibliotecas onde crianças, jovens e adultos de todas as condições, leitores e não leitores, escolares e não escolares, encontrem respostas a seus problemas e interesses e lhes sejam abertas novas perspectivas. (CASTRILLON, 2011, p 36).

Apoiados, ainda, nas palavras de Castrillon (2011), vemos que a biblioteca universitária, que antes tinha como finalidade principal a gerência de acervo, para que seus alunos pudessem emprestar e devolver livros, passou a ter uma nova função social, na qual assume um papel educacional, saindo de uma realidade estática para uma realidade mais dinâmica, por meio da qual busca suprir desde as necessidades informacionais às questões relacionadas ao desenvolvimento de leitores.

Neste capítulo, será apresentada a história do surgimento desta importante universidade, a UFT, e de suas bibliotecas, para que possamos compreender de forma breve a realidade na qual está inserida a biblioteca do câmpus de Araguaína – Unidade Cimba. É importante ressaltar que é apenas um recorte histórico, para que possamos contextualizar o desenvolvimento da universidade. Também será apresentado o perfil do leitor que frequenta a Biblioteca e como ele se relaciona com a leitura literária. Outro ponto que será mostrado é como a Biblioteca Professor Severino Francisco tem contribuído com a formação de leitores a partir do letramento literário.

#### **4.1 A Universidade Federal do Tocantins**

Para entendermos o processo de funcionamento das bibliotecas da UFT, mais especificamente, da Biblioteca do câmpus de Araguaína, na unidade Cimba, é importante termos uma ideia de como surgiu e se desenvolveu a UFT no seio do estado mais novo da União, o Tocantins.

Antes de surgir uma universidade federal no estado, já existia uma universidade pública vinculada ao Estado, era a Universidade do Tocantins – UNITINS, tendo o seu primeiro concurso realizado no final dos anos 90. A partir deste concurso, os primeiros professores chegaram à universidade, oficializando, desta forma, o nascimento desta universidade.

É importante ressaltar que a UNITINS, logo nos seus primeiros anos de existência, sofreu algumas modificações que iriam influenciar no surgimento da UFT. Ao ser criada, a universidade era uma fundação de direito público, passando, no ano de 1992, a ser uma autarquia do sistema estadual, permitindo que o governo influenciasse bastante no andamento desta instituição. (SOUZA; SILVA, 2007)

Contudo, a maior mudança aconteceu a partir do ano de 1996, quando a UNITINS passou a ser uma fundação de direito privado, fazendo com que o Estado deixasse suas responsabilidades, principalmente, com a manutenção da universidade. Essa mudança impactou muito a sociedade tocantinense, pois, como nos mostram Nilton Oliveira, Eliseu Brito e Messias Medeiros (2013) foram inseridas mensalidades em todos os cursos, causando revolta em todos os estudantes. Mas essa realidade não durou por muito tempo:

No ano 2000, os estudantes iniciaram um movimento exigindo o fim das mensalidades cobradas, tal movimento ganhou força e houve naquele período um recuo do governo do estado. Junto a esta reivindicação, estava a luta pela criação da Universidade Federal do

Tocantins, que passou a ser a bandeira principal da SOS UNITINS. (OLIVEIRA; BRITO; MEDEIROS, 2013, p. 5)

Com a indignação dos alunos, um novo tempo se iniciou, pois, além das reivindicações contra as mensalidades, começou a movimentação para o surgimento de uma universidade federal, realmente pública. Emerson Denicoli (2016, p. 131) corrobora com esse pensamento, ao dizer que o surgimento da UFT está relacionado com um “movimento popular”, mostrando que desde seu início a universidade federal nasceu do desejo e da articulação do povo, que teve início com os estudantes e logo em seguida teve a aceitação e a colaboração de toda a comunidade acadêmica, além da sociedade e de alguns representantes políticos do Estado.

Depois de diversas dificuldades e lutas, finalmente, no ano de 2000, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, por meio da lei nº 10.032, de 23 de outubro de 2000, foi criada a Universidade Federal do Tocantins, em meio a uma realidade de precarização universitária em virtude de crise financeira que tomava conta do país. Contudo, só passou a funcionar, efetivamente, no ano de 2003, com a entrada dos primeiros professores que iniciaram o processo de organização desta universidade. (DENICOLI, 2016)

É importante frisar que, no ano de 2003, no governo do presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva, deu-se início ao plano de expansão e de interiorização das universidades federais, o que de fato permitiu que UFT tivesse seu início, recebendo as verbas e os incentivos necessários para seu funcionamento.

Já, no ano de 2004, o ministro da educação, Tarso Genro, por meio da portaria nº 658, de 17 de março, homologou o Estatuto da Fundação, o que permitiria a maior organização da universidade, sendo, então, instalados o Conselho Universitário (Consuni) e o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe), que são os Órgãos Colegiados Superiores responsáveis pelas diretrizes da universidade.

Para que a UFT pudesse dar início a seus trabalhos, mais uma vez, a UNITINS se fez importante, pois grande parte de sua estrutura sofreu um desmembramento, sendo doado muitos bens móveis e imóveis para a nova universidade federal. Além da estrutura, a UFT também recebeu a maioria dos cursos e alunos da universidade do estado.

Em virtude dessa divisão da UNITINS, uma das principais consequências para a UFT foi a possibilidade do nascimento desta como uma universidade grande, tanto relacionado ao número de alunos como à quantidade de câmpus espalhados pelo Estado, como nos mostra o texto a seguir:

Em função desse desmembramento a UFT já nasceu com um considerável porte para uma universidade nova, sendo constituída já de início sob o modelo multicampi, com polos distribuídos pelas cidades de Araguaína, Arraias, Gurupi, Miracema, Palmas, Porto Nacional e Tocantinópolis. À época já contava com 25 cursos de graduação, com 7.382 alunos, e 1 curso de pós-graduação *stricto sensu*. (DENICOLI, 2016, p. 132)

Com essa estrutura de sete polos espalhado por todo o Estado, a UFT surgiu como um diferencial muito importante para todo o Tocantins, permitindo que diversas pessoas, não apenas aquelas nascidas nestas cidades onde se encontram os polos, mas das redondezas, tivessem a possibilidade de acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade.

É importante salientar que essa estrutura multicampi não agradou a todos, no primeiro momento, por diversos motivos, sendo o principal deles a distância existente entre cada unidade. Oliveira; Brito; Medeiros (2013) ressaltam que, apesar de existir o problema da distância e da infraestrutura observado nesse sistema multicampi, com a presença da universidade em diversas cidades do Tocantins, foi dada a oportunidade a pessoas que moram em cidades pequenas e distante da capital de também terem acesso ao ensino superior sem precisar sair de sua cidade, e aos que precisarem sair que não fosse para muito distante como acontece, por exemplo, em Araguaína que recebe alunos das diversas cidades próximas, como Babaçulândia (distante 63 km), Xambioá (distante 140 km) Wanderlândia (distante 51 km), Novo Horizonte (distante 13 km), entre outras .

Nessa estrutura multicampi, a UFT está presente, então, em sete cidades estratégicas do Estado do Tocantins, como podemos observar na ilustração (Figura 1). De norte ao sul do Tocantins, pode-se encontrar polos que atendem a sociedade, oferecendo uma educação superior pública, com diversos cursos e uma enorme estrutura que cresce a cada ano.

Figura 1 – Estado do Tocantins com Câmpus da UFT.



No que se refere aos cursos oferecidos pela UFT, nos seus diversos polos, existe a preocupação em atender a realidade de cada localidade, buscando ser proposto cursos de graduação e de pós-graduação que possam colaborar, diretamente, com as necessidades de cada localidade, buscando sempre contribuir com a produção do conhecimento para o desenvolvimento socioambiental do Tocantins e da Amazônia Legal. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2018)

Os cursos da UFT são relacionados a cinco áreas de atuação, escolhidas para atender, de forma especial, as especificidades da Amazônia Legal. São elas:

- Identidade, Cultura e Território;
- Agropecuária e Meio ambiente;
- Biodiversidade e Mudanças climáticas;
- Educação;
- Fontes de Energia Renováveis.

Depois de 16 anos de fundação, sendo ainda relativamente nova, a Universidade Federal do Tocantins tem se consolidado cada dia mais como uma importante instituição de ensino superior que leva a toda a população do Estado e de todo o Brasil um ensino de qualidade e gratuito. O trabalho tem sido consistente que, no ano de 2016, chegou a ser considerada pelo Guia do Estudante como a 3ª melhor universidade do Norte do País. (MATIAS; TOLEDO, 2016).

Durante este período de desenvolvimento, a UFT cresceu de forma extraordinária, tanto em estrutura física como em quadro de pessoal, sem contar com o enorme número de alunos que já passou por algum polo desta universidade, sendo, aproximadamente, mais de 12 mil profissionais formados nesta instituição<sup>1</sup>. É importante ressaltar que a UFT tem se desenvolvido como uma universidade preocupada com as questões sociais, tendo diversos programas e projetos de assistência estudantil, sem contar que foi pioneira na implantação de cotas para indígenas e quilombolas em processos seletivos. Este crescimento está sempre pautado nos pilares da educação superior: o Ensino, a Pesquisa e a Extensão.

No que se refere ao **Ensino**, a UFT tem se empenhado cada vez mais para oferecer um ensino de qualidade e com diversas opções para os que buscam ampliar o seu conhecimento e ter uma formação acadêmica. Até o início do ano de 2019, a UFT

---

1 Dado retirado do *site* da UFT (<https://ww2.uft.edu.br/index.php/ensino>)

contabilizava mais de 50 cursos de graduação presenciais distribuídos entre licenciaturas, bacharelados e tecnológicos, pelos sete câmpus ao longo do Estado. Também conta com 5 cursos a distância e alguns cursos de caráter semipresenciais voltados para a formação de professores oferecidos pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR.

Ainda no que diz respeito ao ensino, a UFT oferece para os já graduados cursos de pós-graduação nas modalidades *Strito Sensu* e *Lato Sensu*. São 31 cursos de mestrado, sendo 19 acadêmicos e 12 profissionais, e 6 doutorados, além de diversas opções de especializações e de MBAs. Ressaltamos que os cursos de pós-graduação também se encontram espalhados pelas diversas unidades da UFT.

Na **Pesquisa**, a UFT tem incentivado seus alunos na realização e na ampliação de sua presença em projetos científicos nacionais e internacionais, direcionando auxílio financeiro para ajudar estes alunos em apresentações de seus trabalhos em eventos científico-artístico realizados no Brasil e em outros países. É notório o aumento de projetos e de concessões de bolsas oferecidas pela própria instituição como também pelo CNPq e pela CAPES; de acordo com o PDI da instituição, em 2015, o número de concessões chegou a 225 bolsas. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2016)

Além dos alunos, a pesquisa também tem sido incentivada para docentes e para técnicos-administrativos, por meio de programas que os ajudem na publicação e na apresentação de suas pesquisas, como é o caso do programa Novo Pesquisador e programa Produtividade em Pesquisa. Ainda para que estas pesquisas sejam publicadas, a instituição possui uma política de criação e de manutenção de revistas eletrônicas que atendem tanto a comunidade acadêmica da UFT, como o público externo.

A **Extensão** é a maneira que a UFT tem de permitir que seus professores e seus alunos possam pôr em prática o conhecimento adquirido na sala de aula, por meio das práticas de ensino e de pesquisa. As ações de extensão procuram levar os alunos para a sociedade, inserindo seu conhecimento para ajudar no meio externo à academia.

Para conduzir a política de extensão, a UFT tem pautado suas ações em três eixos, a saber: (1) Promover a cidadania; (2) Apoiar a diversidade étnico cultural e (3) Promover a arte e a cultura. Estes eixos direcionam alunos e professores na forma de propor e de executar suas ações junto à comunidade.

Com o intuito de atender da melhor forma possível sua comunidade acadêmica, a partir desse tripé que foi apresentado, a UFT conta com uma ampla infraestrutura em

todos os seus câmpus, composta por salas de aula, por bibliotecas, por laboratórios, por auditórios, por espaços de convivência e por áreas administrativas.

Infelizmente, a UFT, assim como diversas universidades federais, tem enfrentado problemas com cortes e contingenciamentos de verbas, o que impossibilita o bom andamento e desenvolvimento de serviços e de infraestruturas em geral. É comum observarmos obras paradas por falta de verbas ou projetos que lutam para conseguir permanecer funcionando.

Por meio do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, a UFT tem a cada ano desempenhado um papel fundamental, assumindo sua missão de formar novos profissionais para o Estado do Tocantins e para todo o Brasil, além de produzir conhecimentos inovadores que ajudem no desenvolvimento do Estado e da Amazônia Legal. Desta forma, a universidade busca atingir sua visão de ser reconhecida nacionalmente pela excelência no tripé da educação superior. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2016).

Todos os sete câmpus da universidade têm colaborado para este desenvolvimento, cada um com suas características e particularidades, mas em busca de um mesmo objetivo, com a mesma missão, visão e valores. Unidos, cada unidade representa a excelência do ensino superior federal no estado do Tocantins. Uma representação interessante da evolução desta instituição está na sua própria marca (Figura 2), que, com o passar do tempo, foi mudando, acompanhando seu desenvolvimento. Vejamos, a seguir, a figura 2:

Figura 2 – Evolução das Logomarcas da UFT.



Fonte: Site da UFT: <http://www2.uft.edu.br/>

Antes de adentrarmos a informações sobre a biblioteca de Araguaína, é importante conhecer como funciona o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins, que é responsável pela padronização de todas as bibliotecas.



#### 4.1.1 Sistema de Bibliotecas (SISBIB)

O SISBIB da UFT é composto pelas oito bibliotecas existentes nos sete câmpus da universidade, tendo como principal finalidade oferecer a toda comunidade acadêmica as mais diversas possibilidades de acesso as informações para seu desenvolvimento. Apesar de cada biblioteca ser autônoma, para que exista uma organização, uma unidade e uma linearidade entre elas, existe um conselho gestor do SISBIB, composto por representantes de cada biblioteca, que se reúnem, periodicamente, para elaborar diretrizes gerais para o bom funcionamento das bibliotecas da universidade.

Administrativamente, o SISBIB se reporta diretamente à reitoria, enquanto cada biblioteca se direciona às suas respectivas direções de câmpus. O sistema conta com um gestor, formado em Biblioteconomia, assim como todos os outros responsáveis pelas bibliotecas, responsável por convocar e por presidir as reuniões do SISBIB, além de representar as bibliotecas, no que se refere a assuntos superiores, especialmente na reitoria.

Também é de responsabilidade do SISBIB o levantamento e a elaboração de relatórios anuais e, quando solicitado, disponibilizar informações gerais de todas as bibliotecas, para que possam atender as demandas advindas, especialmente, pelas coordenações de cursos, das pró-reitorias e pelo MEC. Outra função do Sistema é coordenar e acompanhar as diversas atividades realizadas em todas as bibliotecas, sendo que muitas delas costumam acontecer de forma sistêmica em todos os câmpus, como é o caso da Semana do Livro e das Bibliotecas.

Outra responsabilidade importante que o SISBIB tem assumido, desde o ano de 2011, é a implantação do Repositório Institucional – RiUFT, que tem como principal objetivo guardar e disponibilizar *online* documentos, monografias, teses e dissertações da instituição. Desta forma, a UFT permite que diversos pesquisadores tenham acesso às produções realizadas na instituição.

O SISBIB é responsável pela Política Institucional de Desenvolvimento e atualização de coleções da UFT, em que são feitos os processos de seleção, de aquisição e de desbastamento de coleções, procurando atender as necessidades informacionais de todos os cursos que compõe cada câmpus da universidade. Este processo acontece em conjunto entre as bibliotecas e o SISBIB, de maneira que o responsável pela biblioteca realiza o levantamento das necessidades informacionais da unidade e envia para a coordenação do SISBIB, que verifica a prioridade e tenta alocar recursos, de acordo com as possibilidades para atender as demandas.

O mais importante para a comunidade acadêmica em relação ao SISBIB é a facilidade existente, já que a estrutura organizacional de todas as bibliotecas segue o mesmo padrão, determinado pelo Regimento Geral do SISBIB, aprovado no ano de 2015 pela Resolução nº 07/2015, do Consuni. Desta forma, todas as regras que são aplicadas em uma biblioteca servem para as demais, bem como as diversas possibilidades que facilitam o uso da informação.

Observamos isso, por exemplo, na quantidade de dias de empréstimo, que é o mesmo para todas as bibliotecas; seguindo as regras específicas, além de o usuário ter acesso aos acervos de todas as unidades da UFT, podendo, também, emprestar independente do câmpus em que esteja, desde que utilize sua carteirinha, que é padronizada e aceita em todas as bibliotecas. Outra facilidade é o empréstimo entre bibliotecas, permitindo ao aluno solicitar o empréstimo de uma obra que esteja em outra biblioteca, caso a obra não exista na de origem.

Estar organizada em um Sistema de Bibliotecas permite que a UFT possa, nesse sistema multicampi, atender a todos seus alunos, professores, técnicos-administrativos e demais usuários de forma ampla, eficaz e eficiente. A unicidade e a padronização faz com que mais e mais facilidades contribuam para o crescimento de todas as bibliotecas e, principalmente, na forma de facilitar o acesso à informação.

#### 4.1.2 Câmpus de Araguaína

Para esta pesquisa, daremos destaque para câmpus de Araguaína, onde se encontra a Biblioteca Professor Severino Francisco, que faz parte do objeto de estudo desta pesquisa. Assim, antes de adentrarmos em informações sobre a biblioteca, é importante conhecermos um pouco sobre a realidade deste câmpus.

É relevante, antes de falarmos deste câmpus, informar que, no período de realização desta pesquisa, foi sancionada a criação da UFNT, em que algumas unidades da UFT passarão a fazer parte desta nova universidade, sendo Araguaína o local da reitoria. A criação da UFNT impactará diretamente em todas as atividades do câmpus de Araguaína, inclusive as relacionadas à biblioteca, que terá mais importância social do que já possui atualmente.

No seio da segunda maior cidade do Tocantins, distante aproximadamente 400 km da capital, o câmpus de Araguaína, também, é a segunda maior unidade da UFT, com seus 31.571,91 m<sup>2</sup> de área construída. O câmpus de Araguaína possui 16 cursos de

graduação, sendo 14 presenciais e 2 EADs; no que se refere à pós-graduação *strictu sensu*, são 8 mestrados e 2 doutorados.

O câmpus de Araguaína, assim como os seis outros câmpus da UFT, foi transferido da UNITINS, levando seus cursos, seus alunos e sua estrutura para a nova universidade. Inclusive as atividades deste câmpus foram desenvolvidas durante um tempo significativo na antiga unidade da UNITINS, permanecendo até o ano de 2009, quando passou para uma nova construção no setor Cimba, que daria nome a esta unidade.

De acordo com Andréia de Carvalho Silva (2018), quando a UNITINS passou a ser UFT, já existiam cinco cursos (Ciências Matemática, Letras, Geografia, História e Medicina Veterinária), sendo que, neste processo de federalização, o curso de Zootecnia foi transferido de Gurupi para Araguaína. Com dois cursos na área de Agrárias, surgiu a Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia – EMVZ, que funciona em uma zona rural.

No ano de 2019, ainda como segunda maior unidade da UFT, o câmpus de Araguaína está estruturado em 4 unidades, que atendem a comunidade acadêmica e geral, sendo elas:

- a) **Cimba** – localizada no centro da cidade, comporta os cursos de Licenciaturas (Letras, Matemática, Biologia, Física, Química, História e Geografia) e os cursos Tecnológicos (Gestão de Cooperativas, Gestão de Turismo e Logística). Nesta unidade, também, estão localizados os setores administrativos do câmpus. É interessante lembrar que o Cimba substituiu a unidade São João, que foi herdada do tempo da UNITINS.
- b) **Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia – EMVZ** – localizada no setor rural, distante aproximadamente 12 km do centro da cidade, a EMVZ sedia os cursos de Medicina Veterinária e de Zootecnia. Esta unidade também existia no tempo da UNITINS e foi repassada para a UFT.
- c) **Fundação de Medicina Tropical – FUNTROP** – recém doada pelo governo para a UFT, esta unidade será destinada para o funcionamento do curso de Medicina;
- d) **Hospital Universitário de Medicina Tropical – HDT** – também doado, recentemente, pelo governo para a UFT, com o objetivo de dar suporte para o desenvolvimento do curso de Medicina na cidade.

Estas unidades procuram atender todas as necessidades acadêmicas do câmpus, sejam elas administrativas e/ou pedagógicas, mas também são utilizadas para atender a comunidade geral, como é o caso das bibliotecas, da clínica veterinária e do hospital universitário, que são abertos para quem delas precisarem.

De uma forma especial, a UFT tem se preocupado bastante com suas bibliotecas, que são consideradas, para alguns professores, como “*a cara da universidade*”; o que implica dizer que se a biblioteca não é boa, então, muito dificilmente essa universidade o será. E isso não é diferente no câmpus de Araguaína, como veremos a seguir.

#### **4.2 A Biblioteca Professor Severino Francisco, do Câmpus de Araguaína**

Como já foi citado, o câmpus de Araguaína possui um diferencial dos outros câmpus, pois ele iniciou com duas unidades e, a partir do ano de 2013, passou a ter mais duas unidades em decorrência do curso de medicina. Ainda no tempo em que o câmpus de Araguaína possuía apenas duas unidades (Cimba e EMVZ), já existiam também duas bibliotecas, a “Professor Severino Francisco”, na unidade Cimba, e a Biblioteca “Isabel Auler” na EMVZ.

As duas bibliotecas já existiam no tempo da UNITINS e foram incorporadas à UFT câmpus de Araguaína, sofrendo algumas mudanças, inclusive de prédio e de crescimento de acervo. É interessante citar um fato curioso: é que ainda hoje existem livros com carimbos da UNITINS. Falaremos um pouco mais sobre a biblioteca da unidade Cimba, para conhecermos seu funcionamento e como ela colabora no processo de formação de leitores na universidade.

Assim como as demais bibliotecas do SISBIB, a Biblioteca Professor Severino Francisco é caracterizada como uma biblioteca universitária, de caráter público/federal. Uma de suas principais características é o acesso livre ao seu acervo, onde todos podem ter contato direto com todo material existente, sem necessidade de intermédio de outras pessoas. Desta forma, todos os interessados podem frequentar e acessar o acervo, porém, apenas a comunidade acadêmica tem permissão para empréstimo de alguns materiais, como livros e cds.

Devemos destacar que, no âmbito de Araguaína, a Biblioteca da UFT tem se tornado um diferencial, pois, mesmo sendo uma biblioteca universitária, ela tem contribuído para as pesquisas de diversos públicos, englobando a comunidade externa, haja vista o fato de a cidade possuir poucas bibliotecas. Desta forma, a biblioteca da UFT é aberta para todos; por isso, é comum encontrar usuários que não têm vínculo direto com

a UFT, mas que utilizam da Biblioteca “Professor Severino Francisco”, como seu local de pesquisa e de estudo.

Esta biblioteca passou por diversas mudanças e adaptações, de acordo com o tempo e as possibilidades de melhorias. Ela surgiu a partir da antiga biblioteca de licenciaturas da UNITINS, no processo de doação já citado. Assim, como diversas bibliotecas famosas na história, a biblioteca “Professor Severino Francisco” também teve que mudar de localidades até se estabelecer em um prédio específico para o seu funcionamento.

Como parte integrante do SISBIB, ela assume, em Araguaína, junto aos cursos de licenciaturas, gestão e mais recentemente de medicina, a missão geral do sistema de bibliotecas de oferecer acesso as mais diversas informações necessárias para o apoio à formação de toda a comunidade acadêmica.

Nestes anos de existência da UFT, e, conseqüentemente da biblioteca de Araguaína, várias melhorias aconteceram, como surgimento de novos cursos, aumento de acervo e com ele o trabalho intensivo relacionado ao processamento técnico de materiais informacionais e, principalmente, deslocamento físico do local de funcionamento da biblioteca.

Essas mudanças e os demais processos de adequações nos primeiros anos de vida da biblioteca “Professor Severino Francisco”, por terem sido mais direcionados à organização de acervo e de estruturação geral, de certa forma, impossibilitaram que outros tipos de projetos, como os voltados para o incentivo à leitura e à formação de leitores, fossem executados efetivamente. Mas isso não quer dizer que não aconteceram, mas que puderam ser aprimorados como veremos mais à frente. Vejamos um pouco do percurso desta biblioteca, para depois conhecermos como está a realidade atual.

#### 4.2.1 Um pouco da história da Biblioteca “Professor Severino Francisco”

A biblioteca “Professor Severino Francisco” passou por três grandes momentos que marcaram a sua existência, passando de biblioteca de licenciatura da UNITINS para biblioteca da UFT, mudando de espaço físico. A sua estrutura saiu do antigo prédio da UNITINS e foi para o prédio da unidade cimba e, por fim, sua mudança para uma estrutura definitiva, pensada e construída, especificamente, para funcionar como tal.

O primeiro momento está relacionado à organização e à estruturação da biblioteca da UFT, em que, mesmo que já existisse uma biblioteca da UNITINS, ela ainda não tinha uma total organização e parâmetros para atender uma universidade de nível federal; sem

contar a falta de servidores para atender toda a demanda que passou a existir com a mudança de UNITINS para UFT.

Logo no início dos trabalhos na então biblioteca de licenciaturas da UFT, vários foram os problemas encontrados que precisavam ser resolvidos para melhor atender seus usuários. Segundo Gracelyne Santos (2007), em um Relatório Técnico apresentado para o conselho diretor do câmpus no ano de 2007, os problemas encontrados, nesta biblioteca, apresentavam proporções maiores em comparação com a biblioteca da EMVZ, que se encontrava bem mais organizada.

Os primeiros problemas estavam relacionados à falta de catálogos com informações sobre o acervo; à ausência de um sistema e de planilhas organizadas para fomentar uma possível informatização do acervo; à disponibilidade de apenas um computador para todas as necessidades da biblioteca; à desorganização das revistas; a obras iguais com classificações diferentes e a outros problemas decorrentes da falta de um serviço de processamento técnico adequado. Esses problemas exigiram que no início da UFT fosse necessário um empenho na organização do acervo e de toda a estrutura da biblioteca.

Um fato interessante, neste processo de reorganização da biblioteca, aconteceu no período de inventário<sup>2</sup>, em que descobriram que muitos livros da biblioteca estavam guardados no setor de almoxarifado da instituição, o que comprova a total falta de organização e de conhecimento do acervo existente.

Santos (2007), em seu relatório, ainda apresenta diversas razões, que, mesmo com o esforço da equipe, impossibilitaram que se pudesse atender plenamente as necessidades acadêmicas no início das aulas naquele momento. O processo de organização aconteceu, concomitantemente, aos preparativos para a informatização e para o cadastro de novas aquisições que não paravam de chegar devido à nova realidade da universidade.

É relevante dizer que, mesmo atrasando a abertura da biblioteca para ser utilizada pela comunidade, este processo foi fundamental, pois permitiu que a biblioteca estivesse mais organizada, com acervo e com estantes sinalizadas, com livros catalogados e com etiquetas impressas. Tudo isso permitiu que, ao ser aberta ao público de forma organizada, sua utilização fosse mais adequada e mais eficaz.

---

<sup>2</sup> Ação de contagem de todo material informacional da biblioteca, devendo ser realizada, de acordo com o regimento do SISBIB anualmente, tendo como finalidade verificar como se encontra o acervo da biblioteca.

No ano de 2007, a UFT aderiu ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI)<sup>3</sup>, sendo, então, criados seis novos cursos na UFT, sendo três licenciaturas (Biologia, Física e Química) e três tecnológicos (Gestão de Turismo, Gestão de Cooperativas e Logística). O advento desses cursos fez com que o acervo, também, aumentasse, pois foram comprados novos livros para atender essas demandas, iniciando mais um novo desafio de preparar esse novo acervo para colocar à disposição na biblioteca. É importante frisar, que com o REUNI, assim como a UFT em geral, as bibliotecas, também, receberam diversas melhorias, principalmente com investimentos em matérias e aumento de quadro de pessoal.

Também, no ano de 2007, teve início um importante passo para todas as bibliotecas do SISBIB, que traria mais facilidade e eficiência na forma de gerir e de disponibilizar a informação. Neste ano, o acervo passou a ser informatizado, em que todos os livros foram cadastrados no Sistema de Informação para o Ensino – SIE. A partir desta informatização, mudou-se a forma de emprestar e de devolver livros nas bibliotecas, sem contar a melhoria na busca por informações, que agora informatizadas poderiam ser recuperadas com mais agilidade. No ano seguinte, com a informatização, o processo de circulação (empréstimo e devolução) passou a ser automatizado, trazendo mais segurança para o acervo e facilidade no serviço de referência<sup>4</sup>.

Ainda neste processo de estruturação da biblioteca, no ano de 2008, foi realizado o primeiro projeto de incentivo à leitura sob a responsabilidade da equipe da biblioteca. A ação aconteceu com alunos de uma escola pública da cidade, que foram levadas para a biblioteca, momento em que foi realizado uma “Contaçon de Histórias” com base no livro “Fiz o que pude”, de Lucília Junqueira Prado. Neste contexto, deu-se início ao processo efetivo de interação biblioteca versus comunidade externa, por meio da promoção de ações de incentivo à leitura.

Neste período, já era uma necessidade à mudança para um espaço maior, que acomodasse melhor tanto o acervo, que não parava de crescer, como os técnicos-administrativos que precisavam exercer suas funções de processamento e de atendimento à comunidade. Era de conhecimento de todos a existência de uma nova unidade que seria construída no setor cimba, contudo sem previsão de mudança para este local.

No ano de 2009, finalmente, a unidade Cimba passou a funcionar, contudo, para revolta de alunos e de professores, a biblioteca permaneceria no antigo prédio do bairro

---

3 O REUNI foi um programa de governo, que tinha como principal objetivo oferecer condições para o acesso e a permanência de alunos na universidade.

4 Serviço de Referência é o setor da Biblioteca responsável diretamente pelo atendimento ao usuário.

São João, o que seria, totalmente, inviável, pois os alunos teriam que se deslocar num percurso grande para realizar suas pesquisas. Em resposta à insatisfação geral, o diretor do câmpus da época, Professor Luiz Eduardo Bovolato, convocou a bibliotecária responsável, para juntos analisarem o prédio do novo anfiteatro, para acolher, temporariamente, a biblioteca, com a promessa que tão logo seria construído um prédio próprio para aquela, o que veio acontecer após dez anos do ocorrido.

No final do ano de 2009 e início de 2010, finalmente, a biblioteca foi transferida para a unidade Cimba, sendo instalada no espaço que deveria ser anfiteatro, apesar de a estrutura não ser adequada. Todavia, a biblioteca estaria no mesmo espaço que os cursos e os demais setores administrativos da UFT. Boa parte do espaço foi tomado pelo acervo, sobrando um espaço pequeno para estudo e para pesquisa, o que geraria constantes reclamações dos alunos. A outra parte foi dividida entre processamento técnico e coordenação da biblioteca, dando um espaço melhor para gestão da biblioteca e tratamento das novas obras que continuavam chegando.

Ainda no ano de 2010, estando a biblioteca instalada na nova unidade, é realizada a primeira semana do livro e da biblioteca, momento em que, por ocasião do dia do livro, foram realizadas atividades para dar visibilidade às bibliotecas e aos livros, além de oferecer ações de incentivo à leitura. É importante ressaltar que a Semana do Livro foi realizada, em sua primeira versão, apenas no câmpus de Araguaína, mas a ação foi tão bem aceita que, no ano de 2014, passou a ser uma atividade de todo o SISBIB, acontecendo, concomitantemente, em todas as bibliotecas do sistema. No ano de 2018, foi realizada a terceira versão do Evento, novamente em todos os câmpus da universidade. Falaremos mais destas atividades mais à frente.

Um marco importante para a biblioteca aconteceu no ano de 2011, em que após o falecimento do professor do curso de geografia, Severino Francisco de Oliveira, muito estimado na UFT, após aprovação em reunião do Conselho Diretor do Câmpus de Araguaína – CDA, foi solicitado e aprovado na 70ª Reunião do CONSUNI, a mudança do nome da biblioteca central de Araguaína para Biblioteca “Professor Severino Francisco”, como homenagem a este docente que era muito querido pela comunidade acadêmica e deixou sua marca na instituição.

Em 2013, uma nova demanda passou a fazer parte da rotina das bibliotecas, estava surgindo o RiUFT, primeiramente com Banco de Dissertações e Teses – BDT, que deveriam ser alimentados com todas as produções pertencentes à instituição. Desta forma foram necessários o tratamento e o processamento de todas as dissertações e as teses que já existiam na biblioteca, bem como as novas para serem enviadas para o SISBIB em



Palmas, passando a virar rotina, permitindo com que todas as produções da universidade estivessem disponíveis *online* para que todos possam ter acesso.

Dez anos depois da promessa de que a biblioteca teria um prédio exclusivo para seu funcionamento, finalmente, no ano de 2019, a biblioteca passou para o prédio que foi construído, especificamente, para seu fim (figura 3), pensado e preparado para atender as necessidades informacionais e educacionais exigidas; sem contar que oferece um espaço maior e mais digno para estudos e pesquisas. Consideremos, a seguir, a Figura 3, com uma foto panorâmica do novo prédio da biblioteca.

Figura 3 – Novo Prédio da Biblioteca Professor Severino Francisco.



Fonte: Acervo Biblioteca “Professor Severino Francisco”

Nas novas dependências da Biblioteca Professor Severino Francisco, além de acomodar o amplo acervo de aproximadamente 40 mil títulos (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2018), também, é possível encontrar diversos espaços, como sala de estudos individuais e em grupo, sala de extensão, espaço de leitura, sala de projeção, acervo da pós-graduação e salas de estudo de pós, além de outros pensados e preparados para oferecer diversos serviços e atividades que colaborem com a formação e o desenvolvimento de toda a comunidade acadêmica e comunidade externa.

Aos poucos, a Biblioteca Professor Severino Francisco, bem como as demais bibliotecas do SISBIB foram se desenvolvendo e procurando, de acordo com as condições apresentadas, melhorar e ampliar seus serviços para atender cada vez melhor seus usuários. Infelizmente, como já foi mencionado, devido à crise financeira que o país tem enfrentado, a biblioteca também tem sofrido algumas dificuldades, como a demora para

finalização do prédio e a falta de verba para a compra de materiais para equipar os espaços.

Exemplo disso é o fato de a biblioteca, mesmo tendo dois pavimentos, ter sido inaugurada com apenas o pavimento inferior funcionando, pois o orçamento não conseguiu contemplar a instalação de ar-condicionado e compra de materiais para compor os espaços do pavimento superior. Além da parte estrutural, ainda não há pessoal suficiente para atender totalmente os serviços que a biblioteca em sua nova estrutura pode oferecer.

#### 4.2.2 Acervo e Serviços: a biblioteca em desenvolvimento

Apesar de todos os contratempos enfrentados durante o desenvolvimento da UFT e da biblioteca, atender bem seus usuários, por meio da oferta de informações e de serviços, tem sido a principal preocupação da Biblioteca Professor Severino Francisco durante todo o período de sua existência. Apesar de algumas dificuldades, principalmente com o espaço físico, a biblioteca sempre busca disponibilizar um acervo adequado e serviços eficientes, facilitando o processo de procura pela informação.

O Relatório do SISBIB de 2017 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2017) apresenta diversas ações que confirmam essa premissa de melhor atender seus usuários como o aprimoramento do sistema de catalogação e de circulação dos livros, que agilizam o processo de busca do material procurado, bem como na hora de seu empréstimo ou devolução. Houve melhora nos serviços *online* de pesquisa, de reserva e de renovação; o sistema de confecção *online* das fichas catalográficas foi disponibilizado, antes eram feitas pelos bibliotecários, levando um tempo maior para ser entregue para seu solicitante. Com este novo sistema, a ficha é confeccionada na hora pelo sistema. No que diz respeito ao quadro de pessoal, constantemente, são oferecidas atividades de formação para que possam atender cada vez melhor os usuários.

Após, aproximadamente, 16 anos de serviço à comunidade acadêmica da UFT, a Biblioteca Professor Severino Francisco tem acumulado diversas experiências e realizações que devem ser observadas para que se possa acompanhar sua evolução, que impactou, diretamente, na forma de atender seus usuários. Vejamos um pouco de como esta biblioteca tem desenvolvido seu trabalho por meio de números e de descrições de algumas atividades relevantes.

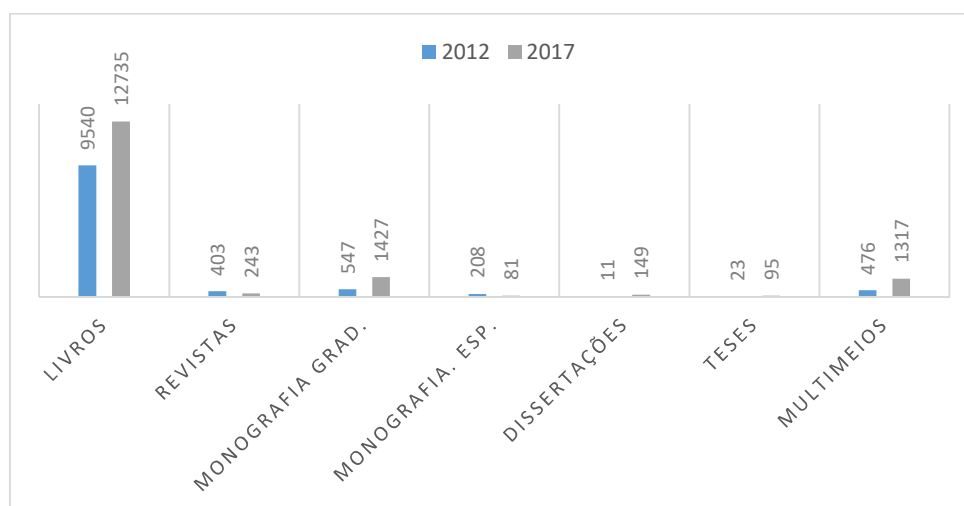
Uma das principais preocupações da Biblioteca da unidade Cimba de Araguaína tem sido a formação de um acervo sólido e consistente para atender as necessidades de

pesquisa, de ensino e de extensão da comunidade da UFT e demais pesquisadores que a frequentam. Para o desenvolvimento deste acervo, a biblioteca segue as diretrizes da Política de Desenvolvimento de Coleções, instituído pela resolução nº 025/2017 do CONSUNI, com o principal objetivo de padronizar e de organizar a forma de desenvolvimento de coleções das bibliotecas do SISBIB.

De acordo com esta política, o desenvolvimento das coleções acontece de quatro maneiras, sendo (1) aquisição, (2) doação, (3) permuta e (4) depósito legal, oferecendo várias possibilidades de aumento do acervo para atender mais pessoas e com mais qualidade. É importante ressaltar que, conforme apresentado na Política de Desenvolvimento, um dos critérios para formação do acervo é atender, principalmente, os currículos acadêmicos, que são obrigatórios, segundo as normativas do instrumento do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP.

O acervo da biblioteca é composto por livros destinados aos cursos de graduação, de acordo com as exigências do MEC, bem como por livros voltados para os cursos de pós-graduação; além de periódicos, de multimeios, de monografias, de dissertações e de teses. O gráfico 1 apresenta a evolução do quantitativo deste acervo entre os anos de 2012 e 2017<sup>5</sup>.

Gráfico 1 – Quantitativo de Títulos do Acervo Geral.



Fonte: “Adaptado de” Universidade Federal do Tocantins (2012; 2017)

É claro, ao observar o gráfico 1, que o acervo da biblioteca, como já foi mencionado, tem crescido, constantemente, principalmente, os livros. Esse crescimento

<sup>5</sup> Foram escolhidos estes dois anos, pois os relatórios do SISBIB, no *site* da UFT, seguem esse intervalo, sendo 2012 o mais antigo e 2017 o mais atual.

demonstra a preocupação que a biblioteca tem em oferecer ao seu usuário um acervo que atenda ao máximo a demanda exigida pela academia.

É importante mostrar que esse aumento no quantitativo de livros se dá em decorrência da política de aquisição do SISBIB, que tem como objetivo comprar livros para atender as demandas dos cursos da universidade. Podemos entender melhor esse processo a seguir:

Visando a atualização e manutenção do acervo bibliográfico, a Universidade tem adquirido sistematicamente, acervo bibliográfico para as 08 (oito) unidades que fazem parte do SISBIB (Sistema de Bibliotecas). A atualização do acervo bibliográfico é feita através aquisição de listas solicitadas pelos cursos, considerando a proposta pedagógica dos mesmos e dando prioridade para as bibliografias básicas e complementares dos cursos, constantes do Projeto Pedagógico de Curso, aprovados pelo CONSEPE. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2017, p. 7)

Diferentemente do que muitos pensam, as compras de livros seguem algumas diretrizes, em que o foco principal está voltado para as bibliografias básicas e complementares de cada curso. É importante ressaltar que todo recurso é administrado diretamente, pela coordenação do SISBIB, sendo responsabilidade das bibliotecas apenas o levantamento junto às coordenações de curso, dos livros de seus PPC's que precisam ser comprados. Desta maneira, as bibliotecas não possuem orçamento individual, a divisão do recurso é realizada pela coordenação do SISBIB, de acordo com a demanda apresentada.

Anualmente, a UFT destina uma previsão de orçamento para manutenção e atualização do acervo de todas as bibliotecas. No ano de 2016, de acordo com Universidade Federal do Tocantins (2017), foram destinados 1.000.000,00 de reais para atender esta demanda durante o ano de 2017. Infelizmente, em decorrência da crise, nem todos os anos as bibliotecas contam com este recurso. Contudo, durante o período de 2010 a 2017 muitos livros foram comprados, aproveitando os recursos disponíveis.

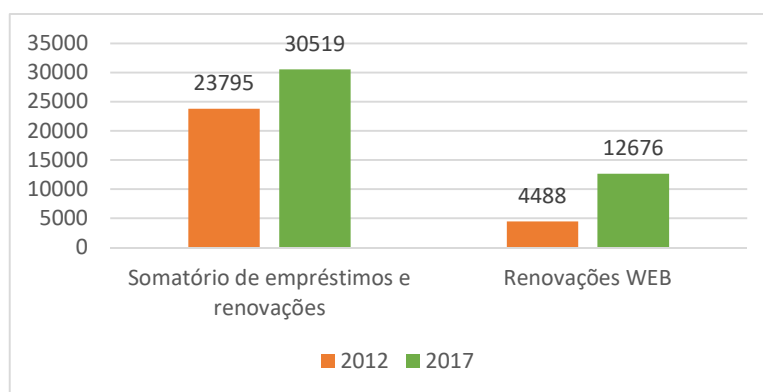
No que se refere aos gastos desse orçamento, são geridos pelo SISBIB e seguem a seguinte lógica: quando liberado o orçamento para a compra de livros, o SISBIB sinaliza para as bibliotecas. Estas enviam para todas as coordenações de cursos os formulários específicos para que solicitem suas demandas, e, assim, sejam comprados. Alguns casos não são atendidos, ou pelo fato de o livro não ser mais comercializado, ou pela livraria ganhadora da licitação não ter acesso a alguns livros.

Vale ressaltar que, a partir de 2016, essa realidade sofreu uma pequena mudança. Em virtude dos cortes orçamentários, diminuíram-se os recursos e este processo de compra para manutenção e atualização do acervo foi prejudicado.

Além destes materiais físicos, a biblioteca, junto com todo o SISBIB, oferece a seus usuários alguns acervos e serviços *online*, que estão disponíveis no *site* da UFT, na *home* do SISBIB. Entre as possibilidades *online*, é possível a pesquisa no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, com acesso livre aos membros da comunidade acadêmica; outras bases de dados estão disponíveis como *Scielo*, Domínio Público, Portal Baseado em Evidências e os periódicos da própria UFT; também são disponibilizadas as monografias, as dissertações, as teses e demais produções feitas na instituição de forma *online* no Repositório Institucional, com acesso aberto tanto para comunidade interna como externa.

Outro ponto importante a ser analisado é o desenvolvimento da circulação, na biblioteca, principalmente, no que se refere a empréstimos e a renovações de livros, pois mostra como o usuário se relaciona com a biblioteca, conforme podemos observar no gráfico 2.

Gráfico 2 – Quantitativo de Empréstimos e Renovações.



Fonte: “Adaptado de” UFT (2012; 2017)

No decorrer do desenvolvimento da UFT e da própria biblioteca, os serviços oferecidos, também, cresceram, como o empréstimo e as renovações, mostrando que os alunos tiveram mais acesso aos livros. Como podemos observar no gráfico 2, o quantitativo de empréstimos e de renovações, em um intervalo de cinco anos, cresceu, em torno de sete mil utilizações.

Apesar de não ter informações concretas que justifiquem o aumento da utilização destes serviços, é interessante observar dois fatores que podem ter contribuído com essa maior frequência. O primeiro fator está relacionado à mudança para uma nova biblioteca no ano de 2010, proporcionando mais espaço, mesmo não sendo o ideal, para que os

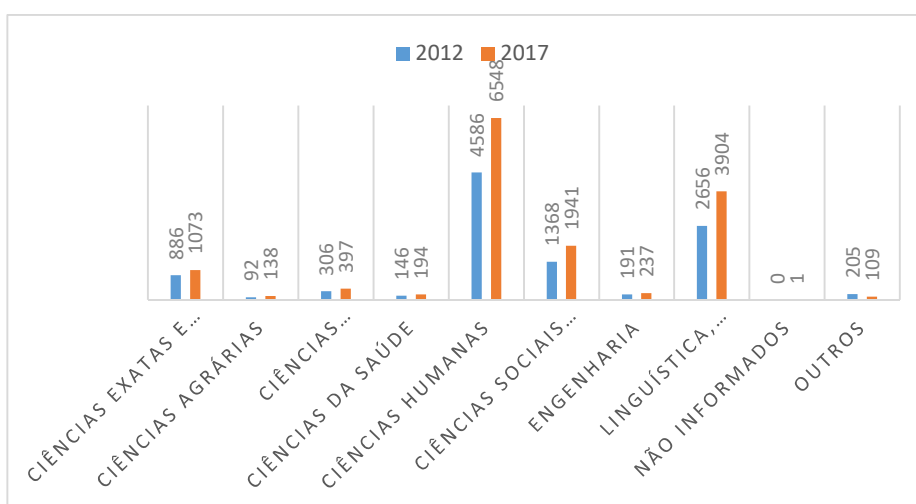
alunos pudessem estudar; o segundo fator está relacionado à obrigatoriedade de um treinamento sobre o regulamento das bibliotecas, para que os usuários tivessem acesso à carteirinha da biblioteca e, assim, acesso aos seus serviços.

Esse treinamento passou a ser realizado associado à recepção dos calouros, o que permitiu uma proximidade maior entre alunos e biblioteca. Por meio destes treinamentos, os alunos passaram a conhecer mais os serviços oferecidos pelo sistema e o acervo disponível para suas pesquisas. Assim, possivelmente, os alunos passaram a sentir-se mais à vontade para frequentar este setor.

Também, é importante ressaltar que, neste período, o número de renovações pela *web* quase triplicou, mostrando que a internet passou a ter uma importância grande nos serviços oferecidos pela biblioteca, fazendo com que o aluno tivesse mais facilidades no uso dos livros e, conseqüentemente, no acesso à informação. O aumento nos empréstimos pode refletir, certamente, no aumento de atividades de leitores no âmbito da universidade, pois, quanto mais livros são emprestados e renovados, mais o aluno está tendo contato com a leitura.

Outro ponto importante a ser apresentado é o número de acervo destinado à área de Letras, em que estão incluídos os livros de literatura. Conforme apresentado no gráfico 3, que traz a quantidade de livros por área do conhecimento, percebemos que o acervo de Linguística, Letras e Artes é o segundo maior acervo da biblioteca, possuindo, no ano de 2017, um quantitativo de 3.904 títulos, totalizando 7.389 exemplares.

Gráfico 3 – Livros por Área de Conhecimento.



Fonte: “Adaptado de” Universidade Federal do Tocantins (2012; 2017)

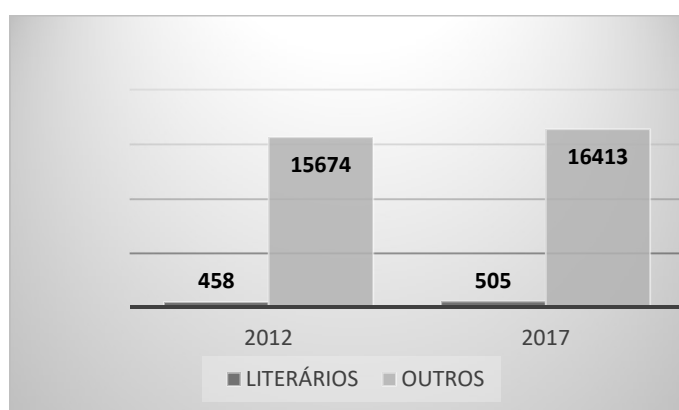
Para ser mais específico, no início do ano de 2019, no acervo da biblioteca, constam 1924 títulos de livros literários, somando uma quantidade de 2832 exemplares.

Desta forma, temos que, aproximadamente, metade do acervo da área de Linguística, Letras e Artes são de livros literários.

Ter o segundo maior acervo implica dizer que além dos cursos de graduação e de pós-graduação voltados para área de letras, eles são livros que atendem ao interesse de alunos que buscam leituras diferentes das científicas, pois muitos destes livros são literaturas estrangeiras e brasileiras que, além de dar subsídios para as aulas e as pesquisas, podem ser utilizados para a leitura descontraída e prazerosa dos alunos da UFT.

Infelizmente, não é esta realidade que se apresenta hoje. Conforme dados de empréstimo retirados do SIE, apesar dos livros literários disponíveis, como já foi mencionado, a procura dos alunos ainda é mais por livros de cunho científico. Podemos confirmar isso no levantamento feito por meio do sistema da biblioteca, que traz o quantitativo de empréstimos nos anos de 2012 e 2017, sendo separados aos empréstimos de livros de literatura dos demais assuntos, como ilustra o gráfico 4.

Gráfico 4 – Quantitativo de empréstimo por assunto.



Fonte: Dados retirados do SIE

Vemos, por meio do gráfico 4, que a diferença de empréstimos nos dois anos é relativamente pequena, mostrando que existe uma estabilidade, tanto no empréstimo de livros de outras áreas quanto nos livros literários. Contudo, quando analisamos os empréstimos por assunto de cada ano, é possível ver uma grande diferença; em ambos os anos, o empréstimo de livros literários corresponde apenas a 3% do quantitativo registrado, mostrando, assim, que os universitários da UFT têm mais costume de emprestar livros técnicos e científicos.

É importante ressaltar que esta realidade é previsível, pois, na universidade, o foco principal do aluno é a formação profissional, como foi mencionado no capítulo anterior. Contudo, nada impede que este tenha contato com este tipo de leitura, inclusive para desenvolver melhor sua leitura proficiente. Daí a importância da biblioteca surgir como

motivadora desta leitura, pois, como foi mencionado na página 73, ter uma boa motivação e oferecer um bom acervo para os alunos é fundamental para forma-los como leitores.

#### 4.2.3 Empréstimos de livros literários

Para que pudéssemos conhecer um pouco mais da realidade de empréstimos dos livros literários, foi realizado um levantamento dos livros mais emprestados referente aos anos de 2012 e 2017. Para facilitar a análise, foram selecionados, apenas, os livros que tiveram mais de cinco empréstimos nestes dois anos. Vejamos o resultado no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Livros literários mais emprestados nos anos de 2012 e de 2017.

2012		2017	
Quantidade de empréstimos	Títulos emprestados	Quantidade de empréstimos	Títulos emprestados
21	“Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago	22	“Vidas secas”, de Graciliano Ramos
20	“O segredo de Luísa”, de Fernando Dolabela	-	-
16	“Dom Casmurro”, de Machado de Assis	16	“A hora da estrela”, de Clarice Lispector
14	“Amor de perdição”, de Camilo Castelo Branco “Iracema”, de José de Alencar “Vidas secas”, de Graciliano Ramos	14	“Odisseia”, de Homero
13	“São Bernardo”, de Graciliano Ramos	13	“Cinquenta tons de cinza”, de E. L. James
11	“A hora da estrela”, de Clarice Lispector “Inocência”, de Alfredo d'Escagnolle Taunay	12	“O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo
8	“O primo Basílio”, de Eça de Queiroz “Os lusíadas”, de Luís de Camões	8	“A última música”, de Nicholas Sparks “Dom Casmurro”, de Machado de Assis “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, de J. K. Rowling “O crime do Padre Amaro”, de Eça de Queiroz “O menino do pijama listrado”, de John Boyne
7	“Eurico: o presbítero”, de Alexandre Herculano “Lucíola”, de José de Alencar	7	“Diário de uma paixão”, de Nicholas Sparks “Eneida”, de Públio Vergílio Marão “Senhora”, de José de Alencar
6	“Comer, rezar, amar :a busca de uma mulher por todas as coisas da vida na Itália, na Índia e na Indonésia”, de Elizabeth Gilbert “Contos fluminenses”, de Machado de Assis	6	“Madame Bovary”, de Gustave Flaubert “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis “O despertar”, de L. J. Smith “O símbolo perdido”, de Dan Brown



	<p>“Memórias póstumas de Brás Cuba”, de Machado de Assis</p> <p>“Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes”, de João Cabral de Melo Neto</p> <p>“O Código Da Vinci”, de Dan Brown</p> <p>“O Cortiço”, Aluísio de Azevedo</p> <p>“O quinze”, de Rachel de Queiroz</p>		<p>“Pium”, de Eli Brasiense</p> <p>“Traída”, de P. C. Cast</p>
5	<p>“Casa de pensão”, de Aluísio de Azevedo</p> <p>“Madame Bovary: costumes de província”, de Gustave Flaubert</p> <p>“O Diário de Anne Frank”, de Anne Frank</p> <p>“O Vendedor de sonhos: o chamado”, de Augusto Cury</p> <p>“Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen</p> <p>“Pertinho do coração selvagem: romance”, de Clarice Lispector</p> <p>“Triste fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto.</p>	5	<p>“A cabana” de William P. Young</p> <p>“Amor de perdição”, de Camilo Castelo Branco</p> <p>“De volta à cabana”, de C. Kruger</p> <p>“Eurico: o presbítero”, de Alexandre Herculano</p> <p>“Garota exemplar”, de Gillian Flynn</p> <p>“Harry Potter e a Ordem da Fênix”, de J. K. Rowling</p> <p>“Harry Potter e as Relíquias da Morte”, de J. K. Rowling</p> <p>“Macunaíma: o herói sem nenhum caráter”, de Mário de Andrade</p> <p>“O homem que calculava”, de Malba Tahan</p> <p>“O lado bom da vida”, de Matthew Quick</p> <p>“O Vendedor de sonhos: o chamado”, de Augusto Cury</p> <p>“Querido John”, de Nicholas Sparks</p>

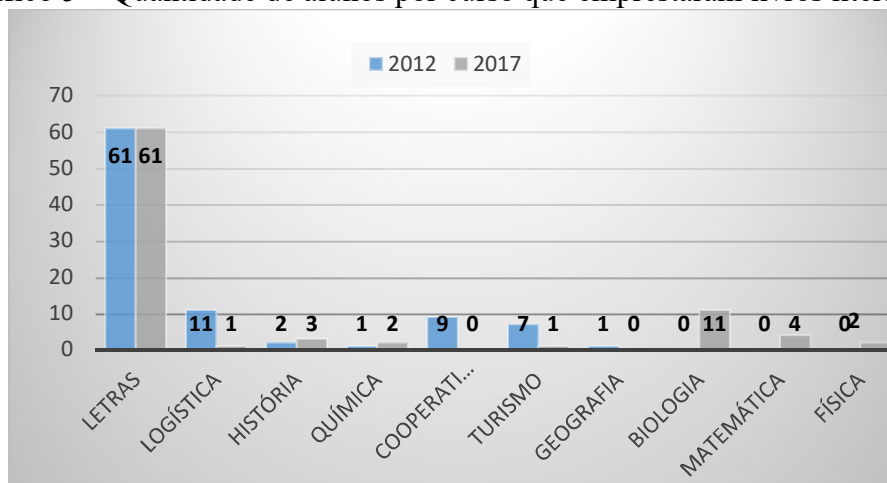
Fonte: “Adaptado de” SIE

Antes de mais nada, é importante citar que, além, dos livros relacionados no quadro 1, verificamos um número grande de títulos com registros entre 1 e 4 empréstimos, sendo, que houve no ano de 2012, 134 títulos e, em 2017, 147 títulos emprestados. Estes títulos não entraram no quadro para facilitar as análises. A lista completa está disponível no Apêndice B.

A partir da lista apresentada no quadro 1, foi possível analisar 3 pontos importantes: (1) Cursos que emprestam livros literários; (2) Relação empréstimo por turno; (3) Relação empréstimo por sexo; estes pontos nos ajudam a visualizar como o aluno da UFT relaciona-se com a leitura literária durante vida acadêmica. Vejamos cada um desses pontos a seguir.

No primeiro ponto, verificamos de quais cursos faziam parte os alunos que emprestavam livros literários. Ressaltamos que partimos da hipótese que os empréstimos deste tipo de livros era realizado apenas por alunos do curso de Letras. Vejamos o gráfico 5.

Gráfico 5 – Quantidade de alunos por curso que emprestaram livros literários.

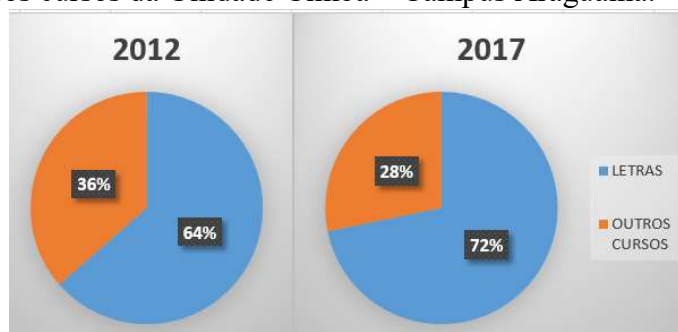


Fonte: Adaptado do SIE

A partir do gráfico 5, é possível notar que alunos de outros cursos, além daqueles do curso de Letras, também realizam empréstimos de livros literários, mesmo que a grande maioria seja do curso de Letras. Outro ponto interessante é o fato de todos os 10 cursos existentes na unidade Cimba tiveram pelo menos um registro de empréstimo neste intervalo pesquisado, sendo, em 2012, contabilizados 6 cursos e, em 2017, foram contabilizados 7 cursos com alunos que fizeram empréstimos de livros literários.

Os cursos de Letras, de Logística, de História, de Química e de Turismo foram os únicos cursos que tiveram alunos contabilizados nos dois anos; os cursos de Cooperativismo e de Geografia foram contabilizados apenas no ano de 2012; e os cursos de Biologia, de Matemática e de Física foram contabilizados apenas no ano de 2017. Assim, fica confirmado que alunos de outros cursos, também, costumam emprestar livros literários. Mesmo que ainda de forma tímida se comparado com o curso de letras, conforme podemos ver no gráfico 6 a seguir:

Gráfico 6 – Comparativo de empréstimos de livros literários entre o curso de letras e outros cursos da Unidade Cimba – Câmpus Araguaína.



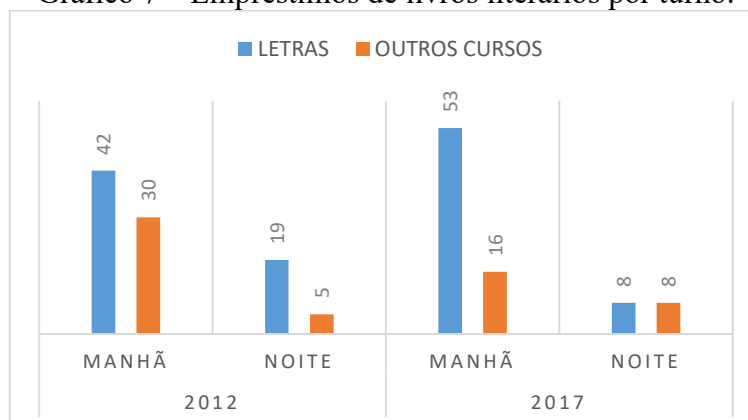
Fonte: Adaptado do SIE

Como era de se esperar, o curso de letras possui o maior número de empréstimos de livros literários. Nos dois anos, o curso de letras é responsável por mais da metade das retiradas dos livros literários, correspondendo a 61 empréstimos em cada ano, o que é interessante, pois, permaneceu igual nos dois anos. Infelizmente, não aconteceu o mesmo com os outros cursos, que, mesmo somados, correspondem a uma parcela pequena dos empréstimos, ainda diminuindo de 35 empréstimos, em 2012, para 24 empréstimos em 2017.

Enfim, ressaltamos que, mesmo com um número pequeno de empréstimos e diminuindo de um ano para outro, ainda existem alunos de outros cursos que se interessam pela leitura literária. Talvez, essa realidade ainda seja pequena, em virtude do maior interesse pelas leituras voltadas para a profissionalização, mas, também, pela falta de incentivos para que leiam leituras literárias.

Outro ponto analisado, a partir dos livros mais emprestados, foi o turno de estudo que os alunos estavam vinculados. Ressaltamos que os cursos da unidade Cimba só funcionam nos turnos matutino e noturno. Vejamos o resultado a partir do gráfico 7:

Gráfico 7 – Empréstimos de livros literários por turno.



Fonte: Adaptado do SIE

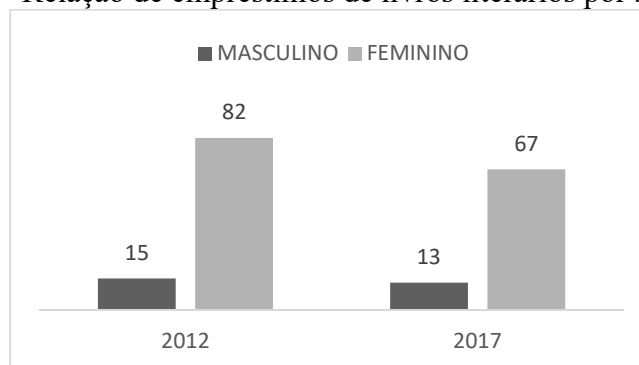
Com base nos dados apresentados no gráfico 7, verificamos que o maior número de empréstimos está entre alunos que estudam no horário da manhã, tanto do curso de letras, como dos demais cursos. Isso confirma a hipótese de que os alunos da noite costumam ter uma vida mais corrida, sendo que a maioria trabalha no período da manhã e da tarde, o que dificulta mais o contato com a leitura literária, dedicando-se mais aos livros relacionados ao seu curso.

Essa falta de contato com leituras literárias, por alunos da noite, pode ser justificada por dois motivos principais, sendo o primeiro, a falta de interesse em virtude

do cansaço de quem passa o dia trabalhando e à noite só encontra forças para estudar o que é prioritário; o segundo motivo pode estar relacionado à falta de tempo, devido ao pouco horário que sobra entre o trabalho, a faculdade e ainda a vida pessoal.

Por fim, o último ponto analisado, a partir do relatório de empréstimos de livros literários realizados na biblioteca, foi o referente ao sexo dos alunos que realizaram estes empréstimos. Vejamos os resultados apresentados no gráfico 8.

Gráfico 8 – Relação de empréstimos de livros literários por sexo.



Fonte: Adaptado do SIE

É claro que, no que refere-se aos alunos da UFT, o público feminino é o que mais lê livros literários, tanto no ano de 2012 quanto no ano de 2017; as mulheres foram as que mais emprestaram este tipo de livros. O público masculino representou apenas 15% e 16%, respectivamente, em 2012 e 2017, de alunos que emprestaram livros literários, sendo que a maioria deles são alunos do curso de letras, o que talvez influencie essa leitura em virtude do curso apenas. E, estão lendo por demanda acadêmica apenas.

Essas informações mostram que, no contexto da UFT, a Biblioteca Professor Severino Francisco possui boas possibilidades de se trabalhar o incentivo de leituras literárias na universidade, principalmente, utilizando seu próprio acervo literário para levar uma boa leitura para esses alunos, motivando para que sejam bons leitores. Mas, para que isso aconteça, é importante conhecer um pouco dos alunos e, a partir destas informações, estabelecer ações que ajudem nesta formação voltada para a leitura no âmbito da universidade.

### 4.3 Um certo leitor da UFT

Para oferecer ações que ajudem na formação de leitores, seja por meio da biblioteca, da escola ou da universidade, é necessário que se tenha uma visão daqueles

que serão os focos destas ações, ou seja, os leitores em potencial. Com base neste contexto, foi proposto no início da pesquisa a elaboração de um certo perfil dos alunos da UFT, podendo, assim, ter uma base de apoio para o desenvolvimento de atividades de letramento a partir da Biblioteca.

No que se refere ao perfil, este foi elaborado a partir da aplicação de questionários (Apêndice A), junto aos alunos de graduação dos diversos cursos da UFT, escolhidos de forma aleatória. O questionário era composto por dez perguntas direcionadas para saber sobre o relacionamento destes alunos com a leitura e com a biblioteca, permitindo, assim, a elaboração de um perfil simples do aluno da UFT Câmpus de Araguaína – unidade Cimba, que é o local onde se encontra a Biblioteca deste estudo.

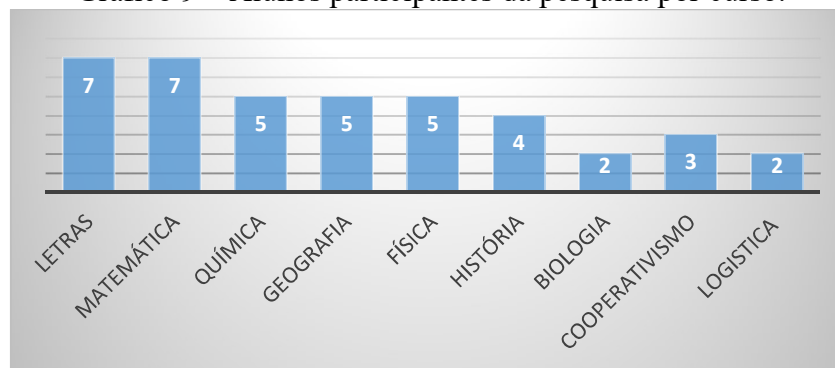
Para melhor compreensão, é importante saber que o questionário aplicado foi estruturado em três partes, com a intenção de realizar análises específicas, sendo elas: as questões 1 e 2 estão relacionados ao curso e à idade dos alunos pesquisados; as questões de 3 a 5 são voltadas para a relação entre aluno e leitura; e, por fim, as questões de 6 a 10 abordam o relacionamento dos alunos com a biblioteca.

#### 4.3.1 Idade e Curso

Os questionários foram aplicados à 40 alunos, este é um número pequeno se compararmos com o quantitativo atual de alunos que frequentam a universidade, contudo, em virtude de o tempo, para aplicação e tabulação ser muito pequeno, optamos por pesquisar uma amostragem pequena para estabelecer, mesmo que, de modo geral, algumas características dos alunos da UFT. Os alunos foram escolhidos de forma aleatória, sem nenhum critério pré-estabelecido, sendo registradas, após as tabulações, a participação de alunos de 9 cursos do Câmpus, como podemos observar no gráfico 5.

Levando em consideração as reflexões apresentadas no capítulo anterior, esta diversidade de cursos se torna importante, pois foi apresentado que diversos alunos chegam à universidade com pouco contato com a leitura, não importando o curso que ele faz parte. Assim, para que se possa pensar em um certo perfil que possa ser trabalhado para formação de leitores, é importante que sejam representados o máximo de cursos possíveis.

Gráfico 9 – Alunos participantes da pesquisa por curso.



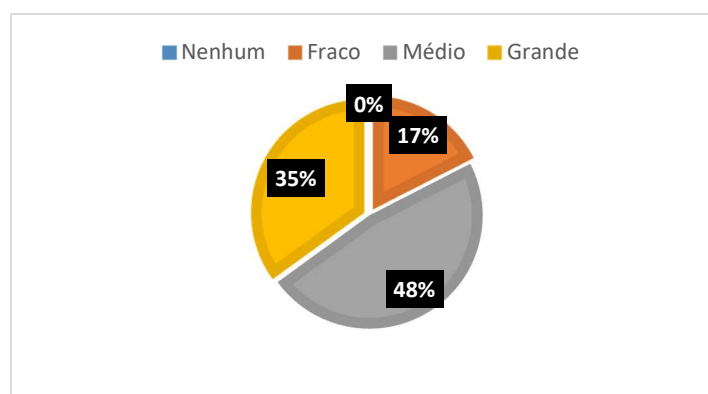
Fonte: autor

Entre os alunos que colaboraram com a pesquisa, verificamos que a maioria, 26 entrevistados, encontra-se em idade entre 20 e 29 anos, formando 65% dos entrevistados, seguido por 13 alunos entrevistados com menos de 20 anos que representam 32% e, apenas, 1 entre 30 e 39. Percebemos, então, que a grande maioria é composta por alunos jovens.

#### 4.3.2 Relação Aluno e Leitura

O primeiro ponto levantado está relacionado ao **interesse do aluno pela leitura**, sendo perguntado: em relação ao gosto pela leitura, podemos dizer que é? Tendo como opções: “nenhum”, “fraco”, “médio” e “grande”. Como resultado, 48% manifestaram um gosto “médio” pela leitura, seguidos de 14 (35%), com “grande” gosto, 7 pessoas (17%) disseram que tem um gosto “fraco”, no que se refere à leitura e nenhum disse que não tem interesse, conforme gráfico 6.

Gráfico 10 – Interesse pela Leitura.

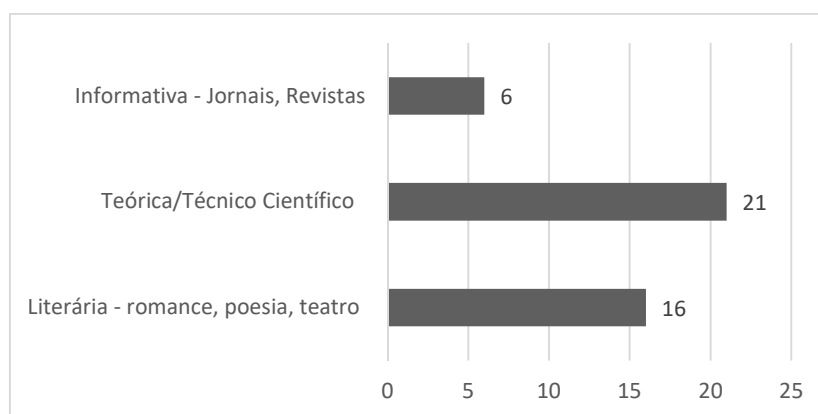


Fonte: autor

É importante notar que nenhum aluno manifestou falta de interesse pela leitura, mostrando que, de alguma forma, todos têm uma relação mínima, ainda que seja, com ela. Outro ponto relevante é que a maioria mostrou um interesse médio pela leitura, o que mostra que, ainda, existem algumas possibilidades de melhorar esta realidade.

Outro ponto perguntado na pesquisa aborda **o tipo de leitura realizada com mais frequência** pelos alunos, procurando conhecer que tipo de leitura os alunos costumam realizar com mais frequência. As opções de respostas foram: “Literária”, “Teórica/Técnico-Científico”. Os resultados estão apresentados no gráfico 7. É importante ressaltar que algumas pessoas escolheram mais de uma opção, por isso o fato de o número de respostas ser maior que 40.

Gráfico 11 – Tipo de Leitura realizada com mais frequência.

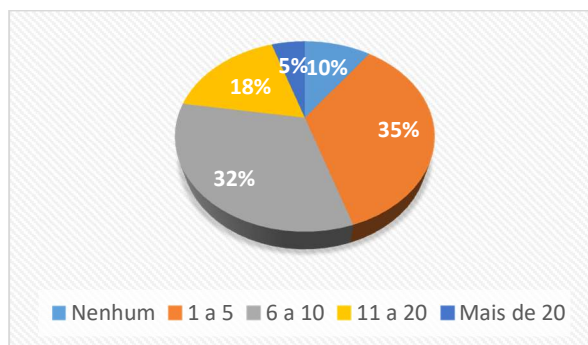


Fonte: autor

Como podemos perceber, assim como foi abordado no capítulo anterior, os alunos têm realizado mais leituras voltadas para o meio acadêmico, tendo a maioria respondido que leem com mais frequência livros teóricos e/ou técnico-científico. Contudo, não muito longe dos livros teóricos, temos as leituras literárias que, mesmo ficando em segundo lugar, têm um quantitativo bom de leitores.

A última questão relacionada à leitura procurou saber **quantos livros literários os alunos costumam ler durante o ano**. Foram apresentadas as seguintes opções de resposta: “nenhum”, de “1 a 5”, de “6 a 10”, de “11 a 20” e “mais de 20”. Todas as opções foram citadas, conforme demonstrado no gráfico 8.

Gráfico 12 – Quantidade de Livros Literários lidos por ano.



Fonte: Autor

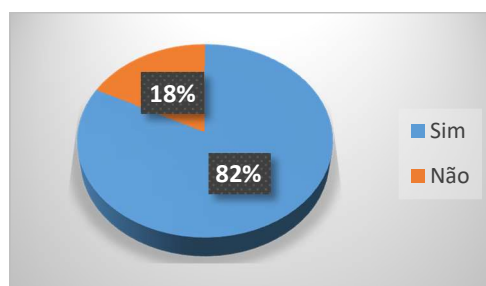
De forma geral, a pesquisa mostra que a maioria dos alunos costuma ler, aproximadamente, entre 1 e 10 livros, haja vista as duas opções terem sido escolhidas quase que pelo mesmo número de alunos, 14 e 13, respectivamente, somando 67% das respostas. Outro número considerável é o de alunos que afirmaram não ler nenhum livro durante o ano, representando 10% das respostas.

Percebemos, por meio destas respostas, que a maioria dos alunos diz ter costume de ler livros literários, mesmo que em pequena quantidade. Então, se, na questão anterior, a maioria disse ler mais livros teóricos, esses dados vêm confirmar que, mesmo assim, os alunos ainda têm um certo interesse por livros de literatura.

#### 4.3.3 Relação Aluno e Biblioteca

Passando para a terceira parte do questionário, seguimos as análises sobre a relação do aluno com a biblioteca. Foi perguntado aos alunos se **antes de entrar na universidade eles já tinham tido algum contato com uma biblioteca**, independentemente do tipo. Conforme mostrado no gráfico 9, verificamos que a maioria já tinha tido algum contato com alguma biblioteca.

Gráfico 13 – Contato dos alunos com biblioteca antes de entrar na universidade.



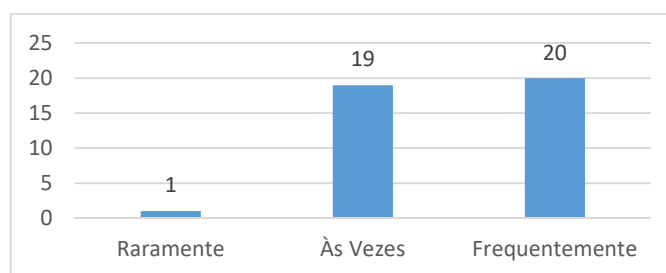
Fonte: Autor



É relevante notar que a maioria dos alunos, 33 entrevistados, entra na universidade com algum contato com as bibliotecas, pois assim a procura por estas, nessa fase de estudos, torna-se mais fácil, haja vista, provavelmente, o fato de o aluno saber o que pode encontrar nela. Contudo, não podemos deixar de observar o número de alunos, 7 entrevistados, que só teve o primeiro contato com uma biblioteca na universidade, o que não deixa de ser preocupante, ressaltando a importância de políticas públicas de leitura no ensino básico.

Na próxima pergunta, foi questionado sobre a **frequência com que este aluno costuma ir à biblioteca**. Buscando saber com que frequência os alunos costumam ir à biblioteca, tendo como opções de respostas: “frequentemente”, “às vezes” ou “raramente”. Vejamos o resultado no gráfico 10.

Gráfico 14 – Frequência dos alunos na biblioteca.

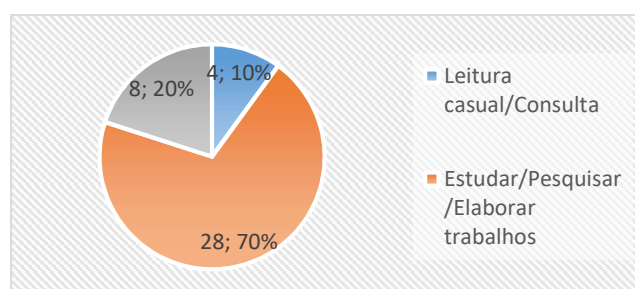


Fonte: autor

Conforme apresentado no gráfico 14, a quantidade de alunos que costuma frequentar, com mais assiduidade, é quase a mesma que da que costuma ir, mas com menor frequência. Apenas um dos alunos respondeu que vai raramente à biblioteca. Podemos dizer que a maioria dos alunos tem o hábito de ir à biblioteca.

A pergunta seguinte pode ser vista como um complemento da anterior, pois aborda a **utilização que os alunos fazem da biblioteca**. Foram apresentadas três opções, que podem ser consideradas, de forma geral, as principais atividades realizadas na biblioteca. Vejamos como foram as respostas no gráfico 11.

Gráfico 15 – Utilização da biblioteca.



Fonte: Autor

A resposta mais escolhida, com 70% das escolhas, mostra que os alunos vão mais à biblioteca com a intenção de estudar, de pesquisar ou de elaborar trabalhos acadêmicos; em seguida, representando 20% das respostas, apresenta o empréstimo e a devolução de livros como maior interesse dos alunos; por último, com 10%, temos a leitura casual ou consulta. Com base nestes resultados, podemos dizer que os alunos da UFT costumam ir à biblioteca, principalmente, para usar suas dependências para estudar e para realizar seus trabalhos acadêmicos. Devemos perceber que, em último lugar, está o uso da biblioteca apenas para leitura casual, que poderíamos considerar, entre outras, as leituras literárias, mostrando que ainda é preciso incentivar aos alunos a busca por este tipo de leitura na biblioteca.

Antes de apresentarmos os dados da próxima questão, é importante dizer que a pesquisa foi realizada em dois momentos, sendo que, no primeiro momento, a biblioteca ainda funcionava em um local improvisado, foram aplicados 20 questionários para alunos escolhidos de forma aleatória tanto dentro da biblioteca, como em outras dependências da universidade; no segundo momento, foram aplicados os outros 20 questionários já com a biblioteca funcionando no prédio construído para ela, com ambiente mais adequado para suas atividades, a aplicação dos questionários seguiu a mesma logística, alguns aplicados nas dependências da biblioteca e outros nas demais dependências da UFT.

A questão seguinte buscou saber se os alunos achavam a Biblioteca “Professor Severino Francisco” um bom local para leitura. Com a intenção de perceber qual a visão do aluno quanto ao espaço da biblioteca, de forma especial no seu papel de local para leitura. Ressaltando que a biblioteca, além de um espaço para guardar livros, deve ser um local onde o aluno se sinta à vontade para acessar essa informação e desenvolver sua leitura. Segue o resultado apresentado no gráfico 12.

Gráfico 16 – Biblioteca como bom lugar para leitura.



Fonte: Autor

A grande maioria dos alunos, 37 entrevistados, considera a biblioteca como um bom local para leitura, mesmo que uma boa parte deles tenham respondido que procuram a biblioteca mais para realizar pesquisas e trabalhos acadêmicos. Isso mostra que,

provavelmente, estes alunos estarão abertos para possíveis atividades de leitura que possam ser realizadas neste espaço.

Em relação aos 3 alunos que se posicionaram contra a biblioteca ser um local adequado para a leitura, todos estes fazem parte dos questionários aplicados antes da mudança da biblioteca, isto pode ter influenciado diretamente na resposta destes.

A última pergunta que tinha o objetivo de pesquisar o interesse dos alunos por **atividades de incentivo à leitura na biblioteca** recebeu 100% de respostas positivas, mostrando que todos os alunos, frequentadores regulares ou não da biblioteca, consideram importante a realização de projetos de leitura neste espaço.

#### 4.3.4 Perfil do Leitor

Após analisar os dados levantados a partir dos questionários aplicados junto aos alunos da UFT, podemos estabelecer um certo perfil básico deste aluno em relação a seu relacionamento com a leitura e com a biblioteca; apresentando um público em potencial para pensar ações de formação de leitura para ser realizada para eles. Vejamos os pontos levantados:

- **Idade:** a faixa etária é composta, principalmente, por alunos entre 20 e 30 anos;
- **Leitura:** são alunos que mostram interesse mediano pela leitura, mas com um número considerável de pessoas com interesse grande; a maioria costuma ler mais livros teóricos e técnico-científicos; no que se refere a livros literários, a quantidade lida por ano costuma ser entre 1 e 10 livros.
- **Biblioteca:** verificamos que a maioria já tinha tido contato com bibliotecas antes de entrarem na universidade. Quanto à sua frequência de uso, na biblioteca, fica entre razoável e constantemente, fazendo-o, principalmente, para estudar, para pesquisar ou para elaborar trabalhos acadêmicos. Quase todos consideram a biblioteca um bom espaço para leitura. Por fim, todos consideram importante a realização de ações na biblioteca que incentivem a leitura.

#### 4.4 Ações de Incentivo à Leitura na Biblioteca Professor Severino Francisco

Antes de apresentarmos algumas atividades desenvolvidas pela biblioteca voltadas para a leitura, é importante saber que, assim como as bibliotecas universitárias,

existem outros tipos de bibliotecas, que são classificadas de acordo com o público que atende, e com suas funções e com as atividades desenvolvidas.

Temos como exemplos as bibliotecas escolares, que são direcionadas para os alunos da escola; temos também as bibliotecas públicas, que procuram atender os usuários de um estado ou de uma cidade; outro tipo de biblioteca é a Biblioteca Nacional que tem como principal função resguardar toda a produção do país. Para cada biblioteca, existem diretrizes que são estabelecidas para melhor atender o público a que é destinada.

No caso das bibliotecas universitárias, as suas funções e as atividades estão relacionadas a atender a comunidade acadêmica em geral, oferecendo suporte informacional para o bom desenvolvimento dos cursos presentes na instituição.

Desta forma, as bibliotecas universitárias têm suas funções principais influenciadas pelas diretrizes dadas pelo INEP, órgão este que determina os parâmetros para avaliações dos cursos existentes nas universidades. Essas diretrizes, de acordo com Brasil (2002), referem-se aos seguintes indicadores: “espaço físico”, “acervo” e “serviços”. Contudo, em nenhum desses indicadores são abordados projetos ou ações de incentivo à leitura.

Essas diretrizes impactam diretamente no trabalho das bibliotecas universitárias, pois, periodicamente, o MEC avalia os cursos da universidade, e as bibliotecas devem direcionar seus esforços para poder atender todas as exigências relacionadas aos indicadores apresentados anteriormente. Isso demanda da biblioteca muito tempo e trabalho, principalmente no que se relaciona ao acervo que deve estar sempre atualizado e cadastrado em conformidade com o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de cada curso da instituição, sem contar as adequações com espaço, mobiliário e serviços como empréstimos, renovações e devoluções, conforme as exigências do instrumento do INEP.

Com base no contexto apresentado, é comum a maioria das bibliotecas se ocupar das diretrizes determinadas pelo INEP e acabam tendo pouco tempo e oportunidades de direcionar sua atenção para eventos que fomentem a leitura literária. Apesar disso, felizmente, muitas bibliotecas ainda buscam, em meio a catalogações e a classificações, proporcionar oportunidades que tragam o acadêmico para mais perto da leitura.

Assim, também acontece com a Biblioteca Professor Francisco Severino; como foi descrito no tópico anterior, ela teve muitas dificuldades em organizar seu acervo no seu surgimento e, com o passar do tempo, o trabalho com acervo se manteve presente, com a constante chegada de livros para atender, principalmente, as demandas dos cursos, conforme as exigências do MEC, além de diversas organizações administrativas que

estabeleceram rotinas e procedimentos que atendessem as diretrizes dos instrumentos de avaliação do INEP.

Entretanto, mesmo que, de forma tímida, a Biblioteca “Professor Severino Francisco” procurou realizar algumas ações que valorizassem e incentivassem nos alunos o interesse pela leitura. No início, como já foi mencionado, o primeiro projeto de incentivo à leitura foi realizado com alunos da rede municipal de ensino, sendo uma forma de a biblioteca colaborar com a comunidade.

Depois disso, a biblioteca, ou por iniciativa própria ou em conjunto com o SISBIB, passou a desenvolver outras atividades que fomentassem o interesse pela leitura e levassem os acadêmicos a buscar mais o contato com os livros literários, principalmente. Veremos algumas dessas ações, dos projetos e das atividades que foram realizadas, no decorrer destes anos na biblioteca da UFT de Araguaína Unidade Cimba, analisando sua relação com a contribuição na formação de leitores.

#### 4.4.1 Projeto “O que você quer Ler?”

Como já foi mencionado no capítulo anterior, para que o leitor crie laços com a leitura, um dos passos necessários é oferecer a ele a oportunidade de escolher leituras que lhe sejam agradáveis e chamem a sua atenção, para que, a partir desta experiência, ele comece a se abrir para novas leituras, chegando, inclusive, à leitura de clássicos da literatura.

Seguindo este pensamento, o SISBIB lançou, em outubro de 2010, o projeto Indique um livro, tendo como tema “O que você quer ler? Indique um livro para nossa biblioteca”. Este projeto foi lançado para todas as bibliotecas do sistema, com o intuito de permitir que os alunos da instituição, também, participassem do processo de composição do acervo das bibliotecas da universidade, até então exclusivo das indicações dos professores como nos é apresentado no Relatório do SISBIB de 2012:

Sendo que a aquisição do acervo bibliográfico dos cursos deve ser indicação dos professores, que compõem as bibliografias básicas e complementares dos cursos em conformidade com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Este projeto destaca a importância da participação da comunidade acadêmica, principalmente os alunos, na solicitação de alguns títulos que julgassem importantes para complementar a parte didática ou mesmo títulos de literatura que gostariam de ler e indicar aos amigos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2002, p. 13)

Este projeto deu oportunidade para que muitos alunos pudessem solicitar livros que atendessem a seus desejos relacionados à leitura. Como foi mencionado, eles

poderiam pedir livros técnico-científicos, mas também poderiam pedir livros literários, o que poucas vezes eram pedidos pelos professores, haja vista que suas solicitações precisam atender os PPC de seus cursos. Quando em algum momento eram solicitadas literaturas, era para atender as disciplinas do curso de Letras.

Na biblioteca “Professor Severino Francisco”, foram disponibilizados para os alunos, em espaço identificado com informações sobre o projeto, formulários para serem preenchidos com suas indicações. Em seguida, foram elaboradas, pela biblioteca, listas com as sugestões dos alunos e enviadas para a coordenação do SISBIB, que providenciou a compra dos itens.

Por meio deste projeto, foram comprados 49 títulos, somando 52 exemplares, sendo investidos um total de R\$ 2.663,62. Sendo que destes livros a maioria foram indicações de livros literários, como: “*Madame Bovary*”, de Gustave Flaubert; “*Os miseráveis*”, de Victor Hugo; “*Memórias de minhas putas tristes*”, de Gabriel García Márquez; “*A menina que roubava livros*”, de Markus Zusak; entre outros. É importante ressaltar que o livro “*Madame Bovary*”, comprado neste projeto, aparece na lista de mais emprestados nos dois anos apresentados nas páginas 101 e 102.

É importante lembrar que estas indicações foram feitas por alunos, mostrando que possuem interesse por leituras diferentes das científicas, tendo, assim, a oportunidade de ler livros literários de seu interesse, oferecidos pela biblioteca. Ressaltamos que muitos alunos, algumas vezes ou na maioria das vezes, deixam de ler justamente por não ter condições financeiras para comprar os livros literários que os interessam. Desta forma, este projeto foi muito importante para que alunos tivessem mais acesso à leitura literária por meio da biblioteca.

#### 4.4.2 Semana do Livro e das Bibliotecas

Esperar, sem nenhuma ação específica, que o aluno pratique de forma autônoma a atividade da leitura, especialmente de livros literários, é algo desafiador, pois nem todos têm esta iniciativa e/ou o gosto estético. Torna-se, então, imprescindível a realização de eventos que tenham ações e/ou atividades voltadas para leitura; é uma forma de oferecer ao leitor novas chances de contato com livros e, assim, aumentar mais o seu relacionamento com a leitura.

Pensando nesta realidade, no ano de 2010, a equipe de bibliotecários do câmpus de Araguaína planejou e colocou em prática a “I Semana da Biblioteca e dia do Livro”,

realizada entre os dias 25 e 29 de outubro. Esse período foi escolhido devido ao fato de o dia 29 de outubro ser comemorado o dia nacional do livro. Além de comemorar o dia do livro, o evento objetivou, também, mostrar à comunidade acadêmica a importância da preservação de livros e da leitura, e ainda mostrar a produção cultural na universidade. Uma forma de fazer com que a biblioteca interagisse mais com todos da universidade. Na figura 4, podemos observar algumas imagens deste evento.

Figura 4 – Momentos da I Semana da Biblioteca e dia do Livro.



Fonte: Acervo Biblioteca “Professor Severino Francisco” 2010

O evento contou com diversas atividades envolvendo docentes, discentes e técnicos-administrativos da UFT; contou, também, com a participação de professores da rede pública que trabalhavam em bibliotecas, fazendo uma interação entre a biblioteca universitária e a comunidade.

A primeira edição da “Semana da Biblioteca e dia do Livro” teve tão boa aceitação que foi inserida nas atividades gerais do SISBIB, passando a ser realizada em todas as bibliotecas do sistema. Ao se tornar um evento geral para todas as bibliotecas da UFT, foi decidido mudar o nome do evento passando a ser “Semana do Livro e das Bibliotecas da UFT”, sendo considerado como um evento de extensão no âmbito da universidade.

Assim, até o ano de 2018, foram realizadas em toda a UFT três edições da Semana, cada versão com uma temática diferente, com o objetivo de chamar a atenção para uma realidade relacionada com as bibliotecas, conforme a escolha dos bibliotecários que compõem a equipe do SISBIB.

A primeira edição ocorreu no ano de 2013, no período de 04 a 08 de novembro, com o tema “Preservar para não faltar”, em que se trabalhou a conscientização com a preservação do acervo. Na figura 5, é apresentado o cartaz deste evento.

Figura 5 – Cartaz da I Semana do Livro e da Biblioteca da UFT.



Fonte: Acervo SISBIB 2013

Como podemos dimensionar, a partir do cartaz desta edição, a semana procurou, além de motivar a leitura, conscientizar sobre o cuidado com os livros do acervo. Esta temática se deu em virtude do registro de vários livros danificados no acervo das bibliotecas, a maioria deles, por falta de cuidados dos alunos na hora do manuseio.

Em virtude de algumas programações que impossibilitam o registro de participantes, como as exposições e os espaços de leitura, não é possível precisarmos o número de participantes do evento. Contudo, foram registrados nesta edição pelo menos 83 participantes, entre alunos, professores, técnicos-administrativos e público externo, que participaram das 3 oficinas, duas de normalização e uma de pesquisa na internet, ministradas durante o evento.

Já no ano seguinte, no período de 03 a 05 de dezembro, aconteceu a 2ª Semana do Livro e das Bibliotecas da UFT, naquele ano com o tema “Quem furta livros, furta oportunidades”, conforme cartaz apresentado na figura 6.



Figura 6 – Cartaz II Semana do Livro e das Bibliotecas da UFT.



Fonte: Acervo SISBIB 2014

Essa temática se preocupou com a segurança do acervo, convidando a comunidade acadêmica para juntos combater o sumiço de livros do acervo. Com base nos relatórios e nos inventários realizados pelas bibliotecas, percebeu-se um aumento na quantidade de livros extraviados nas bibliotecas, despertando, assim, a necessidade para uma campanha de conscientização relacionada à segurança do acervo.

Neste ano, o objetivo do evento, como sempre focou no incentivo à leitura, focou também na conscientização de que os livros, como patrimônio de todos, não podem ser desviados da biblioteca, pois prejudicará todos os usuários; também, foi incentivado a devolução de livros que foram extraviados do acervo.

Assim, como a edição anterior, não se tem um registro total de participantes, contudo, foram registradas 34 participantes na palestra de abertura e 29 na oficina de normalização que foi ministrada.

Em virtude de diversos fatores que impossibilitaram a organização e a realização de uma nova versão do evento, apenas, no ano de 2018, foi possível realizar a 3ª edição da semana.

O tema desta edição foi “Bibliotec: tecnologia na Biblioteca”, que fomentou reflexões sobre a utilização das novas tecnologias no âmbito das bibliotecas. O tema foi escolhido devido à realidade da tecnologia digital, que cada dia mais toma conta das atividades cotidianas. De forma particular, a biblioteca não está fora desta realidade, principalmente no que diz respeito ao fato de estar sempre buscando disponibilizar serviços *online* para seus usuários, como é o caso da *homepage* do SISBIB. Segue figura 7 apresentando o cartaz desta edição.

Figura 7 – Cartaz da III Semana do Livro e das Bibliotecas da UFT.



Fonte: acervo do SISBIB 2018

Ressaltamos que, além do incentivo à leitura, como é comum em todas as edições do evento, o foco desta semana estava voltado para apresentar as tecnologias utilizadas pela biblioteca para melhor atender seus usuários, incentivando e ensinando a utilizar alguns serviços pouco acessados.

Apesar de cada edição ter uma temática específica, com diversas atividades, como palestras, oficinas e outras, ligadas ao tema proposto, sempre são realizadas atividades que contemplam o incentivo à leitura, que é o que nos interessa neste trabalho. Vejamos algumas atividades realizadas nas edições da “Semana do Livro e das Bibliotecas da UFT”, na Biblioteca Professor Severino Francisco, ressaltando que à maioria das atividades apresentadas estiveram presentes em todas ou quase todas edições. Segue a descrição das atividades:

- **Varal Literário:** foram expostos em um varal na biblioteca, textos produzidos por alunos, por professores e por técnicos-administrativos, junto com textos de autores consagrados. Foi uma oportunidade de incentivar a produção de textos literários, bem como motivar a leitura de produções literárias acadêmicas;
- **Tenda de leitura:** espaço montado no pátio em frente ao prédio da direção, para realização de dinâmicas de leituras, em parceria com professores. Sob a responsabilidade das professoras Hilda Gomes e Eliane Testa, foram realizadas dinâmicas que proporcionaram um maior contato dos alunos com contos, com poesias e com outros textos literários. Na tenda, foi montado o varal literário, além de lançamento de livro e realização de um sarau literário;

- **Feira do Escambo:** essa atividade proporcionou a oportunidade de troca de livros, podendo o interessado levar um livro que já tinha lido e trocar com outra pessoa por outro livro. Assim, além de fazer circular os livros já lidos que costumam ficar parados em casa, também, foi uma forma de motivar as pessoas para fazerem novas leituras. É importante ressaltar que esta é uma atividade muito esperada e requisitada pela comunidade acadêmica;
- **Espaço literário:** em um espaço da biblioteca, foram colocados poltronas e alguns livros literários, para que os leitores pudessem, ao passar pelo local, parar e realizar uma leitura, mesmo que breve;
- **Livro aventureiro: pegue, leia e repasse!** Foram espalhados, por diversos locais da universidade, livros literários com um bilhete informando que ele era para leitura e depois deveria ser repassado para outros leitores.

Essas atividades foram realizadas com o intuito de fomentar o interesse e a busca por leituras literárias. Ressaltamos que todas as atividades realizadas nas semanas são muito importantes, inclusive as palestras que foram realizadas, sendo oportunidades de aproximar os usuários da biblioteca, bem como de alertar para assuntos fundamentais para o uso daquela. Contudo, para esta pesquisa, foi dado destaque para as atividades que envolvessem diretamente a leitura.

#### 4.2.3 Rodas de conversa: falando sobre leitura

No ano de 2018, na III Semana do Livro e das Bibliotecas da UFT, a biblioteca “Professor Severino Francisco” realizou duas atividades que destacaram bem a formação de leitores. Por isso, será apresentado, em um tópico diferente, devido à relevância para esta pesquisa. Essas ações foram as rodas de conversa, sendo uma voltada para professores da rede pública que trabalham em bibliotecas e outra para os alunos dos diversos cursos da UFT câmpus de Araguaína.

Foram realizadas duas rodas de conversa, “Falando sobre Leitura” e “Além da Leitura”, distintas em horários e com públicos diferentes, porém com a mesma temática voltada para a leitura. Pessoas com repertório em leitura foram convidados para falar sobre suas experiências com outras pessoas interessadas neste tema. Vejamos como aconteceu cada uma dessas rodas.

A roda de conversa “Falando de leitura” teve como público-alvo os professores da rede pública de ensino, inclusive alguns ex-alunos da universidade, que estão lotados nas bibliotecas das escolas que trabalham. Também estiveram presente alguns alunos da graduação do curso de letras da UFT, totalizando 30 participantes.

Como podemos observar, no Relatório III SEMANA (2018), foi descrito que este evento se deu a partir de três exposições orais de uma doutoranda e dois mestrandos, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT; todos os três professores da rede pública estadual de ensino, pesquisadores de leitura. Os temas apresentados foram:

- Bibliotecas escolares e leitura – Doutoranda Núbia Régia;
- Leitura e transformação social na escola – Mestranda Edileuza Batista;
- Leitura e poesia nas escolas – Mestrando Leomar Alves

Cada um dos convidados falou um pouco dos temas propostos, falando de realidades tanto de suas experiências em sala de aula, bem como das experiências construídas em suas pesquisas. Em seguida, foi dada a palavra para os participantes, passando a ter um momento livre de conversa, com diversas trocas de experiências e aprendizado relacionado à leitura nas escolas em que trabalham. Na figura 8, podemos observar alguns momentos do evento, registrados por meio de fotografias:

Figura 8 – Momentos da Roda de Conversa “Falando de Leitura”.



Fonte: Acervo do autor

A segunda roda de conversa foi direcionada aos acadêmicos da universidade, sendo convidados alunos de todos os cursos, apesar de a presença ter sido, principalmente, de alunos do curso de letras. O tema desta roda foi “Além da leitura”, relacionado ao projeto que motivou esse momento. Pois, como foi abordado no decorrer deste trabalho, para que se forme leitores literários, é muito importante que as pessoas que já tenham

repertório com a leitura possam dar exemplos e, assim, motivar outros possíveis leitores. Daí surge a ideia de apresentar um projeto de leitores literários para outros alunos.

É importante ressaltar que o projeto “Além da Leitura” foi um projeto de extensão coordenado pelos professores Dra. Eliane Cristina Testa e Dr. João de Deus Leite, junto com um grupo de alunos que se propuseram a realizar leituras de livros literários em conjunto e trocar suas percepções acerca dos livros lidos. Em alguns momentos, eram convidados pessoas para debater sobre algum livro específico, inclusive em escolas estaduais, onde os membros do grupo algumas vezes levavam o projeto para ser apresentado. No decorrer do projeto foi elaborado um blog, em que os alunos partilhavam um pouco de suas reflexões durante o projeto. Por fim, no mês de agosto de 2019, foi lançado o livro “Além da leitura: cartografias de leitura e escrita”, organizado pelos professores que coordenaram o projeto.

A roda “Além da Leitura” contou com dois momentos, tendo início com uma palestra da professora Dra. Valéria Medeiros, falando sobre a história da biblioteca no Brasil, mostrando a importância das bibliotecas e da leitura na formação cultural de nosso país. Após a fala da professora, teve início o segundo momento, com a participação dos alunos do projeto “Além da Leitura”. Podemos ver, na figura 9, algumas imagens deste momento.

Figura 9 – Momentos da Roda de Conversa “Além da Leitura”.



Fonte: Acervo do autor

Seis alunos levaram seis obras literárias de que eles gostaram mais durante a leitura no decorrer do projeto. Cada aluno fez uma pequena exposição sobre a obra lida, seguido de suas considerações, despertando, no público presente, diversas reações como

interesse em ler a obra apresentada, bem como concordância ou discordância dos comentários daqueles que já haviam lido os livros citados.

É interessante mostrar que foram abordados livros diversos, passando por leituras regionais, nacionais e internacionais, algumas atuais outras clássicas. Vejamos, no quadro 2, as obras literárias apresentadas na roda de conversa e os nomes dos alunos que as abordaram.

Quadro 2 – Obras apresentadas na Roda de Conversa “Além da Leitura”.

<b>Obra literária</b>	<b>Aluno</b>
"Dom Casmuro", de Machado de Assis.	Felipe Maranhão
"A morte do bordado", de J.J. Lenardo.	Débora Carvalho
"O conto da ilha desconhecida", de José Saramago.	Jherllison Monteiro
"O extraordinário", de R. J. Palacio.	Thais Helena Oliveira
"O menino de pijama listrado", de John Boyne.	Andressa Carvalho
"O Cortiço", de Aluísio Azevedo.	Andreia Leodoro

Fonte: "Adaptado de" III SEMANA (2018, p. 2)

Foi importante a grande aceitação dos alunos nesta roda de conversa, sendo contabilizados a presença de 43 participantes, pois a intenção era despertar o interesse deles pela leitura literária a partir das experiências de outros alunos. Além de mostrar que é possível ler literaturas na universidade mesmo tendo outras leituras teóricas e técnicas para se realizar no decorrer de sua formação.

Por fim, tanto as rodas de conversa, como o projeto "O que você quer ler?" e a Semana do Livro e das Bibliotecas da UFT, são representações de práticas exitosas realizadas na Biblioteca Professor Severino Francisco que colaboram com a formação de leitores na universidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É consenso, nas políticas públicas e na literatura da área da educação, que a leitura é fundamental para todos, constituindo um direito de todos os cidadãos. Neste contexto, as bibliotecas apresentam-se como grandes aliadas neste processo de evolução e de perpetuação da leitura na história. De forma particular, no meio acadêmico, leitura e biblioteca apresentam-se como importantes aliadas no processo de desenvolvimento de leitores literários, desenvolvendo assim habilidades importantes para seu desenvolvimento crítico e de mundo.

Desta forma, este trabalho buscou analisar a relevância das ações realizadas pela biblioteca Professor Severino Francisco, como incentivadora do interesse pela leitura literária no meio acadêmico. Para chegarmos ao resultado final, foi necessário conhecer um pouco da história das bibliotecas e da leitura, levantar dados bibliográficos sobre a leitura literária para a formação crítica do aluno, analisou relatórios e questionários aplicados aos alunos da UFT; eis os passos realizados neste processo de pesquisa.

Cada etapa contribui para que fosse confirmada o pressuposto apresentado no início da pesquisa, de que os alunos que chegam ao ensino universitário apresentam dificuldades com a leitura, sendo que a leitura literária pode ser utilizada para contribuir com a melhoria dessa leitura, colaborando, também, com o desenvolvimento crítico do aluno. Para que este processo aconteça, a biblioteca universitária pode contribuir bastante no incentivo à leitura entre os diversos alunos universitários, dos diversos cursos acadêmicos.

Conhecer um pouco da história da leitura e da biblioteca permitiu saber que elas caminharam juntas no tempo, enfrentando barreiras físicas e paradigmáticas no processo de transmissão do conhecimento. Como guardiã dos suportes da escrita, como as tábuas, os papiros e os livros, a biblioteca contribuiu para que a leitura fosse resguardada.

A história das bibliotecas e da leitura serve para que tenhamos a visão de que o acesso à informação nem sempre foi fácil e democrático. No período atual (contemporâneo) à pesquisa, os limites são sociais. Ao longo da história, a leitura já foi considerada algo restrito, algo pecaminoso, algo valioso, algo tenebroso e com outras características que foram dadas conforme o tempo e o momento vivido. De acordo com cada momento, a biblioteca comportou-se da forma que fora exigida e/ou permitida pelo contexto e como consequência fez que o contato das pessoas com a leitura sofresse adaptações

Foi possível, então, ver que, na Antiguidade Clássica, as bibliotecas surgiram e desenvolveram-se, guardando e organizando os materiais utilizados para registrar a escrita e servindo à leitura e à memória. Estas bibliotecas foram fundamentais para resguardar a memória e os conhecimentos do mundo antigo, sendo, inclusive, sinônimo de poder e cobiça, como foi apresentado nas bibliotecas de Alexandria e Pérgamo, que tinham como maior objetivo serem detentoras da maior quantidade de conhecimento do mundo, representado em livros e outros suportes.

Na Idade Média, podemos ver as bibliotecas sob o poder da igreja, o que refletiu diretamente no processo de leitura, pois assim como as bibliotecas eram controladas e de acesso restrito, também, a leitura passou por momentos de censura e de restrições. Poucos tinham acesso aos livros, fosse pela falta de privilégios sociais, fosse simplesmente pelo fato de saberem ler, o que era comum, pois a leitura era considerada algo impróprio. Essa realidade mudará com o surgimento da universidade; com ela nasce outro contexto para as bibliotecas e para a leitura, que deixam de ser aprisionadas e censuradas, passando a servir ao desenvolvimento do conhecimento, que é secularizado, chegando a mais pessoas e cada vez de forma mais eficaz.

No século XX, o livro passa por uma evolução importante, seguindo o desenvolvimento tecnológico e o surgimento da internet. Surge também uma nova forma de leitura, os livros passam a ser virtuais, permitindo uma facilidade maior para os leitores. A tecnologia permitiu que a leitura passasse a ser realizada com mais facilidade a qualquer momento e lugar, conforme o desejo e a necessidade do leitor. Livros enormes e de difícil manuseio passaram para as telas de celulares e aparelhos de leitura, dando inclusive aos leitores outras possibilidades de interação a partir do hipertexto. Esta nova forma de leitura, afetada pela tecnologia digital, também impactaram nas funções exercidas pelas bibliotecas, que tiveram que se adaptar para continuar atendendo de forma eficaz seus usuários.

Entre as mudanças ocorridas nas funções das bibliotecas, pudemos identificar uma em especial: a social. A biblioteca passou a ter papel importante não apenas na disponibilização de livros para os leitores, mas passou a ter responsabilidade na formação de leitores. Para isso, a biblioteca precisou e ainda precisa se atualizar e adaptar buscando possibilidades de oferecer ao seu usuário possibilidades para desenvolver o gosto pela leitura. Uma dessas possibilidades é a utilização da leitura literária.

Um ponto importante levantado no trabalho, a partir da leitura literária, foi a relevância e a necessidade da literatura para humanidade, mesmo que digam que ela esteja em iminência de desaparecer com o surgimento do suporte digital. Ao contrário, a



literatura permanece viva, talvez passando por algumas “mutações” para se adequar a realidade social do momento, mas permanece presente, fazendo com que pessoas continuem acessando os saberes, questionando a realidade e se posicionando a partir do que foi aprendido por meio da literatura.

Observamos que a leitura literária é uma ferramenta fundamental para contribuir no desenvolvimento de leitores críticos, que vão além da decodificação, assumindo o papel de leitor proficiente, desenvolvendo a capacidade de utilizar o que leu para a resolução de seus problemas e seu desenvolvimento intelectual.

Na universidade, ser um leitor proficiente é fundamental, pois a quantidade de leituras apresentadas para os alunos é grande e exigem máximo de compreensão e de sistematização para sua formação profissional. Infelizmente, como foi apresentado no decorrer do trabalho, é necessário que esse aluno universitário, na maioria das vezes, desenvolva este leitor proficiente sozinho, pois tem muita dificuldade em interpretar o que lhe é exigido pelos professores.

Oferecer oportunidades para que os acadêmicos reatem o contato com a leitura literária permitirá que sua habilidade proficiente se desenvolva, por isso é importante que sejam realizadas ações que facilitem esse processo. Questionar-se o porquê de os alunos não terem facilidade com a leitura no ensino superior não é o mais importante. Neste momento, é fundamental que se busquem estratégias para reverter a falta dessas habilidades leitoras antes do ingresso na universidade.

Colaborando para que essa leitura literária seja oportunizada aos acadêmicos, temos como grande parceira as bibliotecas universitárias, que, além de suas atividades rotineiras, como classificação, catalogação, desenvolvimento de acervo e outros, também possui a responsabilidade de colaborar com a formação de leitores literários, seja disponibilizando livros literários para os alunos, seja realizando ações de incentivo à leitura desses livros e demais textos literários.

Ainda foi possível constatar que as bibliotecas universitárias, em particular a pesquisada neste trabalho, atendem outros públicos externos, da comunidade de Araguaína e municípios circunvizinhos, que muitas vezes não possuem outra oportunidade de acesso às leituras literárias. Assim, é importante que a biblioteca, também, volte suas ações de incentivo à leitura para este público. Levar oportunidades de acesso à leitura ao público externo da UFT pode ser uma forma, inclusive, de fazer com que os futuros universitários cheguem ao ensino superior, como leitores proficientes ou menos dificuldades

Abordamos, no trabalho, como as políticas públicas de leitura contribuem com melhorias para a população em geral, mas que impactam diretamente na educação. Desde os anos 90 foram criadas 4 importantes políticas públicas voltadas para leitura, sendo a principal dela a que ficou conhecida como “Lei Castilho<sup>6</sup>”, que é resultado de todos os decretos anteriores. Os decretos e a lei voltadas para leitura abordam a leitura, a escrita e as bibliotecas, com o intuito de levar à população mais possibilidades de acesso a esse tripé educacional.

Contudo, é preocupante que, das quatro principais políticas públicas voltadas para leitura no país, não se faz nenhum tipo de menção ao ensino superior. Isso reflete o desinteresse na formação de leitores no ensino superior, talvez pelo fato de esperar-se que no decorrer da vida escolar o aluno desenvolva as suas habilidades leitoras.

Apresentamos um pouco da história da UFT câmpus de Araguaína – Unidade Cimba e da Biblioteca Professor Severino Francisco, permitindo que seja conhecido legado e contribuições de ambas para a cidade de Araguaína e regiões próximas, além de mostrar como se estruturaram para atender seu público.

A Biblioteca Professor Severino Francisco, objeto de nossa pesquisa, é uma ferramenta fundamental para o ensino universitário na UFT, por ser responsável em oferecer o suporte informacional para toda comunidade acadêmica, representada por alunos, por professores e por técnicos-administrativos.

O trabalho, também, permitiu perceber que a referida biblioteca é de grande relevância para toda comunidade de Araguaína, e não apenas aqueles que estão vinculados à universidade. Essa biblioteca, por ter um acervo diversificado e atualizado, e pela UFT ser uma instituição pública e de nome na cidade, faz com que diversas pessoas a busquem para realizar suas pesquisas, já que a biblioteca municipal não consegue atender toda a demanda informacional (ponto para outra discussão, em outro momento).

É necessário ressaltar que, por ser uma biblioteca universitária, sua atenção volta-se, principalmente, para atender as demandas acadêmicas, especialmente aquelas determinadas pelo MEC. Contudo, com a realidade da cidade e das regiões próximas, é primordial que essa biblioteca, também, direcione sua atenção para este outro público. O que já vem acontecendo aos poucos, especialmente pelo fato de a biblioteca ser aberta para que esse público pesquise, tranquilamente, e, também, quando são realizadas programações de extensão. Isso, porém, não é o suficiente ainda, outras ações para atender

---

<sup>6</sup> É significativo ressaltar que quase um ano após a criação da lei, o conselho consultivo do PNLL foi extinto, demonstrando uma falta de preocupação com a leitura, levantando preocupações com o futuro da leitura no país.

melhor a comunidade externa ainda precisam ser pensadas e ser executadas. Biblioteca, juntamente com demais comunidade acadêmica podem pensar em dias temáticos que levem a leitura para escolas e/ou espaços públicos da cidade; convidar alunos dos mais diversos níveis escolares para conhecerem e utilizarem a biblioteca, também, pode contribuir para proximidade com a leitura; e principalmente se fazer presente nas escolas e quem sabe nas comunidades próximas.

No tocante ao acervo da biblioteca, é notório o seu crescimento, inclusive foi apresentado na pesquisa por meio dos dados levantados pelo sistema e pelos relatórios, procurando atender principalmente às bibliografias básicas e complementares de cada curso, conforme orientações do INEP. O trabalho tematiza algumas dúvidas recorrentes, quanto ao processo de aquisição do acervo, que segue uma política específica, não sendo possível a compra de livros conforme livre vontade. Além disso, os recursos para esses fins também não são abundantes, sendo necessário uma seleção, realizada pelo SISBIB e não pela biblioteca.

O registro crescente na quantidade de empréstimos e de renovações levantados na pesquisa são outros levantamentos importantes, eles sugerem que a biblioteca tem sua utilização crescente, mostrando que seu público tem utilizado mais seus serviços. Um fator que contribuiu com esse aumento foi a mudança de prédio das bibliotecas, cada mudança ocorrida ocasionou um aumento significativo. Outro fator importante que sugere esse crescimento foi a recepção aos calouros promovida por profissionais da biblioteca, em que os calouros, além de recepcionados, conhecem os serviços e as dependências da biblioteca, tornando-os mais próximos deste setor, despertando o desejo maior de frequentá-la.

Outro ponto relevante levantado na dissertação foi o avanço da utilização da internet nos serviços da biblioteca, fato registrado principalmente no aumento do número de renovações de empréstimos realizados *online*. Além do serviço de renovação, o SISBIB também oferece outros serviços *online*, que não foram contabilizados, mas que tem sido utilizados cada dia mais, como elaboração de fichas catalográficas, pesquisa de acervo, reservas de itens, entre outros.

Não podemos negar que a internet mudou as funcionalidades das bibliotecas. A biblioteca Professor Severino Francisco tem se empenhado de forma especial, conforme analisado, para se adaptar aos serviços *online*, oferecendo, inclusive, computadores para acesso à internet para pesquisa, nas dependências da biblioteca, além de disponibilizar rede *wi-fi*, bem como na maioria das instalações da UFT. Contudo, ainda é preciso realizar

muitas melhorias e adaptações tecnológicas, até mesmo porque as próprias tecnologias mudam constantemente.

Adentrando ao acervo literário, que é fundamental para a pesquisa, foi possível constatar que, diferente do que muitos pensam, a biblioteca possui um número considerável de livros literários, sendo que os livros voltados para a área de Linguística, de Literatura e de Artes, correspondem ao segundo maior acervo da biblioteca, e metade desse acervo corresponde a livros de literatura. Isso mostra que a falta de procura por livros literários está mais relacionado à falta de interesse ou de incentivo, do que pela falta de acervo.

Apesar de possuir um número significativo de obras literárias, é fundamental que se desenvolva outras práticas de atualização e de aumento do acervo literário, pois, além de atender o curso de letras, os livros literários devem ser utilizados também para outros alunos dos diversos cursos pertencentes à UFT. Outro ponto que deve ser considerado é a necessidade de fazer esses livros circularem mais na universidade, não ficando apenas nas estantes esperando que sejam emprestados, daí novamente a importância de ações que de incentivo à leitura.

Outro ponto significativo é pensar uma forma de facilitar a circulação dos livros literários entre o público externo da biblioteca, que, por não terem vínculo com a instituição, só podem utilizar qualquer obra nas dependências da biblioteca, o que muitas vezes desanima o leitor, por não poder levar o livro para casa.

Ressaltamos, novamente, a necessidade de fazer os acervos literários circularem, incentivando toda comunidade acadêmica a utilizar estes materiais, lembrando que eles podem contribuir para desenvolver suas habilidades de compreensão e de desenvolvimento crítico.

A partir dos dados sobre número de livros literários mais emprestados, também foi possível perceber que livros clássicos continuam sendo bastante emprestados, mesmo com vários livros literários atuais fazendo parte da lista. No ano de 2012, clássicos como “*Ensaio sobre a Cegueira*” e “*Dom Casmurro*” e, em 2017, “*Vidas Secas*” e “*A hora da estrela*” estiveram entre os mais emprestados. Também, foram registrados livros mais atuais e não considerados como alta literatura como “*Comer, rezar e amar*” em 2012, e “*Cinquenta tons de cinza*” em 2017.

Na lista de 2017, ano mais recente, observamos que os livros literários ditos “não clássicos” apareceram no topo da lista. Vale frisar que os livros “clássicos” foram mais emprestados por alunos do curso de Letras, enquanto os “não clássicos” por alunos de outros cursos. Esse fato pode indicar que os alunos do curso de Letras procuram os livros

que estão vinculados a seu curso ou por influências direta ou indireta dos professores nas disciplinas ministradas; já os alunos de outros cursos podem procurar os livros literários mais atuais por estarem na moda ou muito comentados, ou por recomendações diretas dos professores, por meio de trabalhos acadêmicos, por exemplo. Estes dados podem ajudar os cursos a incluir em seus programas mais livros literários.

Fica claro, neste estudo, que alunos de outros cursos, além de Letras, mesmo que de forma menos recorrente, também, interessam-se e emprestam livros literários. Mesmo sendo um quantitativo bem inferior aos alunos do curso de Letras, esses dados servem de base para problematizarmos a ideia de que apenas esses alunos têm interesse por este tipo de leitura. Por ser uma representatividade pequena, é fundamental que sejam incentivadas práticas de leituras literárias entre esse público. Vale ressaltar que mesmo para os alunos preocupados com sua formação profissional a literatura pode contribuir com seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Com os dados dos empréstimos de livros literários, foi possível conhecer duas características que podem contribuir no momento de planejar ações de incentivo à leitura na UFT. A primeira está relacionada ao sexo, sendo que a maioria dos leitores são do sexo feminino; e a segunda diz respeito ao turno, que mostra que a maioria dos alunos são do turno da manhã. Esses dados mostram que os esforços e as ações devem ser pensados para atender a esse público, bem como ações voltadas para o público masculino e do período noturno.

Também foram levantados dados a partir da aplicação de um questionário, essas dados nos permitiram construir um certo perfil dos acadêmicos da UFT, mostrando ainda que de forma incipiente, como eles se relacionam com a leitura e com a biblioteca. É importante dizer que a quantidade de alunos pesquisados não representou o quantitativo necessário para uma real amostragem estatística, contudo os dados levantados serviram apenas para oferecer uma visão geral de algumas características dos alunos da graduação.

De forma geral, os alunos da UFT Unidade Cimba demonstram interesse pela leitura, alguns chegando a dizer que leem entre 1 a 10 livros por ano, sendo que a maioria manifestou que costuma ler mais livros técnicos e científicos. No tocante à biblioteca, a maioria manifestou frequentar a biblioteca razoável ou constantemente, sendo que, na maioria das vezes fazem-nos para estudar, para pesquisar ou para elaborar trabalhos. A biblioteca foi considerada, pela maioria, um espaço adequado para leitura e que consideram importante a realização de ações de incentivo à leitura.

De acordo com a realidade da biblioteca Professor Severino Francisco, foram realizadas algumas ações importantes para o incentivo à leitura, algumas com grande

repercussão e outras com menos, mas todas com igual importância, pois levam os alunos ao contato com a leitura literária. Essas ações possibilitaram o aumento do acervo literário, inclusive com sugestão da própria comunidade acadêmica, por meio do projeto “O que você quer ler?”; essas ações, ainda, fizeram com que fosse instituído um evento específico em toda a UFT, que, entre outros objetivos, discute e mobiliza o incentivo à leitura.

Percebemos, com as ações da biblioteca Professor Severino Francisco, que tem existido uma preocupação com o desenvolvimento da leitura literária na universidade, seja promovendo essas ações ou buscando valorizar e apoiar ações já existentes, como foi o caso do projeto “Além da leitura”, em que os próprios alunos dedicam-se a motivar reflexões literárias.

É necessário destacar que a biblioteca é muito importante para toda comunidade acadêmica e comunidade externa, levando informação e contribuindo com o conhecimento de todos. No que se refere à leitura literária, a biblioteca possui um acervo rico, mas pouco utilizado, o que nos leva a um desafio institucional de promover mais ações que incentivem a leitura literária entre os acadêmicos. Mas é importante lembrar que esse desafio, também, deve ser expandido para a comunidade externa, pois além de um compromisso acadêmico a biblioteca é chamada ao compromisso social.

Pretende-se, a partir desta pesquisa, continuar ações como rodas de leituras, que já acontecem, de forma mais ampla para mais alunos e comunidade externa; serão elaborados projetos para levar leituras para as escolas e, também, para levar os alunos para biblioteca. Outra ação importante serão encontros que incentivem os acadêmicos a emprestar mais livros literários, fazendo, assim, circular o acervo literário da biblioteca.

Verificamos que a biblioteca Professor Severino Francisco tem realizado importantes ações de incentivo à leitura literária, conforme mostramos neste trabalho. Contudo, ainda existem várias possibilidades de expandir esse trabalho. É relevante que os gestores utilizem os relatórios de empréstimos como ferramentas para chegar a novos possíveis leitores literários em todo o câmpus e renovação de seus programas político-pedagógicos, sempre com o intuito de contribuir na formação de um leitor proficiente que se desenvolverá melhor na academia de modo global.

Por fim, esperamos que este estudo contribua para diversas outras pesquisas que ainda são possíveis e necessárias sobre a temática apresentada. No tocante à instituição, esperamos que ela possa contribuir para que a comunidade geral da UFT conheça um pouco mais da história da universidade, do câmpus e da biblioteca, além de conhecer algumas diretrizes deste setor que tanto impactam na vida acadêmica.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Prefácio: Percursos da Leitura. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: FAPESP; Mercado de Letras, 1999. p. 9 – 15.
- ALMEIDA, Luciana Souza e MEDEIROS, Valéria da Silva. Breve Panorama das Políticas Públicas para a Leitura no Brasil. In: I Simpósio de Linguística, Literatura e Ensino do Tocantins, 2013, Araguaína. **Anais**. Araguaína, TO: UFT, 2013. p. 297-304.
- AZEVEDO, Adriano Cataldo. 200 anos da Primeira Biblioteca Pública do Brasil: considerações histórico-biblioteconômicas acerca dessa efeméride. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 2, p. 2 – 25, abr./jun. 2012.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de Leitores e Razões para a Literatura. In.: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. p. 38 – 47.
- BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 351 p.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das Bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003. 239 p.
- BRASIL. **Decreto nº 519, 13 de maio de 1992**. Institui o Programa Nacional de Incentivo à Leitura PROLER. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/decreto/1990-1994/D0519.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/decreto/1990-1994/D0519.htm). Acesso em: 10 jan. 2019.
- BRASIL. **Lei n. 13.696, de 12 de julho de 2018**. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm) Acesso em: 13 janeiro 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Manual de verificação in loco das condições institucionais**: credenciamento de instituições não universitárias; autorização de cursos superiores (ensino presencial e a distância). Brasília; MEC; SESu, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Manual1.pdf>. Acesso em: 31 de mar. 2019.
- CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. 272 p.
- CARLINO, Paula. **Escrever, Ler e Aprender na Universidade**: Uma introdução à alfabetização acadêmica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 239 p.

- CARVALHO, Thalles. **As bibliotecas da Antiguidade**. S.l: Frontispicio, 2016. Disponível em: <<https://frontispicio.wordpress.com/2016/03/07/as-bibliotecas-da-antiguidade/>>. Acesso em: 18 set. 2018.
- CASTRILLON, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.
- CASTRO FILHO, C. M. Roger Chartier e práticas de leitura: uma abordagem para o campo da informação. In: SEGUNDO, J. E. S.; SILVA, M. R.; MOSTAFA, S. P. (Org.) **Os pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.
- CASTRO, Manoel Antônio de. **Leitura: questões**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2015. 330 p.
- CERVO, A.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6ª ed. São Paulo: Pearson, 2007
- CORREA, Carlos Humberto Alves. **Leitura na Universidade: entre as estratégias de produção e as práticas de recepção**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2001. 236 p.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014. 189 p.
- CUNHA, Murilo Bastos da. Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, p. 2 – 17, jan./abr. 2008.
- DENICOLI, Emerson Subtil. **Gestão Participativa: Um Estudo sobre a Participação dos Técnico-Administrativos nos Processos de Gestão da Universidade Federal do Tocantins**. 2016. 247 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas) - Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas, Universidade Federal do Tocantins - UFT, Palmas, 2016.
- DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Literatura, leitura e escola: uma hipótese de trabalho para a construção do leitor cosmopolita. In PAIVA, Aparecida et. al. (Org.) **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ECO, Umberto. **A Biblioteca**. Lisboa: Difel, 1994. 29 p.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Moderna: São Paulo, 2003. (Coleção palavra da gente; v. 1. Ensaio).
- GARCIA, Fernanda. PNLE, afinal de contas o que virou lei? **Publishnews**, 2018. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/07/16/pnle-afinal-de-contas-o-que-virou-lei>. Acesso em: 13 janeiro 2019.
- GIBBS, Graham. **Análise de Dados Qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da Leitura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010. 158 p.



**III SEMANA do Livro e das Bibliotecas da UFT:** Relatórios de atividades realizadas – Biblioteca “Professor Severino Francisco”. Araguaína: UFT, 2018. 15 p.

LEFFA, Wilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzatto, 1996. 98 p.

LEITÃO, Bárbara Júlia Menezello Leitão. **Avaliação qualitativa e quantitativa numa Biblioteca Universitária:** grupos de foco. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

MANGUEL, Alberto. **A Biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 301 p.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 405 p.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos, 74).

MATIAS, Lissandra e TOLEDO, Simone. Melhores Universidades 2016: as melhores do Brasil por região. **Guia do Estudante**, São Paulo, 24 out. 2016. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/premio-melhores-universidades-as-melhores-do-brasil-por-regiao/>. Acesso em: 05 fev. 2019.

MESQUITA, Isabel Chaves Araújo; CONDE, Mariana Guedes. A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 10, 2008, São Luís, MA. 6 p.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê, 2002. 116 p.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 19. Petrópolis: Vozes, 2001

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979. (Biblioteca Universitária de literatura brasileira: Série A; v. 6)

OLIVEIRA, Nilton Marques de; BRITO, Eliseu Pereira de; MEDEIROS, Messias Rodrigues. Universidade Federal do Tocantins-UFT e sua Inserção Regional: uma abordagem da Teoria dos Lugares Centrais. **Revista Interface (Porto Nacional)**, n. 06, 2013.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de metodologia científica:** projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 2004.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da Leitura Literária. In.: PAIVA, Aparecida et. al. (org.). **Leituras Literárias:** discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 55 – 68.

PAULINO, Graça. Letramento Literário no Contexto da Biblioteca Escolar. In: PAIVA, Aparecida et. Al. (org.). **Democratizando a Leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004. p. 55 – 66.

PAULINO, Graça. Sobre leitura e saber, de Anne-Chartier. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Bruna e MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). **A Escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 71 – 76.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RANGEL, Egon. O. Literatura e livro didático no ensino médio: caminhos e ciladas na formação do leitor. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. (Org.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. 1ed. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2005, v. p. 145-164

RIOS, Sanyheire Irineu de Araújo. Formação de leitores proficientes. In: PINHEIRO, Hélder (et. al.). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008, p. 93-104.

ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, Dez. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652006000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652006000300017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06/07/2017.

SANTOS, Gracelyne Oliveira. **Relatório Técnico**. Araguaína: UFT, 2007. 12 p.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 50 -61, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/132/168>>. Acesso em: 25/07/2018.

SANTOS, Josiel Machado. O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175 - 189, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237/235>. Acesso em: 14/05/2019

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Angela Marques. **A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis**: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Andréia de Carvalho. **As Contribuições da Sociologia de Bourdieu para o Estudo da Cultura Organizacional da Universidade Federal do Tocantins – Câmpus de Araguaína**. 2018. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004. 115 p.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura Literária & Outras Leituras: Impasses e Alternativas no Trabalho do Professor**. Belo Horizonte: RHJ, 2009. 216 p.

SOARES, Magda. A escolarização da leitura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. Ler, Verbo Transitivo. In.: PAIVA, Aparecida et. al. (org.). **Leituras Literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 29 – 34.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In.: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. 2. ed. São Paulo: Global, 2004. p. 89 -113.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 128 p.

SOUZA, Raquel Aparecida. SILVA, Marcelo Soares Pereira da. Modelos e práticas de gestão na educação superior: uma análise do processo de implantação da UFT. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**. v. 23, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19145/11147> >Acesso em 27 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2016 – 2020**. Palmas: UFT, 2016. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/s/7uljzImaSmyJXCeL3awqSA>. Acesso em: 02 fev. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Relatório de Avaliação Institucional UFT: ano base 2017, ciclo 2015 – 2017**. Palmas: UFT, 2018. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/s/dTqSNEM5QxqUQm1fj6uE4g>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Sistema De Bibliotecas. **Relatório das atividades desenvolvidas pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins: 2012**. Palmas: UFT, 2012. 38 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Sistema De Bibliotecas. **Relatório das atividades desenvolvidas Sistema de Bibliotecas 2015**. Palmas: UFT, 2015. 42 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Sistema De Bibliotecas. **Relatório das atividades desenvolvidas Sistema de Bibliotecas 2017**. Palmas: UFT, 2018. 59 p.

VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana e CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista de Letras**, Curitiba, n. 44, p. 185-196, 1995.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados**. Curitiba: Aymarâ, 2009. 93 p.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: IbpeX, 2010. 257 p.

ZILBERMAN, Regina. Leitura Literária e Outras Leituras. In.: BATISTA, Antônio Augusto Gomes e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (org.). **Leitura: práticas, impressos, letramento**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 71 – 88.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

1. Curso/Período: \_\_\_\_\_
2. Faixa Etária: ( ) menos de 20 ( )20 a 29 ( )30 a 39 ( )40 ou mais
3. Em relação ao seu gosto pela Leitura, podemos dizer que é:  
( )Nenhum ( ) Fraco ( )Médio ( ) Grande
4. Que tipo de leitura você costuma realizar com mais frequência?  
( )Literária - romance, poesia, teatro  
( )Teórica/Técnico Científico  
( )Informativa - Jornais, Revistas
5. Quantos livros literários você costuma ler durante o ano?  
( )Nenhum ( )1 a 5 ( )6 a 10 ( )11 a 20 ( ) mais de 20
6. Antes de ingressar na Universidade você já tinha frequentado alguma biblioteca?  
( ) Sim ( )Não
7. Com que frequência você costuma ir à biblioteca?  
( ) Raramente ( ) Às vezes ( )Frequentemente / Regularmente
8. Você costuma ir à Biblioteca para:  
( )Leitura casual/Consulta  
( )Estudar/Pesquisar/Elaborar trabalhos  
( )Emprestar/ Devolver livros
9. Você considera a Biblioteca “Professor Severino Francisco” um bom lugar para leitura?  
( )Sim ( )Não
- Observação: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- 
10. Você acha importante a realização de projetos de incentivo à leitura em Bibliotecas Universitárias?  
( )Sim ( )Não
- Observação: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
-

